

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA-UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**

Tatiana de Medeiros Santos

**MAGISTÉRIO EM DECLÍNIO:
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE
EX-ALUNAS DO MAGISTÉRIO DO
COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS
NEVES (1970)**



**João Pessoa - PB
Fevereiro /2009**

TATIANA DE MEDEIROS SANTOS

**MAGISTÉRIO EM DECLÍNIO:
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE EX-ALUNAS DO MAGISTÉRIO DO
COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES (1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em educação da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Charliton José dos Santos Machado

**João Pessoa - PB
Fevereiro /2009**

TATIANA DE MEDEIROS SANTOS

MAGISTÉRIO EM DECLÍNIO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE EX-ALUNAS DO MAGISTÉRIO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES (1970)

Dissertação defendida em ____/____/ 2009.
Orientador: Charliton José dos Santos Machado
Mestranda: Tatiana de Medeiros Santos

Banca Examinadora

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado
Orientador - CE /UFPB

Profa. Dra. Maria Lúcia da Silva Nunes
Examinador interno - CE/UFPB

Profa. Dra. Ana Maria Coutinho de Sales
Examinador externo/UFPB

Suplentes

Prof. Dr. José Vaz Magalhães Neto
Examinador externo-CE/PPGCR

Prof. Dr. Antônio Carlos Ferreira Pinheiro
Examinador interno – CE/UFPB

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração direta ou indireta de muitas pessoas e instituições. A intenção neste momento é demonstrar o reconhecimento a todos que participaram dos embates com a palavra, entre avanços, recuos e discussões quanto à viabilidade desta dissertação. Neste momento é motivo de alegria manifestar gratidão a todos de forma particular:

Sou grata a Deus, por ter iluminado a minha trajetória e a dos envolvidos nesta pesquisa.

Ao orientador, Professor Dr. Charliton José dos Santos Machado, que foi mais do que um professor atencioso, competente e amigo. Ofereceu-me orientação, sugestões metodológicas e bibliográficas e acompanhamento zeloso. É um verdadeiro mestre que não esquecerei pela vida inteira.

Pela leitura atenta e preciosa da professora Dra. Maria Lúcia Nunes da Silva, que realizou uma excelente contribuição nesta dissertação, além de ser uma excelente amiga, competente e cuidadosa. Sua presença, sugestões e esclarecimentos, marcaram as páginas deste trabalho.

A professora Dra. Ana Maria Coutinho de Sales, que conheci na oportunidade da qualificação da dissertação e contribuiu de forma minuciosa para afunilar as questões trazidas durante o exame de qualificação.

A Ir. Margarida, pessoa admirável com a qual aprendi muito a cada entrevista realizada. Acredito que nesta trajetória conquistei uma amiga.

As ex-alunas da última turma do magistério do Colégio Nossa Senhora das Neves (CNSN) em 1970: Maria Cristina Soares da Fonseca, Rejane Pereira dos Santos, Mary Elizabeth Rodrigues de Almeida e Selma Lúcia Gonçalves Cavalcante Cornélio, que colaboraram com suas memórias de forma prazerosa. A vocês muito obrigada pela acolhida calorosa, pelas tardes memoráveis, entre risos e lágrimas.

Em especial aos meus pais pela paciência, apoio e compreensão: Antônio Veríssimo dos Santos e Maria da Luz Medeiros Santos e aos meus Irmãos José Arizano, Fabiana Medeiros e Marcelo Medeiros pela ternura infinda e pela

solidariedade absoluta que me dão sempre a certeza de que, depois de tudo, existe um lugar para se chegar, quer na hora das alegrias, quer na hora dos abismos. Deles obtenho a paz necessária que me levou à consecução deste trabalho.

Pela presença e interlocução sempre enriquecedora da minha amiga Francymara Antonino Nunes de Assis, que foi cúmplice e crítica o tempo todo.

A Coordenadora do Programa da Pós-Graduação em Educação Dr. Adelaide Alves Dias.

Aos professores do Mestrado em Educação da turma 26.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação pelo acompanhamento diário, dedicação e eficiência em seus trabalhos e, em especial a Rosilene Mariano Farias.

Aos amigos do Mestrado em Educação: turma 26, pela riqueza dos momentos de estudos e debates vivenciados. Esse foi um momento impar em nossas vidas.

Aos amigos que fiz no percurso desta pesquisa: Philipe, Rosângela, Bruna, Faviani, Roseana, Viviane, Daniele, Márcia, Sabrina, Dianatijacy, Daniela, Cristiane, Jassuípe, Ramsés, Luciênio e perdão por aqueles que não consegui lembrar.

Aos funcionários do Setor de Escolas Extintas, anexo da Inspetoria Técnica de Ensino (ITE), pela receptividade dentro das limitações físicas encontradas naquele recinto.

Aos funcionários da Faculdade de Ciências Médica, por me recepcionarem afetosamente a cada visita que realizei a Ir. Margarida.

Por fim, agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela concessão de uma bolsa de estudos para a pesquisa.

Finalmente a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

RESUMO

Esta dissertação tem como principal objetivo analisar as histórias e memórias de ex-alunas da última turma concluinte do magistério do Colégio Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa, no ano de 1970. Pretende oferecer uma contribuição ao crescente campo de investigação dos estudos de gênero na história da educação brasileira e paraibana, buscando reconstruir e reinterpretar a ordem educacional e o lugar dos seus sujeitos históricos no contexto pesquisado. Este estudo insere-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural e fundamenta-se no campo da memória, tendo como principal fonte de pesquisa o depoimento oral, obtido através de entrevistas gravadas e posteriormente transcritas com a finalidade de produzir o documento oral. Outras fontes também foram revisitadas como complemento para o entendimento acerca do cotidiano escolar em questão, a exemplo de documentos oficiais e não oficiais. Para a realização deste estudo e compreensão da realidade investigada, foi necessário trazer à tona os elementos históricos da referida instituição, que fechou suas portas definitivamente em 2002. Nesse sentido, os relatos de uma ex-diretora da instituição também foram decisivos para a pesquisa. O desafio maior deste estudo foi desvelar, por meio das memórias de quatro ex-alunas, fatos históricos que deflagraram a crise e o declínio da formação do magistério no Colégio Nossa Senhora da Neves em 1970. Reunidos os depoimentos, realizou-se a sistematização e interpretação analítica das categorias família, escola, disciplina e declínio do magistério. Tal processo revelou episódios de vida articulados com os espaços social, cultural e político, e com as vivências da formação do magistério no interior de uma escola feminina e confessional. Os reflexos da formação educacional recebida pelas ex-alunas estão presentes nas suas formas de conceber o mundo, sobretudo, na defesa de um modelo escolar marcado pelo rigor disciplinar, vinculado à família e aos valores cristãos a partir de uma ideologia educacional que tinha o propósito de submeter os corpos nas relações de poder dentro do espaço social. Se, por um lado, as ex-alunas constatarem o caráter disciplinador do espaço assinalado, bem como de suas práticas, por outro, fazem questão de destacar a importância que atribuem a tal modelo educacional. Somente uma depoente enfatiza a necessidade que sentiu de libertar-se de tais práticas, evitando reproduzi-las em sua casa. Finalmente, por meio das narrativas e dos documentos consultado, observou-se que cada história individual se fez e se refez fortemente influenciada e condicionada ao contexto da escola.

Palavras-chave: História oral; Memória; Cotidiano; Magistério; Colégio Nossa Senhora das Neves.

RESUMÉ

Ce mémoire a comme objectif principal d'analyser les histoires et souvenirs des anciennes élèves de la dernière classe de l'école normale du collège Notre Dame des Neiges à João Pessoa, dans l'année 1970. Son but est d'offrir une contribution au champ d'investigation, en croissance, d'études de genre dans l'histoire de l'éducation brésilienne et *paraibana*, tout en souhaitant reconstruire et réinterpréter l'ordre éducationnel et le lieu de ses sujets historiques dans le contexte étudié. Cette étude suit les présupposés théorico-méthologiques de la Nouvelle Histoire Culturelle et est basée dans le champ de la mémoire, en ayant comme principale source de recherche le témoignage oral, obtenu à travers des entretiens enregistrés et ultérieurement transcrits à fin de reproduire le document oral. D'autres sources ont été utilisées comme complément pour la compréhension du quotidien scolaire en question, tels des documents officiels et non officiels. Pour l'accomplissement de cette étude et la compréhension de la réalité analysée il a été nécessaire de raviver les éléments historiques de cette institution qui a fermé ses portes définitivement en 2002. Dans ce sens, les récits d'une ex-directrice de l'institution ont aussi été décisifs pour la recherche. Le plus grand défi de cette étude a été celui de dévoilé, à travers les souvenirs de quatre anciennes élèves, des faits historiques qui ont débuté la crise et le déclin du cursus de l'école normale du Collège Notre Dame des Neiges en 1970. Une fois rassemblés les témoignages, on a effectué la systématisation et l'interprétation analytique des catégories famille, école, discipline et déclin de la formation de l'école normale. Ce processus a dévoilé des épisodes de vie articulés avec les espaces social, culturel et politique, et avec les expériences de la formation de l'école normale à dans le sein d'une école féminine et confessionnelle. Les échos de la formation éducationnelle reçue par les anciennes élèves sont présents dans leurs façons de concevoir le monde, surtout, la défense d'un modèle scolaire marqué par la rigueur disciplinaire liée à la famille et aux valeurs chrétiennes à partir d'une idéologie éducationnelle qui avait le but de soumettre les corps dans les rapports de pouvoir à l'intérieur de l'espace social. Se d'un côté les anciennes élèves constatent le caractère disciplinant de l'espace signalé, ainsi que ses pratiques, d'un autre côté, elles veulent mettre en évidence l'importance qu'elles attribuent à ce model éducationnel. Une seule interviewée signale le besoin de se libérer de ses pratiques-là, en évitant de les reproduire chez elle. Finalement, à traves les récits et les documents utilisés, on a observé que chaque histoire individuelle a été fortement influencée et conditionnée par le contexte de l'école.

Mots-clés: Histoire Orale; Mémoire; Quotidien; Ecole Normale; Collège Notre Dame des Neiges.

SUMÁRIO

Introdução: Da construção do objeto aos passos iniciais da Pesquisa.....	17
Capítulo I: Abordagens conceituais da pesquisa: primeiros passos	26
2.1 Aprendendo com a História Cultural.....	26
2.2 Fontes pesquisadas: história, história oral e memória.....	31
2.3 O campo metodológico da história oral e da memória.....	34
Capítulo II: Colégio Nossa Senhora das Neves: um breve recorte	
histórico.....	46
3.1 Reconstruindo a trajetória histórica da escola destinada ao sexo	
Feminino (1858-2002).....	46
3.2 Historicizando o Curso Normal: da equiparação em 1924 ao	
encerramento das atividades do curso em 1970.....	56
3.3 Algumas ausências, permanências e transformações: no espaço	
da Faculdade de Ciências Médicas (2008).....	64
Capítulo III: Memórias da Irmã Margarida Maria Marcelo Costa e o Colégio	
Nossa Senhora das Neves.....	72
4.1 Irmã Margarida Maria Marcelo Costa: traços biográficos.....	73
4.2 Poemas de Ir. Margarida com a temática do Colégio Nossa	
Senhora das Neves.....	78
4.3 Irmã Margarida Costa e sua dedicação ao magistério.....	86
4.4 A cotidianidade escolar: práticas e disciplinas.....	88
4.5 As mudanças de rumo da escola: crises e transformações.....	95
Capítulo IV: Histórias, memórias e registros: entrelaçando fontes.....	99
5.1 Família e escola.....	99
5.2 A disciplina no cotidiano escolar.....	113
5.3 O declínio do magistério nas vozes das ex-alunas.....	124

Conclusão.....	136
Referências.....	140
Anexos.....	146
Apêndice.....	165

ANEXOS

Anexo A: Registro de ampliações do CNSN.....	147
Anexo B: Registro de ampliações do CNSN em 1950.....	148
Anexo C: Em 1924, foi concedido diploma a 295 alunas.....	149
Anexo D: Registro do sucesso de ex-alunas quando eram transferidas para outra instituição.....	150
Anexo E: Corpo docente constituído por Religiosas da Sagrada Família e também de professores do Lyceu Paraibano e do Colégio Pio X.....	151
Anexo F: Atestado de idoneidade moral em 09/06/1943.....	152
Anexo G: Critérios de avaliação da instituição em 1938.....	154
Anexo H: Getúlio Vargas concedeu a Inspeção permanente ao CNSN em 12 de maio de 1941.....	156
Anexo I: Em 10 de abril de 1945, foi aprovada a classificação que a colocou como categoria: “BOM” e com a menção de 9,180 pontos.....	157
Anexo J: Em 1958, consta no processo de Nº 906, um ofício que emite a ordem de arquivamento do processo em questão (1º volume) na Inspetoria Seccional.....	158
Anexo L: Tradução do poema Caríssima madre visitante.....	159
Anexo M: Hino do CNSN.....	160
Anexo N: Convite da missa da última turma do magistério em 1970.....	162

APÊNDICE

Apêndice A: Roteiro da entrevista realizado com as quatro ex-alunas da última turma do magistério do CNSN (1970).....166

Apêndice B: Roteiro da primeira entrevista a realizado com Ir. Margarida Marcelo Costa: ex-diretora do CNSN.....168

Roteiro da segunda entrevista a realizado com Ir. Margarida Marcelo Costa: ex-diretora do CNSN (1970).....169

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 01: Alunas e professoras da última turma concluinte em 1970.....	18
Foto 02: Foto oficial de formatura da turma do magistério em 1970.....	19
Foto 03: Visão Geral da escola, a esquerda encontra-se a atual capela	50
Foto 04: Visão interna da Capela.....	50
Foto 05: Freiras em oração.....	50
Foto 06: Visão interna da capela.....	50
Foto 07: CNSN em 1906.....	52
Foto 08: CNSN em 1920, com a presença de alunos do sexo masculino.....	53
Foto 09: Turma de alunos do CNSN (1909).....	53
Foto 10: Retiro das Noelistas e ex-alunas realizado em 1936. Monumento do coração de Jesus.....	53
Foto 11: Monumento Coração de Jesus, atual.....	53
Imagem 1: Capa da revista Flor de Neve (1938).....	54
Imagem 2: Diploma expedido para aluna concluinte do curso Normal em 1924.....	57
Imagem 3: Segunda parte do diploma expedido para aluna concluinte do curso Normal em 1924.....	58
Quadro 1: Quadro de matrículas de alunas do terceiro ano do curso Pedagógico Primário (1961-1970).....	61
Imagem 4: Poema recitado em homenagem à Ir. Francesa.....	62
Foto 12: Festa de encerramento da última turma do magistério (1970).....	63
Foto 13: Inicias do Colégio das Neves (NSN) no pátio interno.....	65
Foto 14: Inicias do Colégio das Neves (NSN) no pátio interno.....	65

Foto 15: Iniciais no pátio da Faculdade de Ciências Médicas (FCM).....	66
Foto 16: Rampas de acesso.....	66
Foto17: Elevador.....	66
Foto 18: Bebedouro elétricos.....	66
Foto 19: Catracas na portaria	67
Foto 20: Quadra	67
Foto 21: Auditório reformado.....	67
Foto 22: Grades de clausura.....	68
Foto 23: Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.....	68
Foto 24: Grade de proteção de madeira.....	68
Foto 25: Cantina.....	69
Foto 26: Prateleiras em que guardavam os trabalhos manuais	69
Foto 27: Laboratório.....	69
Foto 28: Aula de ginástica.....	69
Foto 29: Aulas de ginástica	69
Foto 30: Atual praça da alimentação.....	69
Foto 31: Sala de aula.....	70
Foto 32: Sala de aula.....	70
Foto 33: Armário de professores	70
Foto 34: Fachada principal do CNSN.....	70
Foto 35: Morada da Ir. Margarida Costa (Faculdade de Ciências Médicas).....	76
Foto 36: Visita a Ir. Margarida em dezembro de 2007.....	77
Foto 37: Pesquisadora e Ir. Margarida em março de 2008.....	77

Foto 38: Pesquisadora e Ir. Margarida em março de 2008.....	77
Imagem 5: Ir. Margarida Marcelo Costa	79
Foto 39: Alunas no pátio da escola antes da mudança para o jardim	82
Foto 40: Ir.Margarida como aluna.....	88
Foto 41: Fotografia que registra a vocação religiosa.....	88
Foto 42: Fotografia que registra a transição entre ser professora e posteriormente diretora.....	88
Foto 43: Organização do espaço escolar.....	92
Foto 44: Fotos recentes da Ir. Margarida Costa.....	97
Foto 45: Fotos recentes da Ir. Margarida Costa.....	97
Foto 46: Fotos recentes da Ir. Margarida Costa.....	97
Foto 47: Cozinha do colégio.....	97
Foto 48: Refeitório das ex-alunas do colégio.....	97
Imagem 6: Frente da Carteira de estudante da ex-aluna Cristina Soares em 1970.....	109
Imagem 7: Verso da Carteira de estudante da ex-aluna Cristina Soares em 1970.....	109
Imagem 8: Boletim da ex-aluna Cristina Soares em 1970.....	109
Foto 49: Alunas em aula de equilíbrio.....	115
Foto 50: Alunas em aula de equilíbrio.....	115
Foto 51: Crianças no pátio fazendo Ed. Física.....	115
Foto 53: Disposição das carteiras do CNSN.....	116
Foto 54: Fachada lateral interna esquerda.....	117
Foto 55: Continuação da fachada esquerda.....	117

Foto 56: Continuação da fachada esquerda.....	117
Foto 57: Fachada lateral interna no lado direito.....	117
Foto 58: Corredor no primeiro andar.....	117
Foto 59: Corredor no térreo.....	117
Foto 60: Entrada principal do CNSN.....	118
Foto 61: Entrada do Colégio São Vicente.....	118
Foto 62: Janela da sala da ex-diretora Ir. Margarida.....	119
Foto 63: Alunas do Colégio em dia de festa.....	123
Foto 64: Corredor de acesso ao antigo Colégio São Vicente.....	126
Foto 65: Janelas do ex-colégio São Vicente.....	126
Foto 66: Alunas do curso comercial.....	127
Foto 67: Sala para aula prática do curso comercial.....	127
Foto 68: Cotidiano das alunas.....	129
Foto 69: Ir. Carneiro e as alunas.....	129
Foto 70: Alunas na escadaria.....	129
Foto 71: Alunas no dia a dia.....	129
Foto 72: Alunas descontraídas.....	129
Foto 73: Entrada do CNSN.....	130
Foto 74: Visão da parte de trás do CNSN.....	131
Foto 75: Visão do lustre na Capela do CNSN.....	132
Foto 76: Rejane e Irmã Margarida.....	132
Foto 77: Rejane na escadaria de acesso ao primário.....	132
Foto 78: Rejane na porta da sala do primário.....	132

Imagem 9: Capa do convite de formatura da última turma do magistério em 1970.....	133
Imagem 10: Programação da festa da ultima turma do magistério em 1970.....	134
Foto 79: Missa.....	139
Foto 80: Alunas em torno do bolo.....	139
Foto 81: Entrega do Diploma.....	139
Foto 82: Benção dos anéis.....	139
Foto 83: Ofertório.....	139
Foto 84: Comunhão.....	139
Imagem 11: Brasão do hino do CNSN.....	160

INTRODUÇÃO

Da construção do objeto aos passos iniciais da pesquisa

Esta dissertação é resultado de uma de pesquisa que tem como objetivo geral analisar as histórias e memórias de ex-alunas da última turma concluinte do magistério do Colégio Nossa Senhora da Neves (CNSN), em João Pessoa, no ano de 1970 e, pretende oferecer uma contribuição ao crescente campo de investigação dos estudos de gênero na história da educação brasileira e paraibana, buscando reconstruir e reinterpretar a ordem educacional e lugar dos seus sujeitos históricos no contexto pesquisado.

A escolha da referida temática resultou de duas dimensões históricas recentes: a primeira, a partir do impacto vivenciado com o encerramento das atividades dessa tradicional instituição escolar, no início de 2002, após um longo processo de contribuições à educação da Paraíba, iniciado em 1857, na administração de Beaurepaire Rohan, com o propósito de oferecer uma formação das primeiras letras às mulheres. A segunda originou-se a partir de estudos e abordagens historiográficas, com a inserção na pesquisa em educação, ainda na condição de aluna especial da disciplina Gênero, história e cultura, sob a orientação do Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado, em 2003.

Perseguindo esse foco histórico, ainda na construção do projeto de mestrado, percebeu-se a necessidade de recompor esse passado recente, recriando tempos e ausências, preenchendo-os e dotando-os de sentidos, buscando desvelar parte dos acontecimentos que dão conta, entre outras coisas, do crescente declínio da constituição do magistério como profissão feminina no ensino elementar, algo que foi se constituindo com muita ênfase nas últimas décadas do século XX.

Sendo assim, desde os primeiros momentos, buscou-se refletir sobre a construção do feminino como sujeito primordial do magistério em nossa sociedade, particularmente, nas instituições de tradições confessionais, a exemplo do CNSN, num dado contexto histórico, qual seja: o último ano de funcionamento

da turma de formação para o magistério da referida instituição escolar, a partir dos relatos de vidas, das histórias e memórias de alunas concluintes da última turma de 1970, possibilitando estabelecer um vínculo ou mesmo uma contestação das versões históricas consolidadas acerca do período pesquisado, momento esse que coincidia com os primeiros sintomas do seu declínio ou da crítica à formação do magistério como única condição de profissionalização da mulher na sociedade.

A seguir retrata-se a tradicional foto de professoras e alunas da última turma concluinte em 1970 do CNSN, na escadaria. Nota-se no centro da fotografia a presença das professoras e as alunas, logo atrás em seqüência, na escada. De cima para baixo, ainda na escada, a terceira aluna é a Ir. Carneiro, religiosa que também fez parte como aluna da última turma do magistério.



Foto 1: Alunas e professoras da última turma do magistério em 1970.

Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Selma Lúcia Gonçalves Cavalcanti Portela.

Constituiu-se o entendimento de que a leitura dessa delimitação histórica era crucial, haja vista que, em grau mais intenso, fermentavam-se mudanças econômicas, políticas e culturais na Paraíba, e no resto do país, ou seja,

começava a configurar-se uma representação da mulher em busca de novas demandas e espaços na sociedade paraibana e brasileira, contrariando a tese cultural da profissão do magistério como algo destinado naturalmente ao feminino, por conseguinte, a ser seguido pelas gerações sob o forte controle da família e do Estado.

Nessa ordem de compreensão histórica, foram se evidenciando as maneiras como as ex-alunas e professoras produziam o mundo social, aliando-se ou afrontando-se através das dependências e tensões que as uniam e que as opunham, tomando como ponto de partida uma situação particular: a última turma do magistério do CNSN, algo que possibilitou reproduzir fragmentos das lembranças, das imagens, das trajetórias de vidas e de lugares diversos na sociedade: a rua, a escola, os grupos de amigos, a igreja, a família. Espaços de amplitude cultural, pois se entende que é nas relações cotidianas, decorrentes da existência individual e coletiva, que se edificam saberes e experiências dos sujeitos excluídos, apagados pelo tempo e ignorados pela história oficial.

A seguir as alunas da última turma do magistério em 1970, reunidas para registrar a tradicional foto de formatura.



Foto 2: Foto oficial de formatura da turma do magistério em 1970.

Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Cristina Soares Cavalcante.

Nessa perspectiva de análise, para narrar capítulos históricos das atividades do magistério do CNSN a partir da trajetória de vida das ex-alunas da última turma concluinte, em 1970, entendeu-se aqui que não existia outra forma além delas mesmas, para dizerem o que movia suas expectativas, sonhos, realizações emocionais, profissionais, seus dilemas políticos e ideológicos e os rumos seguidos posteriormente. Ou seja, a arte do dizer constituindo-se da própria prática do pensar e do fazer individual e coletivo, que comumente só vinham à tona através da versão produzida por meios oficiais. (THOMPSON, 1998).

Com isso, buscou-se reconstituir esse passado recente a partir dos depoimentos orais de ex-alunas e de outros relevantes documentos oficiais (Estatuto Escolar, documentações de matrículas, fotografias, livros, etc.), na perspectiva de organizar no presente importantes subsídios para se avançar na compreensão dos acontecimentos que balizaram uma existência do passado recente.

Nesse sentido, impôs-se como desafio crítico, principalmente, redimensionar a memória das ex-alunas do CNSN como fonte de pesquisa da história da educação da Paraíba, possibilitando assim compreender como pensavam e agiam, sobretudo, suas práticas e representações na família, igreja, política, enfim, nos espaços que se constituíam numa maneira particular de convivência na sociedade. (CHARTIER, 1988).

Esclarece-se aqui que, na condição de pedagoga, impactada com a desativação da mais importante instituição escolar da Paraíba e reconhecendo, também, que a história pode ser revista ou reexaminada em função de demandas conjunturais, não foi interesse atual deste estudo realizar uma investigação acerca das condições específicas do processo de declínio da instituição. Embora no decorrer da construção da pesquisa, essa foi uma permanente indagação formulada em diversos fóruns de debates acadêmicos: você vai estudar a falência institucional do CNSN em 2002?

Na verdade, é importante ressaltar que, desde o início, o interesse foi realizar um diagnóstico histórico preliminar da instituição, tendo como principal foco identificar as personagens femininas daquele contexto. Mas, ao conhecer

Irmã Margarida, uma das últimas diretoras desta instituição e diante da informação mencionada por ela que o curso do magistério teve todas as suas atividades encerradas em 1970, o foco do que ainda era projeto, foi redimensionado. Definido o objeto como histórias e memórias de ex-alunas da última turma concluinte do magistério do CNSN (1970). O projeto foi submetido ao Mestrado em Educação na UFPB e aprovado, em seguida apresentado ao Comitê de Ética, onde teve parecer favorável. Feito isso se procedeu o levantamento da documentação da instituição na Inspeção Técnica do Ensino no Setor de Colégios Extintos, da Secretaria de Educação e Cultura do Estado.

Neste momento inicial da pesquisa, foi importante a leitura do livro de Ribeiro (1976), publicado na ocasião das comemorações de 70 anos de portas abertas do CNSN. Uma fonte comum encontrada nos arquivos públicos e particulares das ex-alunas e de Ir. Margarida.

O passo seguinte foi à definição dos outros sujeitos da pesquisa, além da Irmã Margarida: quatro ex-alunas da última turma do magistério, que ainda mantêm fortes vínculos com as tradições da referida escola.

Por decisão pessoal das próprias informantes, são identificadas neste estudo a ex-diretora depoente e as quatro ex-alunas concluintes da última turma do pedagógico que permitiram coletar sob forma de entrevistas os seus depoimentos de lembranças do momento histórico pesquisado. São elas: Irmã Margarida Marcelo Costa, que atualmente encontra-se com 84 anos, foi aluna, professora e posteriormente diretora dessa Instituição; e as ex-alunas Maria Cristina Soares da Fonseca (56 anos); Rejane Pereira dos Santos (58 anos); Mary Elizabeth Rodrigues de Almeida, (57 anos); Selma Lúcia Gonçalves Cavalcanti Portela (58 anos).

Através dos seus depoimentos foi possível a aproximação com o contexto pesquisado, identificando histórias, memórias e lembranças, em face às permanências, ausências e transformações daquele período relacionado à formação do magistério como condição quase “inevitável” da profissionalização da mulher, além de tratar de questões de interesse das mais diversas práticas

individuais e coletivas de uma época escolar, colocando em evidência os processos de construção da realidade cotidiana.

Discorrer sobre a história do tradicional CNSN exige, sobretudo, um estudo da memória social, de documentos cartoriais e historiográficos; e a sincrônica, com o estudo em profundidade do tempo presente, através do registro das memórias de ex-alunas, ex-professoras e ex-diretora. Assim, inicialmente optou-se por trabalhar com a Irmã Margarida, visto que a mesma é ex-aluna, ex-professora e ex-diretora da referida instituição e foi um dos primeiros contatos fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

Em particular, neste estudo, via memória, busca-se compreender o sentido ou concepções e práticas educativas do magistério, a relação desse modelo escolar com a família, seus reflexos na vida cotidiana, lembranças do passado, frustrações vividas, e que, certamente, estiveram presentes em sua formação. Busca-se também respaldar essa experiência nas contribuições de Thompson (1998, p.25) que, entre outras tantas importâncias, considera a entrevista um meio eficaz de aproximação entre pesquisador e pesquisados, cuja relação traz implícita a subjetividade, e possibilita “[...] descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados [...]”.

Assim, a referida pesquisa apóia-se inicialmente nas contribuições de Camargo (1982, p.44), ao chamar atenção para a importância da entrevista como forte base para a definição da natureza sociológica dos fenômenos históricos, integrando subjetividade e objetividade. Na sua compreensão, somente através das entrevistas é que se pode compreender e refletir diretamente sobre as atitudes e as crenças de uma dada população em seus aspectos mais singulares, condizentes com o seu contexto sociocultural. Através das entrevistas o pesquisador tem a oportunidade de conhecer as práticas culturais com as quais a população articula sua experiência de vida social e ordena sua prática coletiva.

No ambiente de entrevistas/depoimentos com auxílio do gravador, algumas questões essenciais e planejadas seguiram um roteiro, havendo, obviamente, liberdade para outros itens. Foram elaborados aspectos tais como, nome, idade, naturalidade, estado civil e entre outras indagações mais amplas: qual a

importância da formação do magistério na vida profissional da mulher naquele contexto? Quais as relações dessa profissão com os interesses da família e da sociedade? O que projetava para o seu futuro profissional de educadora? O Magistério ainda era uma profissão de destaque para o público feminino da década de 1970? O que levou a escolha da profissão do magistério? Por que não optou por outra formação profissional? Que caminhos foram sendo construídos após a conclusão do curso do magistério no CNSN?

Estas e outras questões estiveram presentes do início ao fim desta pesquisa de dissertação em todas as entrevistas e nos permanentes diálogos, com a liberdade para ampliar o debate, não somente para reviver esse passado, mas para compreendê-lo historicamente. O roteiro pré-estabelecido à entrevista que serviu de base para desenvolver a pesquisa com quatro ex-alunas e a ex-diretora da instituição, encontram-se na íntegra nos apêndices A e B. Ressalte-se que em se tratando de um estudo que envolve a história do tempo presente, suas narrativas fortaleceram a possibilidade de investigação com vista a entender as encruzilhadas e as perspectivas da profissão do magistério. Sobre a importância da entrevista, ressaltam Meihy e Holanda (2007, p.13-14):

Implica em aceitar que os procedimentos são feitos no presente, com gravações, e envolvem expressões orais emitidas com a intenção de articular idéias orientadas a registrar ou explicar aspectos de interesses planejados em projetos [...] Muito do que é verbalizado ou integrado à oralidade, como gesto, lágrima, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo as expressões faciais – que na maioria das vezes não tem registros verbais garantidos em gravações, pode integrar os discursos que devem ser trabalhados para dar dimensão física ao que foi expresso em uma entrevista de história oral.

Com esta orientação acima, priorizou-se acompanhar as narrativas das informantes, bem como lançar o olhar atento e descritivo das diversas condições que as envolviam no seu ambiente cotidiano na atualidade, sem perder de vista a particularidade de suas memórias, dando conta, particularmente, das trajetórias de vida acerca do recente período histórico pesquisado, sempre atualizado por meio dos constantes encontros e diálogos. Para tanto, seguiu-se, também, a orientação de Le Goff (2004, p.163), para quem o “[...] passado é uma construção e uma

interpretação constante a partir do presente”, sob a ótica dos sujeitos que dela participaram.

As entrevistas seguiram uma agenda de contatos previamente estabelecidos, em sua maioria gravadas, foram realizadas principalmente nas residências das informantes, tendo sido imediatamente transcritas. Na transcrição foi preservada a linguagem oral das informantes como facilitadora do entendimento social, garantindo a legitimidade do documento oral transcrito para sua base material escrita.

Reunidas em seu conjunto, foi realizada uma sistematização e interpretação analítica das principais categorias que delas resultaram, tais como família e escola, disciplina no cotidiano escolar e declínio do magistério, consolidando episódios de vida articulados com os espaços social, cultural e político e com as vivências da formação magistério no interior do CNSN.

Assim, através dessas categorias, estabeleceu-se uma leitura com vista a recuperar a história da formação do magistério, ou seja, da escolaridade feminina da época e da sua relação com a sociedade em sua conjuntura mais ampla, a partir dos acontecimentos, lembranças de trajetórias de vidas que envolvem e envolveram as ex-alunas e professoras da última turma concluinte da instituição pesquisada, focando seus desdobramentos no ano de 1970.

O desafio maior desta dissertação foi desvelar, por meio de entrevistas/depoimentos orais, no transcorrer da pesquisa, uma memória de ex-alunas e professora, fatos históricos que deflagraram a crise e o declínio da formação do magistério em instituições tradicionais de referências religiosas, a exemplo do CNSN.

Por muito tempo as mulheres estiveram negligenciadas da história. Esta dificuldade de historiá-las deve-se inicialmente ao apagamento de seus traços, tanto públicos quanto privados. Apesar de esta pesquisa abordar através das memórias de ex-alunas uma história recente, essa história encontrava-se ausente. Onde estaria esta versão da história em um futuro próximo, se não fosse o trabalho do pesquisador para registrá-la?

Por muito tempo a mulheres estiveram excluídas da história. Os diversos estudos de Perrot confirmam essa realidade, visto que afirma que o olhar do pesquisador por muito tempo na história esteve voltado para outros acontecimentos públicos de grandes homens. Sendo assim:

[...] No que se refere às mulheres, esta vontade foi por muito tempo inexistente. Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê à relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das sociedades [...]. (PERROT, 2005, p.14).

Essa dificuldade em historiar mulheres persistiu devido ao apagamento de seus traços na história, tanto no que se refere ao público quanto ao privado.

Ainda segundo Perrot (1988, p.177), é recente o desejo de “[...] inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, de mostrar a presença real das mulheres na história mais cotidiana [...]”. A história por muito tempo se desenvolveu de forma sexuada, enfatizando apenas um dos sexos, sendo assim, a autora ainda enfoca que aos homens cabiam-lhes “[...] o cérebro (muito mais importante do que o falar, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão). Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.”

O modelo de estudo possibilita trazer à tona fragmentos das lembranças, das imagens, das trajetórias de vidas e de lugares diversos na sociedade, haja vista, que é no cotidiano que se edificam saberes e experiências dos sujeitos excluídos, por isso, apagados pelo tempo e ignorados pelas versões oficiais.

Nessa perspectiva teórica, entende-se que a história tradicional oferece uma visão macro concentrando-se na análise dos feitos dos grandes homens, dos grandes estadistas. Em contrapartida, a nova história cultural, na qual se baseia esta dissertação, desloca a sua atenção para a história dos homens e mulheres comuns, preocupando-se com as suas práticas culturais, suas experiências de mudança social.

Neste ponto de vista, Bosi (2003, p.15) afirma que a “[...] história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem por trás dos episódios. [...]”

Portanto, a reflexão aqui proposta inscreve-se, de uma maneira bastante particular, numa mudança profunda no modo de abordagem das experiências históricas, haja vista que a partir desse deslocamento permitiu-se a ampliação da investigação dos sujeitos e dos objetos históricos considerados adicionais. Proporcionando assim, uma compreensão mais profunda de outras versões históricas não oficiais, restituindo, em geral, o sentido e as significações das histórias singulares construídas em torno de pessoas comuns; restituiu, também, a tomada de consciência das diferenças que particularizam os grupos, as pequenas comunidades, os territórios e as ações dos excluídos da história, a exemplo das memórias de educadoras.

Abordagens conceituais da pesquisa: primeiros passos

1.1 Aprendendo com a História Cultural

A História Cultural originalmente nasceu na França, em contraposição aos paradigmas clássicos de uma dada história geral que se respaldava nas questões macro dos acontecimentos na história. Por esse viés, entende-se que a história clássica, em suas matizes teóricas, oferecia uma visão macro concentrando-se na análise dos feitos dos grandes homens, dos grandes estadistas. Contrariamente, a Nova História Cultural, desde sua origem, deslocou sua atenção para história dos homens comuns, das mulheres comuns, preocupando-se com suas práticas culturais, suas experiências da mudança social. (BURKE, 2005).

Conforme Burke (1997), o movimento de insatisfação e de contraposição às limitações dos clássicos da história, manifestada por Lucien Febvre¹ e Marc Bloch,² aproximadamente por volta de 1920, ocorreu pela insatisfação da limitação em relação à história política, que ignorava a necessidade urgente de se obter uma história que fosse mais abrangente, que contemplasse as diversas versões de quem fez parte dessa história e também de questões que envolvessem o sentir, pensar e agir das pessoas comuns.

Ao fundarem a revista do *Annales*, em 1929, registrou-se na história uma contribuição importante ao diversificar historiográfico. Nesse sentido, a disseminação da História Cultural está, rigorosamente, associada aos *Annales*, revista que teve como principal objetivo ser um instrumento de ampliação da

¹Lucien Febvre, foi admitido na Escola Normal Superior, então separada da Universidade de Paris. Durante sua vida expressou sua admiração pela obra de Michelet. Sua característica era a introdução geográfica, que traçava um nítido perfil do contorno de uma região (BURKE,1997).

²Como Febvre, Marc Bloc também frequentou a École Normale, onde seu pai ensinava história antiga. Apesar de seu interesse pela política contemporânea, Bloc optou especializar-se em história medieval. Seu compromisso com a geografia era menor do que Febvre, embora seu compromisso com a sociologia fosse maior. Mas ambos pensavam de maneira interdisciplinar (BURKE,1997).

perspectiva histórica, por aproximar-se de outras Ciências Sociais e pelo incentivo à ampliação de novas fontes e abordagens temáticas.

Neste âmbito, Le Goff (2004, p.130) enfatiza que após os *Annales*, começava a se enfatizar uma crítica à tese de que história da vida cotidiana era apenas uma maneira de abordar com mais especificidade a história econômica e social. Ou seja, começava a se organizar uma crítica às concepções de que os acontecimentos históricos só poderiam ser vistos como uma verdade única, sem a possibilidade de maiores contestações.

Dessa forma, Ferreira (1994) destaca que a história total, entra em um processo de declínio, após seu amplo prestígio durante todo o século XIX, por sucessivas críticas teóricas advindas da geração de historiadores pós-1930, no exercício das pesquisas e dos questionamentos, especialmente, ao marxismo e ao positivismo.

Merece destaque na escola dos *Annales* a sua terceira geração, por ser a primeira a incluir o estudo da cultura, das práticas dos sujeitos: crianças, mendigos, loucos, mulheres, sobretudo, a partir das contribuições trazidas por Chartier (1988, p.19) que discute e enfatiza as mudanças de abordagens “[...] da história social da cultura para a história cultural da sociedade”. Destacando, assim, que na sociedade os sujeitos conduzem suas relações entre práticas e representações, contemplando, por exemplo, a história dos camponeses ou vagabundos, como, também, das imagens que os mesmos têm de classes superiores e as imagens do “outro”.

Na ordem de defesa de um campo de abordagem mais amplo, a Nova História Cultural nasceu como a crítica aos enfoques clássicos e na defesa das aproximações com os enfoques da micro-história, redimensionando sua importância no contexto mais geral da história.

Seguindo esse fio condutor, especialmente, no que diz respeito à denominação da Nova História Cultural, Burke (2005, p.69) comenta que:

[...] a palavra “nova” serve para designar e discutir a Nova História Cultural – com a Nouvelle histoire francesa da década de 1970, com a qual as duas abordagens têm muito em comum – das formas mais antigas já discutidas anteriormente. A palavra

“cultural” diferencia-se da história intelectual, sugerindo uma ênfase em mentalidades, suposições e sentimentos e não em idéias ou sistemas de pensamentos. A diferença crucial entre ambas, segundo o famoso autor, enfatiza-se pelo contraste de Jane Austen entre “razão e sensibilidade.

Assim, conforme aponta Chartier (1988), a história tradicional, que por muito tempo esteve presa a uma visão limitada dos fatos, a uma verdade que apenas enfatizava a questão de macro acontecimentos, uma história que apenas era abordada no âmbito da versão daqueles que estão vendo os fatos de cima para baixo, a história oficial. Foi seguramente ameaçada pela ascensão da Nova História Cultural, que contestava as diferentes versões de acontecimentos, a partir dos diversos ângulos da sociedade, não buscando o fato em si, como única verdade, mas, ampliando a versão limitada dos fatos, tão divulgada amplamente pela história tradicional. Esse é, seguramente, o diferencial enfocado pela Nova História Cultural, de ter multiplicidade em seus traços e em sua relação com a atual realidade cotidiana.

Com o desenrolar de incessantes debates da Nova História Cultural, houve a ampliação da história dos fatos, que passou a enfatizar a história dos pequenos, da então denominada micro-história que, nas palavras de Chartier (1988), surgiu da emergência de novos objetos no seio das questões históricas; as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e a relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, entre outras questões de enfoque. Dessa forma, com as constantes críticas e reivindicações promovidas pela Nova História Cultural, paulatinamente, novos objetos foram sendo introduzidos nos estudos historiográficos, ampliando novos olhares sobre um mesmo objeto de estudo.

Ainda nas palavras de Chartier (1988, p.16-17), a história cultural, tal como se entende neste estudo, tem por principal objeto: “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada dada a ler [...]”. No entanto, na história cultural entende-se que não existe uma única versão dos fatos, pelo contrário existem várias. A partir dessas reivindicações, a história passou a ampliar seus horizontes, propondo novos

universos a serem trabalhados pela historiografia social, uma vez que, antes, pela história tradicional, não havia espaço e as representações do mundo social estavam sempre limitadas.

Neste caso, Chartier (1988, p.16) advoga que “[...] a história das mentalidades considerada como parte fundamental da história sócio-cultural, tendo por objeto o coletivo, o automático, o repetitivo, pode e deve tornar-se contável.”, Neste campo, a história não deve se limitar a contar apenas os fatos econômicos e políticos, mas, identificar na micro história, os sujeitos menores, pequenos, apontando, também, que eles fazem parte dos grande acontecimentos.

Desse modo, nas palavras de Pesavento (2003, p.94), ao referir-se à história tradicional, a história não poderia jamais ser total, nem dar conta de tudo ao mesmo tempo, visto que nenhum historiador seria capaz de dar conta dessa totalidade:

Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e as mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sociais como as mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas como o fim da energia a vapor, ou migração pessoal para uma nova comunidade [...] Por meio da história local, uma aldeia ou uma cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história [...]

Surgiu com a Nova História Cultural, de acordo com Burke (2005), a emergência de novos estudos, espécie de reação às tentativas anteriores de estudar o passado, esse momento foi denominado como a “virada cultural”. Nesse sentido, houve um deslocamento nas disciplinas, para o interesse crescente nos valores defendidos por grupos particulares em locais e períodos específicos e na busca de solucionar este problema de definição as atenções voltaram-se para os métodos de estudos.

Entre os historiadores culturais pode ser descrita a preocupação com o simbólico e suas possíveis interpretações. Estes símbolos, conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana, mas a abordagem do passado em termos de simbolismo é apenas uma entre outras. A

tradição francesa é distinta, entre outras coisas, por dirigir o foco para civilizações, mentalidades coletivas e o imaginário social.

Outra forma bastante evidenciada na Nova História Cultural que atualmente encontra-se em expansão é a História da Memória, algumas vezes descrita como “memória social” ou “memória cultural”.

Frente à essa ampliação de visão histórica proposta pela Nova história Cultural, Chartier (1988, p.21), menciona a importância da “[...] releitura e do reemprego de fontes classicamente utilizadas em história social (por exemplo, os arquivos notariais) [...]” e agora abre-se a possibilidade de se trabalhar com outras fontes, como a fotografia, a memória como campo de pesquisa, arquivos pessoais, entre outros, daí surge a invenção de novas fontes próprias para restituir as maneiras de pensar ou de sentir do indivíduo.

Com a ampliação do uso de novas fontes, apoiado pela Nova História Cultural nesta pesquisa, merece destaque a ampliação de poder utilizar-se das contribuições trazidas pelas fontes orais. A história oral possibilita outros dados historiográficos, novas fórmulas, ações, modos de pensar e sentimentos dessa nova história, que antes se concentravam naqueles que estavam no poder.

Conforme Alberti (2006, p.155) menciona a história oral é:

[...] é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente [...].

O citado autor, ainda reforça a importância da construção de um projeto de pesquisa com antecedência para que seja elaborada a entrevista. Essa relevância dada ao projeto, consiste em determinar: quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como o destino que será dado ao material produzido.

Outra contribuição da Nova História Cultural relaciona-se com o modo de produzir história ou o fazer historiográfico. Assim, ao tratar da amplitude desse campo na historiografia, Cordeiro jr. (2003, p.32) esclarece que: “A historiografia adquire uma abrangência muito maior, criando um campo do conhecimento cuja

finalidade é refletir e compreender as formas pelas quais as sociedades elaboram suas representações sobre as ações humanas no passado e como é possível contá-las”.

Atualmente, a historiografia tem sido explorada com certa frequência como a história da história, e atribuiu a si mesma a tarefa de verificação dos valores e dos fundamentos da chamada cultura histórica. Alcançando neste momento uma atividade de indagação sobre os modos de representação do tempo, do significado dos acontecimentos e do sentido das ações humanas. A esse respeito, o referido autor ainda menciona que será deste modo que se objetiva descobrir as inter-relações constitutivas dos tecidos empíricos, simbólicos e imaginários daquilo que se chama pensamento histórico, manifestado nas mais diversas esferas da experiência de vida individual e coletiva. Ou seja, caberá ao historiador ter a sensibilidade de descobrir os diversos sinais que denunciam seu engajamento na ordem cultural, do mundo social, que aproxime o indivíduo às características fundamentais da mentalidade coletiva.

Portanto, através da Nova História Cultural, com a abertura para abordar novas fontes, esta pesquisa utilizou-se do território da memória, como principal fonte. Com o uso da metodologia da história oral, o narrador vai narrar, ao lado do ouvinte, que, por sua vez, tem por ocupação de tirar-lhe segredos e lições que estavam dentro das coisas e assim transformar a sua matéria, e é a vida humana, em história. Nesse sentido, em relação ao narrador, Bosi (1987, p.49), comenta que “Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo.” E ao mesmo tempo reforça que “Uma atmosfera sagrada circunda o narrador.” Cabendo ao historiador desvelar a realidade contada em pedaços.

1.2 Fontes pesquisadas: história, história oral e memória.

A análise dos campos de conhecimento história e memórias da educação permitem revelar práticas e representações em diferentes tempos e espaços da vida cotidiana.

Segundo Ferreira, (1994, p.8), a história “[...] busca produzir um conhecimento racional, uma análise crítica através de uma exposição lógica dos acontecimentos e vidas do passado.” A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente. Sendo assim, história e memória são diferentes, mas ao mesmo tempo se completam.

No que diz respeito ao debate entre a “memória coletiva” e o que se convencionou denominar “memória histórica”, Halbwachs (apud MONTENEGRO, 2003, p.17), explica que ao analisar de forma minuciosa a memória e suas dimensões individual, coletiva e histórica, neste percurso é necessário constituir a distinção entre história e memória. Os aspectos considerados podem ser assim expostos: “[...] enquanto a memória é múltipla, a história ‘é uma e podemos dizer que não há senão uma história’[...]”.

Ainda, no que se refere à história e a memória, Thompson (1998, p.17) informa que:

[...] A memória pode dizer o vivido, o que ainda está presente no grupo, enquanto a história trabalha e constrói uma representação de fatos distantes, ou até mesmo, onde ou quando se encerra a possibilidade de encontrar testemunhas daquelas lembranças.

O referido autor estabelece uma distinção entre história e memória. Nesse momento, também se pode afirmar que são inseparáveis, mas possuem intercessões entre si. A história, como uma construção, ao resgatar o passado (o mesmo acontece com a memória), aponta para formas de explicação do presente e projeta o futuro.

No tocante a memória coletiva há uma dimensão individual ou mesmo singular, como resultante da elaboração subjetiva que a distingue, de forma bastante específica da história, ou seja, a história enquanto representação do real se refaz se reformula, a partir de novas perguntas realizadas pelo historiador ou mesmo da descoberta de outros documentos ou fontes. (THOMPSON, 1998).

De acordo com Halbwachs (2006, p.69) no tocante a memória individual e coletiva, pode-se dizer que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes [...]”

Nesta compreensão, Le Goff (2004) também afirma que a memória tem a característica de guardar alguns conhecimentos, sendo assim, a memória é seletiva, e remete a um conjunto de funções psíquicas, graças ao qual o informante pode atualizar suas impressões ou informações passadas, ou o que ele representa no passado, que estará no presente, em constante processo de atualizações do ato de lembrar os fatos do passado:

Finalmente, os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (nomeadamente no seguimento de Elbinghaus), nas manipulações conscientes ou inconscientes, que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura, exercem sobre a memória individual. Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. (LE GOFF, 2004, p.426).

Por esse viés, propõe-se refletir sobre a história da cultura, na perspectiva de analisar os indivíduos comuns, ou seja, recuperar suas trajetórias, suas táticas, suas representações.

Com a preocupação de desvelar os silêncios da história as contribuições trazidas pela Nova História Cultural, alargaram sobremaneira os tipos e as utilizações das fontes pesquisadas na perspectiva do enfoque da vida cotidiana. A respeito dessa questão, enfatiza Galvão (2001, p.102) que “[...] as fontes não mais se restringem aos documentos oficiais escritos, ganhando tanta importância quanto esses a fotografia, a pintura, a literatura, a correspondência, os móveis e objetos utilizados, os depoimentos orais”.

Nunes (1990, p.38), por outro lado, informa da importância das novas fontes no campo da história da educação, posto que se trate de:

[...] tesouros escondidos ou perdidos tanto nos arquivos públicos, quanto nos privados, tais como: diário de viagens, farta correspondência, relatórios de diretores, professores e alunos, memoriais, fotografias, desenhos [...] Ou seja, múltiplos elementos arquivados que no campo da análise cultural permitem uma reavaliação historiográfica dos velhos fatos, levando o pesquisador a novas descobertas e até mesmo refutações de verdades pré-estabelecidas.

Nesse sentido, esta dissertação, fundamentada no campo da memória, tem como objetivo geral analisar as histórias e memórias de ex-alunas da última turma concluinte do magistério do CNSN, em João Pessoa, no ano de 1970. Com o intuito de desvelar momentos de uma época, de um grupo, de uma dada sociedade, apreendendo as tramas, as atitudes, as crenças e as tradições inerentes às práticas e às representações cotidianas dos modos de vida da realidade investigada.

Por este viés, para Lang (1996, p.35), decidir a periodização da vida do entrevistado é um recurso muito importante, visto que, quem organiza a narrativa com os fatos, também vai considerar os contextos vivenciais que, por sua vez, estarão diretamente inclinados ao objeto da pesquisa. Ainda menciona que outra etapa importante, seria: “[...] A captação de uma fonte oral, que possibilita a construção do documento oral, havendo uma corrente de pesquisadores para quem o documento original é a fita gravada e outra segundo a qual o documento é a transcrição [...]”, cabendo assim, ao pesquisador decidir qual será o seu documento final produzido.

A presente pesquisa realizada utilizou como base a perspectiva de estudos da memória através da história oral, mais especificamente, com o depoimento gravado, para que após sua transcrição seja possível utilizar esse documento como fonte. De acordo com Meihy (1996, p.13):

A história oral é um recurso moderno, utilizado para a elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referente à vida social das pessoas. Refere-se à história do tempo presente, é também conhecida como história viva. Ela deve ter um sentido, visto que ela mantém um compromisso de registro permanente que se

projeta para o futuro, com a intenção de que outras pessoas possam vir a usá-la.

Com este fim, reforça-se a importância da elaboração de um projeto nos qual seja realizado um conhecimento prévio do objeto de estudo com objetivos previamente definidos e metas a atingir, aproximando-se ao máximo da realidade individual e coletiva, pois é na cotidianidade individual ou coletiva que se entrelaçam interesses e se consolidam conflitos expressados na memória.

1.3 O campo metodológico da história oral e da memória

Entre as diferentes metodologias de pesquisa qualitativa presentes nas ciências humanas, a história oral foi a que mais se aproximou como opção para responder as demandas deste estudo. A escolha por trabalhar com a memória, utilizando a metodologia da história oral, tem como premissa a sistematização e produção historiográfica das histórias e memórias das ex-alunas da última turma do magistério do CNSN, em 1970. Sendo assim, esse momento histórico, ocorrido na referida instituição, só poderia ser retomado em suas reflexões e análises a partir da presença dessas e de outras personagens que o vivenciaram.

Nas palavras de Debert (1986), com os métodos qualitativos qualquer generalização que seja alcançada, sempre transcorrerá das distinções de quem a estabelece, através de um trabalho realizado minuciosamente no material escolhido. A impressão que se tem ao realizar esse tipo de trabalho é que ocorre exatamente o contrário. Sempre teria sido possível aprofundar mais questões, de forma a alcançar novos horizontes. A cada nova entrevista, a sensação que se tem é a de que novas questões poderiam ter sido abertas. O interesse sempre será o de reaver um quadro, o mais próximo possível da realidade histórica, posto que não interessem apenas os fatos passados, mas a forma como a memória das pessoas foi sendo construída e reconstruída como parte da consciência contemporânea. É assim que a história de vida e os relatos orais fazem chamadas apaixonadas pelas temáticas em rever interpretações, desenvolver novas

hipóteses e encaminhar novas pesquisas, de forma a redefinir os grandes conceitos explicativos e seus pressupostos.

Para Thompson (1998), com a ampliação de novos campos da história, com as mudanças de investigação e abertura de novas fontes de pesquisa, têm-se desenvolvido um esforço em reconhecer grupos de pessoas importantes para a história e que até pouco tempo encontravam-se esquecidas, excluídas e ignoradas pela história oficial.

Essas contribuições trazidas pela Nova História Cultural passaram a enriquecer o campo de ação da história e com a utilização da evidência oral desfazem-se as barreiras entre os críticos e o público, entre a instituição educacional e o mundo exterior. Dessa forma, a história oral encontra-se comprometida com aqueles que até então estavam silenciados pela história oficial.

De acordo com Burke (2005), a história oral, frequentemente, tem sido utilizada pelos historiadores que destacam a experiência de pessoas comuns, apesar de que, não exista a razão pela qual o historiador oral não deva também gravar as memórias das duquesas, dos plutocratas e dos bispos, da mesma forma que dos mineiros e dos operários fabris.

No que diz respeito à história oral, Burke reforça que alguns historiadores tradicionais defenderam que os depoimentos orais são apresentados como fontes subjetivas por terem como base a memória individual, que às vezes pode ter suas falhas e por fazer parte do imaginário das pessoas de vida comum.

Desse modo, o autor esclarece que a subjetividade é um dado da realidade em todas as fontes históricas, não importa se são orais, escritas ou visuais. A história oral permite conhecer novas versões da mesma história, a partir do momento em que dá voz a múltiplos e diferentes narradores, já que essa é uma opção de construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram em um determinado período, em um dado momento. De forma geral, a experiência de vida dessas pessoas comuns, pode ser utilizada como matéria prima para a história, que está recebendo nova direção no fazer historiográfico.

A história oral foi estabelecida com certa desconfiança em relação ao estudo dos períodos recentes, definidos por alguns historiadores como a história do tempo presente. Contudo, conforme Ferreira (1996), a história oral tem como característica básica a vantagem de se ter a presença de testemunhos vivos e acredita-se que isso venha a ser um ponto positivo, pois estes mesmos testemunhos podem vigiar e contestar o pesquisador em sua narração, por afirmar que estiveram presente no momento do desenrolar dos fatos.

Dessa forma, em meio às mudanças e ampliações de novas fontes proporcionadas pela nova história cultural, a relação dos homens com a memória se modificou e ganhou novos enfoques na sociedade, como os depoimentos orais, as lembranças, as vozes e os testemunhos orais que ganharam ânimo e fundamentaram o que chamamos de história oral. Com a ampliação e a flexibilidade da forma de como se trabalhar com as fontes, ampliou-se os pontos de vista, democratizaram-se novos registros de forma mais justa, uma vez que com a liberação da comunicação dos depoentes, passou-se a contribuir muito mais com as aproximações das possíveis verdades humanas.

Delgado (1996, p.16), entre as diversas conceituações, afirma que:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais [...]

O citado autor ainda reforça que a história oral não deve ser tratada como um simples compartimento da história vivida, mas como o registro de depoimentos de histórias vividas, com os instrumentos adequados. O autor caminha por um terreno interdisciplinar, já que utiliza muitas vezes das contribuições da música, literatura, lembranças, fontes iconográficas, documentação escrita, entre outras para estimular a memória.

Conforme Alberti (2006, p.155), “A História Oral permite o registro de testemunhos e o acesso da história dentro da história e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado.” Trazendo à tona, as múltiplas versões de um fato acontecido.

Assim, a história oral é um caminho para a produção do conhecimento histórico. Nela está presente o tempo passado pesquisado, os tempos percorridos pela trajetória de vida do entrevistado e o tempo presente que orienta e estimula tanto às perguntas do entrevistador, que prepara o roteiro do depoimento, como as respostas às indagações.

Nesta perspectiva, a história oral trata-se de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades. Essa relação entre os múltiplos tempos deve ser inseparável ao documento produzido.

A memória, como principal fonte dos depoimentos orais, é ilimitada, possui múltiplas variáveis, sejam elas temporais, topográficas, individuais e coletivas, dialogam entre si, revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando a casos em que o depoente pode até ocultá-las como forma de proteção. Isso pode acontecer até mesmo de forma inconsciente, porque desse modo, o mesmo estaria se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida. Ainda nas palavras de Delgado (2006, p.16), no que diz respeito às questões temporais, no “[...] processar da memória estão presentes as dimensões do tempo individual (vida privado-roteiro biográfico) e do tempo coletivo (social, nacional, internacional) [...]” Neste sentido, serão os sinais exteriores que estimularão as lembranças e recordações individuais que constituem o fundamento do ato de rememorar. Por conseguinte, a história, tempo e memória são processos integrados. No entanto, Delgado (2006, p.18), enfatiza que entre os muitos desafios da história oral destaca-se a:

[...] relação entre as múltiplas temporalidades, visto que em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente. Adulto que traz de si memórias de suas experiências e também lembranças a ele repassadas, mas filtradas por ele mesmo, ao disseminá-las. Fala-se de um tempo sobre um outro tempo. Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, em uma narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje.

Deste modo, compete à história oral contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, com o cuidado de não se transformar em exaltação ou crítica do que se passou, mas de ter competência em potencializar o diálogo do presente com o passado.

Neste estudo, por exemplo, a história da última turma do magistério, do CNSN, na década de 1970, foi produzida pelas narrativas das atuais jovens senhoras, (encontrando memórias hoje amadurecidas através do tempo), descortinando fatos vividos desde os acontecimentos relacionados à escolha profissional pelo magistério. Ao mesmo tempo coincidiu com o encerramento das atividades do pedagógico nesta instituição, aos caminhos diversos que foram se constituindo ao longo da vida até a atualidade.

Conforme Lang (1996, p.34) aponta, a história oral tem como base “[...] registrar a experiência vivida ou o depoimento de um indivíduo ou de vários indivíduos de uma mesma coletividade.” No trabalho que utiliza fontes orais, compete ao pesquisador inserir os envolvidos nesse processo de entrevistas da história oral, que pode assumir a forma de histórias orais de vida, relatos orais de vida ou de depoimentos orais. As histórias orais de vida e relatos orais de vida encontram-se aproximadas, tendo como referência a história de toda a sua própria vida e a experiência do narrador; os depoimentos orais baseiam-se em fatos que o pesquisado presenciou ou sobre os quais detém informações. Nesse sentido, mediante os fatos presenciados e as informações que as ex-alunas detêm sobre a última turma do magistério do CNSN, em 1970, optou-se por trabalhar com os depoimentos orais.

Para Lang (1996, p.35) existem histórias de vidas interessantes, ricas em seu conteúdo, que podem estar próximas de serem completas ou mais fragmentadas em torno da realidade vivenciada por quem narra o fato. O objetivo não é obter uma história de vida completa, pois, são muitas as faces e os fatos que envolvem uma vida. No que diz respeito ao relato oral de vida, é solicitado ao “[...] narrador que aborde, de modo mais especial, determinados aspectos de sua vida, embora dando a ele total liberdade de exposição, mas o entrevistado sabe o interesse do pesquisador e direciona o seu relato para determinados tópicos [...]”.

Assim, tem-se uma narração mais restrita, conduzida para uma temática, que deve ser explicitada anteriormente ao relato. O artifício seletivo se faz presente, submergindo narrador e pesquisador, atuando na própria forma de condução da entrevista. Nos depoimentos orais, busca-se: “[...] obter dados informativos e factuais, assim como o testemunho do entrevistado sobre a sua vivência em determinadas situações, ou a participação em determinadas instituições em que se quer estudar [...]” Nesse tipo de depoimento, com antecedência, o pesquisador deve procurar obter referências mais diretas aos acontecimentos em estudo.

Aqui nesta pesquisa, entre as modalidades destacadas, enfatizaram-se os depoimentos orais, visto que as memórias das ex-alunas do CNSN será a principal fonte para análise. Nesse sentido, deixam suas contribuições nesta pesquisa através de suas memórias, de depoimentos sobre fatos presenciados, por terem vivenciado momentos estratégicos, a exemplo do declínio da formação no contexto dos anos de 1970.

Na perspectiva sociológica, a história oral não deve se limitar a apenas uma história de vida, a um relato, ou um depoimento, o conveniente é trabalhar com diversos relatos de indivíduos de uma mesma coletividade, visto que se ampliam as possibilidades de leitura do social, através de múltiplas versões individuais que permitem reconstruir, mediante a diversidade de relatos, a história estrutural e sociológica, a trajetória de um determinado grupo social. A versão do indivíduo tem, portanto, um conteúdo marcado pelo coletivo, ao lado de aspectos decorrentes de particularidades individuais. A memória coletiva existe porque houve vivência, por parte de um determinante coletivo.

Segundo Meihy (1996), é pobre manter a discussão sobre a cientificidade ou não da história oral. Cabe, modestamente, reconhecê-la como instrumento capaz de colocar novos elementos à disposição dos interessados na leitura da sociedade.

Sendo assim, realizou-se um trabalho de história oral, para compreender através da memória das ex-alunas que fizeram parte da última turma do magistério, o momento histórico no qual estavam inseridas. Através de depoimentos, as ex-alunas vivificaram a memória, relatando experiências sociais e

a subjetividade das mesmas, rememorando lembranças individuais enraizadas em múltiplas experiências individuais e coletivas.

Reforçando a preocupação central desta pesquisa, Lucena (1996, p.214) menciona que: “[...] a memória, além de seletiva, flexível e subjetiva, é também sexuada. Na memória masculina, a participação feminina é esquecida [...]”, algo que justifica o fato de não haver na história da educação registros mais consistentes e mais frequentes sobre a boa educação feminina.

Complementando este pensamento, Viñao (2004, p.337) ressalta que:

A questão do gênero tem posto sobre a mesa a voz de uma parte – não a única – silenciada da história: a voz de uma parte na qual a privacidade, o pessoal e o íntimo, o subjetivo têm tido uma especial importância como refúgio forçado, muitas vezes pela exclusão do âmbito público.

Neste trabalho, as memórias de ex-alunas se inserem no tão propalado campo da história dos excluídos pela história oficial. Ou seja, apesar de fazerem parte de um contexto relevante não são identificadas e destacadas como sujeitos.

As memórias são lembranças que vêm à tona, carregadas de uma história individual de cada entrevistado, como também trazem as marcas de contextos socioculturais por eles vivenciados. Campos de conhecimento, a exemplo da psicologia social detalham a questão do papel da memória na vida presente das pessoas, principalmente para os idosos. Conforme Bosi (1987) a memória, nunca será um retrato fiel do passado, mas uma possibilidade de aproximação deste, sempre considerando o tempo atual. Assim, a memória com base no presente pode sofrer modificações:

[...] começa-se a atribuir a memória uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não vem só à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, com também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1987, p.9).

Bosi (1987, p.48) também destaca a relação entre narrador e ouvinte, assinalando a afinidade baseado no interesse comum em conservar o narrado que poderá ser reproduzido. Nesse sentido, a memória é a capacidade de lembrar por excelência o que passou em determinada época e a história deve reproduzir de geração a geração, os fatos dessa memória, em um constante envolvimento, prolongando o original e como a própria autora menciona “[...] puxado por outros dedos”.

No tocante à memória individual, esta dependerá do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. Halbwachs (apud BOSI, 1987, p.18), afirma que a memória individual “[...] amarra a memória da pessoa à memória do grupo, e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade [...]” Nesse sentido, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo e situa-se cronologicamente através de cada indivíduo que realiza o ato de rememorar.

Com a constituição das ciências sociais, a memória coletiva sofreu grandes transformações na perspectiva da pesquisa e passou a desempenhar um papel importante com a interdisciplinaridade que tende a estar presente neste percurso. Le Goff (2004) reforça que na memória coletiva a busca não é mais nos acontecimentos em si, mas, ao longo do tempo, a trajetória tão almejada dessa memória aconteceu mais em textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas, isso é uma conversão ao olhar histórico.

Uma preocupação presente na nova história cultural é com a ampliação de novas fontes a serem pesquisadas. Trabalhar com as lembranças da memória é uma delas. Le Goff lembra que os esquecimentos e os silêncios da história podem ser revelados nestes mecanismos de manipulação da memória coletiva. O estudo da memória social é um das soluções principais para se aproximar dos problemas do tempo e da história, sendo que a memória pode estar em certo momento reclusa, e em outro momento em abundância. Por volta do século XX e início do século XXI, houve manifestações importantes em relação à ampliação do estudo

sobre memória coletiva. Nesse sentido, Le Goff (2004, p.465-466) reforça que na história podem-se destacar nesse período dois fenômenos que discutiam essa relação rumo à ampliação das fontes:

O primeiro em seguida a primeira guerra mundial, é a construção de monumentos aos mortos [...] O segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidos, permitindo assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica.

Neste mesmo fio condutor, rumo à ampliação de novas fontes, Bourdieu (apud Le Goff, op. cit., p.466) esclarece que sua equipe colocou em evidência o significado do álbum de família, que de certa forma é uma manifestação à recordação social.

Ao considerar a memória como fonte para história, Nunes (2003, p.15) retrata que há uma insistência por parte dos historiadores em “[...] considerar as memórias como documentos localizados na cabeça das pessoas e não nos arquivos públicos [...]”. Desse modo, tendem a discutir a memória como um simples texto, como objeto, que não têm sentimentos, emoções, experiências vividas a virem à tona nas entrevistas orais. Os documentos escritos oferecem apenas uma versão dos fatos, ou seja, o que ficou registrada de um fato acontecido, que muitas vezes pode não contemplar o interesse do pesquisador. A autora ainda reforça que a memória não é mero objeto e sim “[...] experiências vividas interiormente, o que as distingue do conhecimento. Se o conhecimento só nos pertence de forma contingente, as memórias são indissoluvelmente nossas, fazem parte de nós e nos constituem [...]”. A memória possibilita visitar outras versões de um mesmo fato, que podiam estar apagadas com o dispersar do tempo.

Nunes enfatiza a escola como lugar da memória social e que também é:

[...] o efeito de uma sedimentação acumulada no tempo e que produziu monumentos resultantes da fixação de certas funções nela desenvolvidas. Assim podem ser compreendidos os dossiês dos alunos, os livros de matrículas, a correspondência, as circulares, os livros de ponto e advertência, os diários de classe, as atas de diretoria e congregações, os estatutos, os regimentos,

as plantas dos prédios escolares, os álbuns fotográficos, as publicações. (NUNES, 2003, p.18)

Na história existe uma necessidade urgente de realimentação contínua dos trabalhos da memória. Nesse sentido, Nunes (2003, p.21), advoga a favor da relação de subordinação da memória à história e ainda reafirma que “[...] sem articulação, já o dissemos não há memória, só há aglomerado de episódios, imagens, sensações, documentos. O aglomerado não tem sentido e não ajuda o indivíduo a construir significados.” Nesse fio condutor, em relação a documentos escolares, a autora afirma que se tem dado o tratamento por diversas vezes como um amontoado desconexo do qual se tem todo um universo rico de memória a ser trabalhado pela história. Reforça que no fundo da questão, falta consciência do valor histórico dos documentos produzidos institucionalmente para ser desvendado pela história. Muitas vezes, esse material é extraviado de diversas formas, com diversas justificativas, como a falta de espaço, realizar uma limpeza, desfazer-se do acúmulo de papéis velhos sem valor.

Conforme Le Goff (2004, p.476) “[...] A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. O autor esclarece que a memória coletiva é uma conquista e, ao mesmo tempo, também é um objeto de poder para aqueles que estão no comando nas sociedades. Também reforça que nos locais onde a memória social ainda se encontra sob a forma oral, ou em vias de constituir uma memória coletiva escrita, serão elas as que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, através das manifestações da memória. Não se deve esquecer que há uma predominância na memória coletiva de estar estreitamente ligada a uma classe social dominante e que por muito tempo essa identificação com a nação significou a ausência de memória. Isto implica que, na história oficial, estas memórias tendiam a serem registradas em prol dos interesses da macro história, caindo no esquecimento as histórias dos pequenos.

Segundo Bosi (1987, p.332), no que diz respeito a aspectos da memória, “[...] há fatos que não tiveram ressonância coletiva e se imprimiram apenas em

nossa subjetividade. E há fatos que, embora testemunhados por outros, só repercutiram profundamente em nós e dizemos ‘ só eu senti, só eu compreendi’ [...]”. Nesse sentido, a memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência na família, na escola, na profissão, visto que a memória de seus membros dependerá da interação entre os mesmos.

Nesse entrecruzar dos fatos, a autora esclarece que por mais que sejam importantes as lembranças da memória coletiva, dependerá de cada indivíduo que a recorda. Será o indivíduo que realizará essa ponte com o passado a que só ele tem acesso a objetos que só para ele são significativos. Para Halbwachs (apud BOSI, 1987, p.335),

[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto completo de convergência dos muitos planos do nosso passado. Como transmitiríamos aos nossos filhos o que foi a outra cidade, soterrada em baixo da atual, se não existem mais as velhas casas, as árvores, os muros e os rios de outrora?

Como conclui Bosi, a lembrança é como um diamante bruto, que aos poucos necessita ser lapidado pelo espírito e que sem esse trabalho de reflexão e de localização, seria uma imagem falsa de uma aproximação do que aconteceu.

Portanto, concorda-se com Bosi, que o percurso seguido nesta pesquisa também cumpre a tarefa de lapidar um diamante que se encontra em estado bruto, vasculhar vestígios, percorrer caminhos da história e da memória de um universo educacional vivenciado por ex-alunas da última turma do magistério do CNSN, em 1970, momento em que começava se consolidar uma evidente crise de interesse profissional da mulher pela tão propagada profissão do feminino.

Capítulo 2

Colégio Nossa Senhora das Neves: um breve recorte histórico

2.1 Reconstruindo a trajetória histórica da escola destinada ao sexo feminino (1858-2002)

Configurar diversos momentos do CNSN desde sua fundação é uma maneira de revisitar, particularmente, uma parcela da história da tradição educacional da Paraíba em seus primórdios, qual seja: confessional e patriarcal.

Em sua própria constituição física, a referida instituição escolar traduz-se, desde sua origem, num ambiente privilegiado de memórias da educação feminina e religiosa do final do século XIX e início do século XX. Período em que na história estavam acontecendo ações isoladas ou coletivas, contra a opressão das mulheres. Essas manifestações passaram a ter maior visibilidade pela sociedade, de acordo com Louro (1997, p.15) a partir do movimento chamado “sufragismo”:

[...] movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a “primeira onda” do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) [...] Relacionada, a princípio, às distinções biológicas, a diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens. [...] O movimento feminista vai, então, se ocupar centralmente dessa diferença e de suas consequências.

Na primeira parte do século XX, as reivindicações femininas ganharam amplitude, não se resumindo apenas a reclamar o direito ao voto, mas de terem as oportunidades educacionais que os homens e como consequência, também questionaram a sua submissão e a dependência econômica. Neste percurso reivindicativo segundo Almeida (2004, p.94), manifestava-se o direito de opção:

“[...] do parceiro, da profissão, de ter ou não filhos, de casar-se ou não, de ter filhos sem serem casadas, enfim, o reconhecimento [...] de autonomia e passíveis de viverem sua vida separadamente, sem a proteção masculina. [...]”. Outra conquista significativa para as mulheres, que motivou a mudanças de comportamento entre mulheres foi a instituição da pílula anticoncepcional, que possibilitou a mulher exercer sua sexualidade sem o risco de gravidez.

Mediante o cenário de possibilidades de abertura da participação feminina em locais públicos, antes autorizados apenas aos homens, dessas iniciativas surgiu a reivindicação do direito à escola como já existia para os homens. De acordo com Nunes (1987, p.491), surgiram sob o comando de religiosas “[...] a criação de uma rede formidável de escolas católicas [...] O século XIX presenciou ainda um desenvolvimento bastante rápido das ‘escolas para meninas’, que tiveram as religiosas como elementos fundamentais.”

Em face a esta realidade, tem-se a primeira tentativa de abertura do CNSN, em 1857. Desde sua fundação, tem uma história marcada por constantes processos de aberturas, encerramentos e reaberturas de suas atividades, até se consolidar no cenário educacional da Paraíba. Nos escritos oficiais, publicados por Ribeiro (1976), merecem destaques três momentos históricos na fase de constituição do colégio, mediante as crises que se instalavam e suas constantes lutas de efetivação. Nos marcos iniciais de sua história, merece destaque o papel desempenhado pelo Coronel Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan, também conhecido como o Visconde de Beaurepaire Rohan, que foi nomeado presidente da Província da Parahyba do Norte, em 3 de setembro de 1857 e que se destacou por sua dedicação à expansão de várias modalidades de ensino na Paraíba.

Sob o comando organizacional das Religiosas da Sagrada Família, o colégio, ainda hoje, encontra-se situado na Praça Dom Ulrico, nº56. João Pessoa/PB, ao lado da Catedral Metropolitana, que também possui o mesmo nome da instituição pesquisada, conhecida como Catedral Nossa Senhora das Neves, ou seja, educação feminina acontecia ao lado da Igreja.

Em face dos esforços empreendidos por Beaurepaire Rohan, o prédio do CNSN foi fundado através da Lei Nº13, de 04 de novembro de 1858, tendo sua primeira instalação na residência do rico senhor de engenho Duarte Gomes da Silveira, a fim de promover a educação moral, religiosa e literária do sexo feminino.

Segundo Melo (1996, p.50), é inegável o impressionante esforço e desempenho desse presidente, pela tentativa de institucionalizar o ensino para mulheres. Esse orgulho esteve expresso no discurso de Beaurepaire Rohan: “Nunca tive, durante toda a minha administração, um momento de tanta satisfação como àquele que vi realizado no pensamento da Assembléia Provincial em prol da educação do sexo feminino” e em outro momento quando menciona: “Hoje, possui a Paraíba, no Colégio Nossa Senhora das Neves, um estabelecimento que oferece aos pais de família os meios necessários para a conveniente instrução de suas filhas”. Ou seja, a instrução feminina, nesse contexto, institucionalizava-se nas raízes do campo educacional da Paraíba. Nesse sentido, reforça Melo: “Rohan foi também o primeiro administrador que olhou com carinho para a instituição da mulher paraibana. Até então havia simples escolas de primeiras letras (duas, apenas) existiam na capital, destinadas ao sexo feminino.”

Beaurepaire Rohan destacou-se por seu empenho no que diz respeito ao desenvolvimento da educação da Paraíba e, em especial, ao ensino destinado para mulheres, porém, esse empreendimento não teve prosperidade na administração seguinte do Governo da Província. O novo presidente, Dr. Luiz Antonio da Silva Nunes, em 1861, justificou que o serviço que a referida instituição prestava não correspondia às suas despesas e suspendeu o funcionamento desta unidade escolar feminina. Sendo assim, a referida instituição educacional, por falta de condições e apoio financeiro, encerrou pela primeira vez as suas atividades, após três anos de existência.

De acordo com Melo (1994 apud PINHEIRO, 2002, p.62), a falta de apoio financeiro aconteceu “[...] em virtude da baixa arrecadação de impostos, ainda mais restrita nos longos períodos de estiagem. Nos momentos mais graves de

seca, boa parte desses recursos eram destinados a atender os flagelados, sendo a instrução pública um dos primeiros setores a sofrer cortes.”

Ainda de acordo com esse autor essa justificativa se estendeu por diversos governos a exemplo da mensagem reproduzida na obra de Seixas (1985), citada por Melo, que o Presidente da Província da Parayba do Norte, Luiz Antônio da Silva Nunes, encaminhou a Assembléia Legislativa em 1860, com a justificativa de crise financeira em 1858 e, por isso, não hesitou em:

[...] fechar as poucas escolas existentes, quando das quedas de arrecadação. Até na Capital, unidades de ensino cerram suas portas, como aconteceu com o Colégio Nossa Senhora das Neves para mulheres, fundado por Henrique de Beaurepaire Rohan em 1858, e de atividades suspensas por Luiz Antonio da Silva Nunes, dois anos depois. Melo (1994, p.113 apud PINHEIRO, 2002, p.64)

Como se pode entrever, a educação feminina escolarizada e o magistério, inicialmente, não foram bem aceitos pela sociedade. Ressalte-se que no Brasil, mais especificamente na Parahyba do Norte, ainda vivia-se sob a égide total das tradições patriarcalistas mais arraigadas, desfavorável à presença da mulher na vida pública, que, por conseguinte, recomendava a manutenção dos padrões consagrados ao feminino na ordem familiar, ou seja, na dependência ao marido e as atividades de ocupação doméstica. (MACHADO, 2006).

Na segunda fase de abertura da referida instituição de ensino, ocorrida em 14 de março de 1895, agora por iniciativa de D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, foi determinada a direção administrativa para as religiosas da Congregação Damas do Coração Eucarístico. Nesse contexto, a instituição passou a receber alunas não só da Paraíba, mas também do Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Como se pode perceber foi constatado mais uma tentativa de se estabelecer uma escola exclusivamente feminina. Vale lembrar que, antes desta instalação do CNSN, no mesmo local, funcionou o Colégio Parahybano, situado à

rua de S. Bento, N^{os} 1 e 3, fundado por Joaquim da Silva³ O edifício era uma construção iniciada em 1895 e que sofreu sucessivas reformas e construções, conforme as necessidades que foram surgindo com as novas demandas por matrículas, em especial, pelo notório sucesso alcançado na época pela instituição.

Nesse percurso, de consolidação na sociedade Paraibana o CNSN foi paulatinamente ampliando sua estrutura e conquistando grande espaço na sociedade. Conforme dados encontrados no Processo de Equiparação do CNSN ao Pedro II N^o906, na Inspetoria Técnica de Ensino - ITE: Setor de Escolas Extintas, encontrou-se o registro em seu documentos (Anexo A) que o prédio, hoje está todo reformado, constitui-se de um vasto estabelecimento em boas condições, tem à frente a Praça Dom Ulrico, à direita, a ladeira da Borborema; à esquerda e na parte posterior, o vasto terreno pertencente ao colégio. Passados dois anos de funcionamento, em 1897, foi inaugurada neste local a capela do colégio.



Foto 3 Visão Geral da escola, a esquerda encontra-se a atual capela.

Fonte: Processo de equiparação do colégio ao Pedro II N^o906 (1935-1958).

³Segundo Ribeiro (1976), Joaquim da Silva, foi um brilhante humanista e latinista areiense, autor da gramática - Manual do estudante de Latim - editado na Bahia em 1855, onde exerceu as cátedras de francês, latim e matemática. Assumiu a inspetoria do tesouro do tesouro na Capital do Estado.



Foto 4; Visão interna da Capela.
Fonte: Processo de equiparação do colégio ao Pedro II Nº906. (1935-1958)



Foto 5: Freiras em oração.
Fonte: Ribeiro (1976).

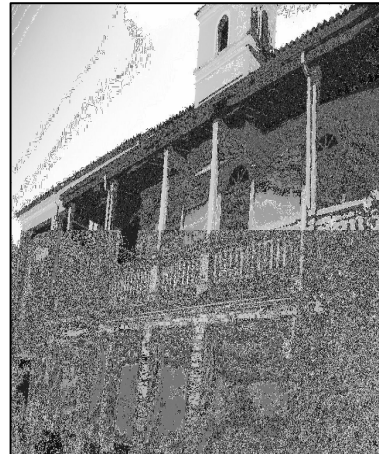


Foto 6: Visão interna da capela
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

Todavia, sob a direção das Damas do Coração Eucarístico, a escola enfrentou uma nova crise administrativa, particularmente, com a falta de pessoal e meios suficientes para dar continuidade aos fins educacionais, pondo em risco sua funcionalidade. Nesse aspecto, segundo Kulesza (2006, p.97):

Para garantir a educação cristã no interior da família desde a mais tenra idade, no ano seguinte a sua posse, Dom Adauto criou na Paraíba o Colégio de Nossa Senhora das Neves, destinado ao sexo feminino [...] Dada à posição da Igreja em relação à co-educação dos sexos, esse colégio feminino nunca poderia ser levado à frente pelos padres da diocese. Assim, ele foi entregue inicialmente as Damas do Coração Eucarístico, passando sua direção em 1906, para as Religiosas da Sagrada Família.

Conforme o citado autor, em 1905 o CNSN entrava em crise, havia o clima de incerteza sobre a continuidade ou não das atividades desta instituição feminina. Dom Adauto, consciente de que as Religiosas do Coração Eucarístico a qualquer momento afastar-se-iam do comando da escola e, imediatamente, por falta de pessoal e, também, por esta razão primordial, havia a necessidade de assegurar a manutenção da instituição, fato que o fez negociar a vinda das irmãs da Casa da Sagrada Família de Camaragibe/PE, com o intuito de assumir a direção e administração institucional da escola. A partir desse momento, desencadeou-se a

chegada de várias freiras, vindas de diversos lugares, para se dedicarem à educação voluntária desta escola preocupadas em atender a educação de meninas de 6 a 10 anos de idade. Esse fato marca a terceira fase, em que o colégio entra em crise, e que Dom Adauto temendo um novo fechamento reage e normaliza junto as Religiosas da Sagrada Família as aulas que tiveram início no século XX, concretamente, em 10 de fevereiro de 1906.

A fotografia a seguir registra a dimensão do espaço externo escolar em 1906. Data de reabertura da escola sob o comando das Religiosas da Sagrada Família.

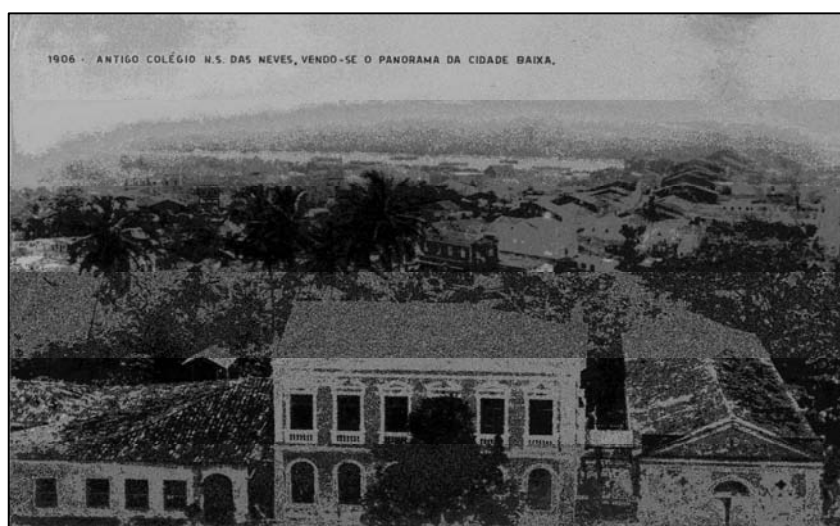


Foto 7: CNSN em 1906.

Fonte: Grupo de pesquisa Ciência Educação e Sociedade-GPCES/UFPB.

Segundo Ribeiro (1976), como se viu, no contexto de crise institucional, o CNSN foi entregue as Irmãs da Sagrada Família, cuja fundadora foi a Bem-aventurada Madre Emília de Rodat, a quem coube, imediatamente, providenciar a vinda de várias irmãs de diversos países para dar continuidade aos trabalhos educativos da instituição, como a instalação de um pensionato para meninas.

De acordo com o Estatuto do CNSN (1938), em sua abertura em 1906, havia alunas internas, semi-internas e externas.

Conforme Ribeiro (1976) a reabertura das aulas se deu em primeiro de março de 1906. Naquele momento encontravam-se matriculadas 40 alunas. Em 4

de março do mesmo ano, houve a abertura das classes do São Vicente de Paula (escola para crianças carentes, anexo ao CNSN), tendo 50 alunas presentes no primeiro dia de aula. No momento de reabertura da escola também havia uma seção para meninos, além da criação de curso primário gratuito para crianças pobres. Apesar da escola ter sido uma instituição particular, recebeu auxílio da província para passar a contribuir com o ensino gratuito para crianças pobres, no antigo Colégio São Vicente, localizado no terreno ao lado do prédio do CNSN. Essa seria uma maneira das religiosas colaborarem com a boa educação de crianças, que não tinham condições de pagar pelo ensino ali ministrado.

Uma grande dificuldade destacada foi de ordem cultural, em especial, com a necessidade de adaptação das religiosas à língua portuguesa, no sentido de efetivar em sua plenitude o exercício educacional com as alunas brasileiras.

Logo abaixo, encontra-se o registro fotográfico no início do século, de uma tentativa de prover a educação a meninos.



Foto 8: Turma de alunos do CNSN (1909).

Fonte: Ribeiro (1976, p.40).

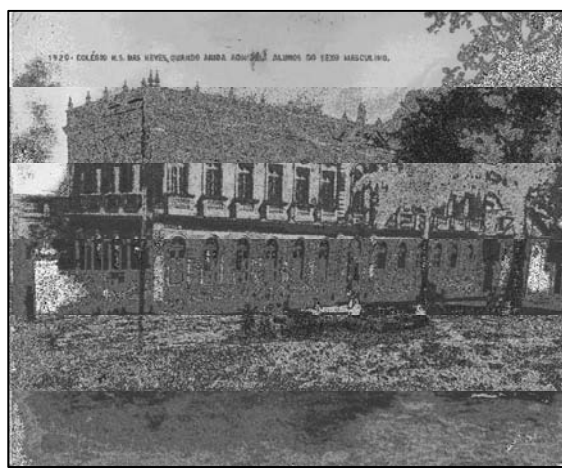


Foto 9: CNSN em 1920 com a presença de alunos do sexo masculino.

Fonte: Grupo de pesquisa Ciência Educação e Sociedade-GPCES/UFPB.

De acordo com Ribeiro (1976), em 1929, a instituição comemorou a recepção de mais duas salas de aula no prédio vizinho e a edificação de um monumento do Coração de Jesus, foram ofertas da sociedade paraibana para a instituição.



Foto 10: Retiro das Noelistas e ex-alunas, foto realizada Monumento do Coração de Jesus (1936).

Fonte: Ribeiro (1976, p.98).



Foto 11: Monumento Coração de Jesus, atual.

Fonte: Arquivo pessoal da Pesquisadora (2008).

Em 1931, o CNSN comemorou 25 anos de atividades, sob a direção da Sagrada Família, e a equiparação à Escola Normal e consolidou o Curso Comercial. A grande motivação era decorrente do fato da importância que se dava ao ensino normal na época e que o mesmo não fazia parte desse colégio desde os seus primórdios, posto que, inicialmente, o ensino na instituição foi destinado apenas à educação de crianças.

Conforme Ribeiro (1976), em 1938, o CNSN possuía a revista *Flor de Neve: Sede puras, sede fortes*, organizada pelas alunas e ex-alunas do colégio. Esse subtítulo da revista, segundo o depoimento da ex-aluna Cristina Soares, seria o mesmo lema da bandeira do colégio. Ribeiro apenas faz referência à sua existência com o registro da fotografia da capa de um exemplar. Conforme se pode observar na imagem a seguir, esse seria o VIII ANNO de publicação, mas não se conseguiu localizar nenhum número desta revista.



Imagem 1: Capa da revista Flor de Neve (1938).
Fonte: Ribeiro (1976, p.97).

Encontrou-se no processo de Equiparação do Colégio ao Pedro II Nº 906, o documento que registra em 1950, devido o sucesso da instituição, confirmado pelo grande número de matrículas, as sucessivas ampliações e construções continuaram a acontecer no interior do seu espaço físico. (Ver anexo B).

Após diversos desdobramentos e enfretamentos de inspeções e crises institucionais, na década de 1970, com a justificativa da falta de matrículas para dar continuidade ao curso, foram encerradas no colégio apenas as atividades do ensino Normal. Acontecimento que não desestruturou as demais atividades escolares da instituição.

Na ocasião da publicação do livro organizado por Ribeiro (1976) sobre o CNSN, em comemoração aos 70 anos de portas abertas, sem interrupções de suas atividades escolares, estavam no comando desta instituição as diretoras Ir. Emília de Jesus Cardoso (Superiora) e a Ir. Margarida Marcelo (Diretora do Colégio). Merece destaque aqui a Ir. Margarida pelo fato da mesma ter sido aluna

da instituição, tendo recebido o hábito religioso na Congregação da Sagrada Família. A mesma deu continuidade a sua missão educativa na própria instituição, dedicando-se plenamente ao exercício do magistério na Paraíba. A religiosa permaneceu neste ambiente escolar até 1999, quando faltavam apenas três anos para o encerramento da funcionalidade educativa desta instituição, também marcou história por ter sido uma das primeiras freiras a tirar o hábito na instituição e em um momento de reflexão sobre a educação da família institucionalizou o ensino a meninos poucos anos antes de sair da instituição.

Ainda segundo Ribeiro (1976), na comemoração dos setenta anos foram rememorados os sacrifícios e as preocupações de apostolado cristão, de abnegação, de amor, de esperança, confraternização e renúncia a serviço de Deus, em prol do que se considerava ser a boa educação da família paraibana e adjacências.

Apesar de todo o esforço para manter a escola funcionando, a exemplo da grande comemoração de 70 anos de escola de portas abertas, o colégio enfrentou diversas crises que levaram a implementação de mudanças, tais como: o encerramento das atividades do magistério em 1970 e a integração do sistema de ensino misto, sendo assim, mudanças de ordem estrutural e pedagógica.

Todavia, as mudanças não foram suficientes para a manutenção dessa escola no ensino da Paraíba e o colégio fechou definitivamente suas portas no final de 2002. Atualmente funciona em sua estrutura a Faculdade de Ciências Médicas.

As marcas desse processo, com significativas implicações nos anos seguintes, ainda estão presentes no imaginário e na memória das personagens que a vivenciaram (alunas e professoras e diretora). Essa, porém, foi uma tarefa de pesquisa realizada e que será analisada nos capítulos seguintes desta dissertação.

2.2 Historicizando o curso normal: da equiparação em 1924 ao encerramento das atividades do curso em 1970.

Conforme as informações sobre o Curso Normal que habilitava as alunas do CNSN a serem professoras do ensino primário no período de 1924 a 1970 nesta instituição, e mediante a realidade em que este curso encerrou todas suas atividades definitivamente em 1970, houve a necessidade de buscar mais informações sobre a trajetória da tão aguardada institucionalização do Curso Normal neste estabelecimento de ensino, como o desenvolvimento e definimento do mesmo curso dedicado à educação de mulheres. Para tanto, merece destaque aqui, a contribuição dos documentos encontrados na Inspetoria Técnica de Ensino-ITE: Setor de Escolas Extintas do Estado da Paraíba, a exemplo do Processo de Equiparação do CNSN ao Pedro II Nº 906, encaminhado a Inspetoria Geral do Ensino Secundário em (1935-1958).

Em 1924, o CNSN, em caráter provisório, conseguiu efetivar sua equiparação à Escola Normal do Estado, concedendo a diplomação para o exercício de magistério para 295 alunas da instituição (Anexo C). Mediante o fato de não localizar nenhum documento que datasse o primeiro dia de aula desse Curso Normal e com o auxílio de dados encontrados nos documentos do Processo de Equiparação do colégio ao Pedro II, Nº906, foi identificada a duração do curso, que consistia em cinco anos. Nesse sentido, entende-se que o início do curso Normal, nessa instituição teve início em 1919, cinco anos antes do que é conferido no referido documento.

Essas informações também podem ser confirmadas com a segunda via de um diploma expedido a uma aluna da primeira turma do Ensino Normal, concluída em 1924, também encontrado no setor de escolas extintas. O diploma destaca-se por se constituir de duas folhas. A frente é a imagem Nº1, que tem como título no alto do documento: COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES. Equiparado a Escola Normal do estado da Paraíba, por decreto n. 1229, de 8 de fevereiro de 1924. O diploma confere à professora gozar de todos os direitos e prerrogativas inerentes a esse título. No verso do diploma encontram-se dois selos embaçados,

por conta da ação do tempo. O primeiro contém as seguintes palavras: BRASIL TESOIRO NACIONAL, CR\$ 5,00 e o outro só foi possível visualizar o valor de CR\$ 1,50.



Imagem 2: Diploma expedido para aluna concluinte do Curso Normal em 1924.
Fonte: Processo de legalização do ensino Comercial.

Ao abrir a segunda página desse documento, conforme pode ser conferido na imagem Nº2 encontram-se dados que afirmam a aprovação da aluna nos respectivos anos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º do Curso Normal e que foi paga a importância de quatro mil e oitocentos reis correspondente ao diploma conferido.

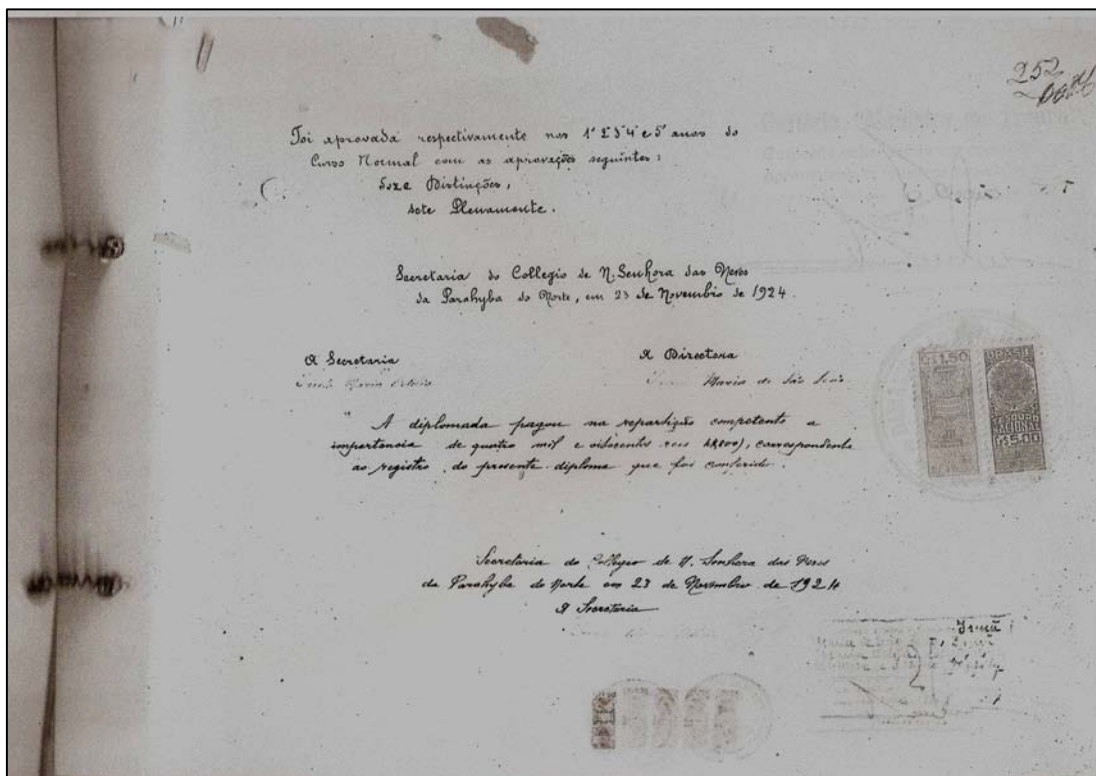


Imagem 3: Segunda parte do diploma expedido para aluna concluinte do Curso Normal em 1924.

Fonte: Processo de legalização do ensino Comercial.

Conforme os documentos pesquisados na Inspeção Técnica de Ensino, particularmente, nos relatórios para efeito de inicializar a inspeção preliminar para equiparar o colégio ao Pedro II Nº 906, até conseguir a inspeção permanente do CNSN, destinado ao Ministério da Educação e Saúde Pública, especificamente na Divisão de Ensino Secundário, do Rio de Janeiro, essa instituição já era considerada na época uma das mais importantes do país em face da destacada eficiência do ensino. Um exemplo dessa realidade constatou-se nos relatórios (Anexo D), que contém registro do sucesso de alunas, que ao serem transferidas por algum motivo para outras instituições escolares, reafirmavam o êxito do ensino desse estabelecimento educativo e as alunas que eram diplomadas como professoras normalistas não deixavam de contribuir para a consolidação do bom nome desta instituição.

Consta, também, nos citados documentos, um esforço administrativo no sentido de redobrar as atenções para tornar o ensino ali ministrado eficiente, sob todos os aspectos. Assim, já em 27 de março de 1941, o corpo docente do CNSN, constituído pelas religiosas do Instituto da Sagrada Família era, também, composto por professores que exerciam as suas funções no Lyceu Paraibano e no Colégio Pio X, grandes referências educacionais da Paraíba. (Anexo E)

No processo de Nº 906, encontrou-se um relevante ofício comunicando a aprovação da idoneidade moral de quem estava sob a administração da escola, como, também, de seu corpo docente, diagnóstico considerado necessário para a manutenção do respeito que alcançava a instituição. Também se encontra nessa documentação atestados documentais de idoneidade moral dos funcionários da escola (Anexos F). Essa consideração na sociedade reflete no sucesso da instituição e é prova de créditos morais do estabelecimento, que além da boa instrução, transmite às educandas o espírito da ordem, respeito e moralidade.

Ainda nesse processo mencionado, consta que em 31 de dezembro de 1935, o colégio requereu Inspeção Preliminar, algo que foi concedido em 8 de janeiro de 1937. Esse foi um dos primeiros passos do processo que foi constituído em várias etapas, até ser alcançado a de equiparação definitiva da instituição. Foram encontrados nos documentos de Equiparação do CNSN ao Pedro II Nº 906, os critérios de classificação da instituição de forma resumida, disposto em cinco partes: local, edifício, instalação, salas de aula e salas especiais.

Em 17 de setembro de 1938, o ginásio foi classificado como “BOM” com 8,174 pontos (publicado no Diário Oficial, de 30 de setembro de 1938). Por decreto de Nº 7.165, de 12 de maio de 1941, foi concedido a favor do CNSN Inspeção Permanente. (Anexo G). Nos relatórios, consta o documento assinado por Getúlio Vargas, concedendo a Inspeção permanente ao CNSN, em 12 de maio de 1941 (Anexo H). Em 10 de abril de 1945, foi aprovada a classificação que a colocou como categoria: “BOM” e com a menção de 9,180 pontos. (Anexo I). Em 03 de abril 1945, no relatório para revisão da ficha de classificação do Ginásio Nossa Senhora das Neves (1ª parte), foram encontrados dados que informam que além do Curso Secundário, o Ginásio das Neves mantém um Curso Comercial

oficializado e fiscalizado pelo Governo federal (Inspeção Preliminar, portaria ministerial nº188 de 21 de julho de 1942) e um Curso Primário destinado especialmente a preparar candidatos aos exames de admissão para os diversos cursos.

Em 1958, consta no processo de Equiparação do CNSN ao Pedro II Nº 906, um ofício, que emite a ordem de arquivamento do processo em questão (1º volume) na Inspetoria Seccional. (Anexo J) Isso implica que o processo de equiparação definitiva do CNSN perdurou por muito tempo, visto que o curso normal foi equiparado em 1924 e, em 1935, foi solicitado uma Inspeção Preliminar de Equiparação do colégio ao Pedro II e, finalmente, em 1941 concedida ao colégio a Inspeção Permanente.

Neste percurso em busca da equiparação definitiva, identificou-se que o processo de equiparação perdurou por 23 anos, para se passar por todas as inspeções necessárias até se consolidar a equiparação definitiva. A cada Inspeção Preliminar tinha-se que cumprir alguns requisitos e mesmo depois da equiparação definitiva em 1941, o colégio ainda continuou a passar por várias revisões e só após se certificarem que os critérios definidos, foram atendidos e tiveram continuidade e qualidade no decorrer dos anos seguintes ao título conquistado, é que o referido processo foi arquivado, em 1958.

Após todos esses desdobramentos que envolveram o processo de equiparação do curso Normal, que em 1924 foi tão almejado nesta instituição, em 1970, essa realidade não era mais a mesma e o curso Normal teve todas as suas atividades encerradas definitivamente.

Ao iniciar a pesquisa, uma das primeiras perguntas feitas a Irmã Margarida, ex-diretora do CNSN, foi: por que o curso do Magistério o Primário foi encerrado em 1970? Ela respondeu imediatamente: “Pela falta de matrículas”. Essa resposta da Ir. Margarida foi confirmada com a análise das fichas de matrículas de 1961 a 1970, realizada na Inspetoria Técnica de Ensino-ITE.

MATRÍCULAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES									
1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970
Nenhum dado no arquivo	11	Nenhum dado no arquivo	26	34	31	34	29	18	20

Quadro de Matrículas de alunas do terceiro ano do curso Pedagógico Primário (1961-1970).

Fonte: Setor de Escolas Extintas-STE.

O quadro acima ratifica o decréscimo gradativo das matrículas dificultando a manutenção do curso nessa instituição. Enquanto em 1924, na primeira turma do Magistério Primário havia 295 alunas recebendo seus respectivos diplomas, em 1970, há 20 alunas.

No entanto, apesar de todos os esforços para mudar esta realidade, entre o fim dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, a brusca queda nas demandas por matrículas, inevitavelmente, impôs a mais drástica decisão histórica à administração da instituição, qual seja: encerrar o ciclo histórico da tradicional formação de magistério, em 1970.

Mediante contatos realizados com ex-alunas do CNSN, foi disponibilizado para essa pesquisa, através da ex-aluna Cristina Soares Cavalcante, um poema que foi recitado por ela, cujo, conteúdo foi uma homenagem a uma madre francesa, que veio da Europa para averiguar a atual situação em que a instituição se encontrava em 1970.

A referida madre, representante enviada pela Ordem Religiosa da Sagrada Família, ficou hospedada no CNSN durante dois meses, com o intuito de fiscalizar todo o trabalho desenvolvido na instituição. No retorno da madre à França, o colégio organizou uma despedida com a presença de todas as alunas e demais profissionais da instituição, tendo a religiosa francesa comunicado o seu parecer favorável à manutenção das atividades desenvolvidas na instituição. O ápice da despedida foi a leitura do poema, logo abaixo, em francês, recitado pela ex-aluna Cristina Soares e, ao mesmo tempo foi uma espécie de agradecimento por suas conclusões positivas em prol da instituição.

Bien chère Mère Visitatrice:

En Décembre dernier, nos palmiers frappaient leurs palmes, dans un bruit inusité, comme en fête; / ils vous présentaient les vœux de bien-venues. À la chaleur du soleil, s'unissait la verdure de nos / / paysages; malgré la saison chaude, tout était joie, car une Mère de France, venait d'arriver.

Deux mois à peine se sont écoulés, depuis la rouverture des classes. Nous étions contentes de vous avoir parmi nous, de vous sentir en terre brésilienne, s'intéressant à nos problèmes, écoutant avec l'âme, / le programme que nous traçait le Dr. Paulo Pires. Le temps s'est écoulé bien vite. Votre séjour au Brésil, touche à sa fin; il a été trop court.

Nous voilà réunies de nouveau, mais cette fois-ci, pour vous dire au revoir.

Maintenant, nos palmiers secoués par le vent, chantent différemment. Leur musique n'est pas la même, elle a quelque chose de triste. Écoutez bien, chère / Mère, et chaque mouvement vous dira, dans un air tout à fait plaintif, le mot "saudade". Oui, nous commençons déjà à la sentir.

Vous allez repartir, vous allez rentrer chez vous, mais nous sommes sûres que vos yeux sont plus / riches, de la variété du paysage brésilien. Votre cœur plus aimant, devant les nombreuses personnes que vous avez connues. Votre âme plus ouverte, devant les grands besoins que vous avez constaté, dans cette région immense.

~~Nous toutes.~~ Les élèves du Collège Notre Dame

des Neiges, vous remercions de votre chère visite si bienfaisante pour nous toutes.

Merci, d'avoir laissé ouvertes, les portes de la Congrégation, ici, au Brésil, par lesquelles, pénètrent toutes les classes sociales, et où les accueille la charité des filles de Sainte Emilie de Rodat.

Nous vous souhaitons un bon voyage, au cher pays de France.

E t que notre souvenir ne s'éloigne de vous, surtout, dans vos prières.

prière

Imagem 4: Poema recitado em homenagem à Ir. Francesa.
Fonte: Ex-aluna Cristina Soares.

Em um dos contatos realizados com a Ir. Margarida, ao mostrar-lhe o poema fornecido pela ex-aluna, imediatamente pegou-o e realizou a leitura em francês e, em seguida, uma segunda leitura traduzindo-o para o português (Anexo L). A ex-diretora lembra-se da composição do poema e menciona que foi escrito para ser declamado por uma aluna:

[...] nós todas as alunas do colégio Nossa Senhora das Neves e agradecemos a sua generosa visita, para bem fazer a nós todos. Obrigada por ter deixado abertas as portas da congregação, aqui no Brasil, pelas quais conhecem todas as graças sociais e onde as alunas são acolhidas, pela caridade, em nome das alunas que são filhas de Santa Emília de Rodat e desejamos a sua volta ao seu caro país que a nossa lembrança não se apague em seu coração pelo e sobre tudo sempre em suas orações.[...]
(Tradução livre da Ir. Margarida)

Neste sentido, confirma-se o momento de instabilidade em que o colégio passou por dois meses sob inspeção da madre francesa, e que apesar do parecer favorável à instituição, em 1970, tem-se registrado nesse mesmo ano o encerramento das atividades do magistério.

A fotografia a seguir, ilustra a bênção dos anéis na festa de formatura das ex-alunas da última turma do magistério no CNSN, em 1970.



Foto 12: Festa de encerramento da última turma do magistério (1970).

Fonte: Álbum de fotografia da ex-aluna Selma Lúcia Cavalcante Cornélio (1970).

Infelizmente, o CNSN, conforme os dados do Setor de Estabelecimentos Extintos, (Inspetoria Técnica de Ensino), dessa vez, foram encerradas todas suas atividades no dia 31 de dezembro de 2002. A documentação do colégio foi entregue nesse órgão no dia 05 de junho de 2003, encerrando uma contribuição de 107 anos, na educação da Paraíba.

2.3 Algumas ausências, permanências e transformações: no espaço da Faculdade de Ciências Médicas (2008).

O CNSN fez parte do Legado educacional da história da educação na Paraíba e também do Brasil. A boa educação ofertada às filhas e alguns filhos da sociedade paraibana ainda se encontram registrada na memória recente e em algumas fotografias daqueles que ali freqüentaram.

Atualmente, o prédio escolar dessa instituição encontra-se alugado à Faculdade de Ciências Médicas, ofertando cursos na área de saúde. Cursos esses almejados por diversos segmentos da sociedade. Para que o antigo prédio do CNSN fosse reaberto, passou por algumas adequações respeitando aspectos tanto de ordem estrutural, como de ordem religiosa.

Apesar disso, para o funcionamento da referida Faculdade, algumas mudanças são perceptíveis ao simples olhar, como a instalação de um elevador (elemento que faz parte de recursos da modernidade), mas, também foram realizadas outras modificações que só quem fez parte dessa instituição poderá contar.

Com o intuito de conhecer como atualmente encontra-se esse espaço escolar, a pesquisadora foi buscar auxílio de uma ex-aluna da última turma do magistério em 1970, para averiguar possíveis mudanças e também poder contar alguns fatos ocorridos no interior dessa instituição.

A aluna que se disponibilizou para reviver esse momento histórico foi Rejane Pereira dos Santos. Essa visita à Faculdade de Ciências Médicas, também contou com a presença de Ir. Margarida, visto que naquela ocasião esta seria a sua atual morada. A aluna que se disponibilizou para reviver esse momento histórico foi Rejane Pereira dos Santos. Ao proporcionar este regresso à ex-aluna,

faz-se necessário registrar a emoção que tomou conta da mesma, pois além de rememorar suas lembranças, também percebeu as permanências e ausências do que foi o CNSN.

Inicialmente, ao entrar na Faculdade de Ciências Médicas, foi perceptível a modificação realizada na parte interna, no Jardim da Faculdade. Esse espaço que, segundo Rejane e a Ir. Margarida, era mais conhecido como o pátio da escola, servia para que as alunas ao entrar na instituição se organizassem em fila antes de ir para as salas de aula e, com a ajuda de um sistema de som, as freiras iam dando os comandos das orações iniciais, canto de músicas católicas, hino do colégio, e assim por diante. O hino do CNSN (Anexo M) foi um aprendizado que ficou gravado na memória das quatro ex-alunas da última turma do magistério em 1970. A cada entrevista realizada, em determinado momento, elas paravam o assunto em questão para lembrar, e até mesmo cantar, o hino do colégio.

O referido pátio possuiu as iniciais do Colégio Nossa Senhora das Neves (NSN), decorado com pedras cravadas. Nas fotografias a seguir, temos o retrato do pátio interno.



Fotos 13: Iniciais do CNSN no pátio interno.

Fotos 14: Iniciais do CNSN no pátio interno.

Fonte: Grupo de Pesquisa e Ciência da Educação e Sociedade – GPCES/UFPB.

Atualmente a Faculdade de Ciências Médicas mudou esse cenário. O mesmo recebeu algumas reformas, ou seja, adaptações da nova instituição que lá se encontra em funcionamento, e as letras do pátio interno foram substituídas por:

FCM, correspondente às letras iniciais da instituição. Conforme ver na fotografia a seguir:



Foto 15: Iniciais da Faculdade de Ciências Médicas (FCM).
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

Também foram construídas rampas de acesso na escola, a instalação de um elevador, de novos bebedouros, agora com água gelada, Rejane observa que na parede ainda há marcas do antigo bebedouro de água, revestido por azulejos, (note no detalhe da fotografia Nº18, na parede, os bebedores seriam essas linhas brancas na horizontal), e Ir. Margarida detalha: essas cerâmicas eram o que se tinha de mais moderno; foi uma doação que veio da fábrica de cerâmicas Brennand em Pernambuco.

A seqüência de fotografias exemplifica essas mudanças no antigo cenário escolar. E no que se refere às modificações de ordem estrutural foram realizadas a partir da atual gestão



Foto 16: Rampas de acesso. **Foto 17:** Elevador.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).



Foto18: Bebedouros elétricos.

Também instalaram catracas na entrada da escola, para modernizar o controle de entrada e saída de pessoas, através de um cartão magnético. Rejane recorda que para entrar e sair por essas portas facilmente só na hora determinada, segundo as normas dessa instituição. Caso houvesse a necessidade de entrada ou saída, fora dos horários, segundo Rejane: “[...] era meio mundo de explicações, e chama uma pessoa, chama outra, para confirmar e, liberar ou não esse aluno.” Atualmente o controle de e entrada e saída de alunos na faculdade, se resolve com um simples cartão magnético. O pátio que servia para as comemorações festivas da escola foi adaptado para ser um estacionamento de carros. O auditório também passou pelo crivo dessas modificações, segundo a ex-aluna não há mais nenhum móvel ou quadro religioso que decorava o local. Segundo Ir. Margarida, esses moveis e artigos religiosos foram distribuídos em outras instalações da ordem religiosa da Sagrada Família, no Brasil.

As fotografias a seguir exemplificam essas adaptações para o funcionamento da Faculdade de Ciências Médicas.



Foto 19: Catracas na portaria.



Foto 20: Quadra.



Foto 21: Auditório reformado.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

A Faculdade de Ciências Médicas realizou diversas mudanças para adaptar o espaço a suas necessidades, mas também houve um respeito a várias características do colégio religioso. Rejane, na oportunidade dessa visita, comentou as permanências realizadas na instituição: a exemplo da preservação das grades que separavam as irmãs enclausuladas, no segundo andar; a gruta, segundo Rejane: “[...] foi uma oferta de uma pessoa da sociedade, que prometeu

que se sua promessa se fosse alcançada, iria pagar a graça construindo-a [...]”. Nesse momento, surgiu o questionamento da pesquisadora: Essa não é Nossa Senhora das Neves e nem Santa Emília de Rodat? Rejane respondeu: “[...] as pessoas sempre imaginam que essa Imagem seja de Nossa Senhora das Neves ou Santa Emília de Rodat, mas é Nossa Senhora de Lourdes, pois foi a ela que designaram o pedido.” Outra permanência que segundo Rejane ainda é nítida em sua lembrança, é a grade de proteção de madeira da sala dos professores. Grade que separava os alunos dos professores, mas, que ao mesmo tempo permitia aos professores observarem e terem acesso aos alunos de diferentes idades, que por ali transitavam.



Foto 22: Grades de clausura. **Foto 23:** Gruta de Nossa de Senhora de Lourdes.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

Foto 24: Grade de proteção de madeira.

Na faculdade, também foram realizadas algumas adaptações que Rejane foi pouco a pouco recordando, como a sala onde guardavam e em dias de festa expunham os trabalhos manuais, adaptada para ser uma cantina.

As fotografias a seguir demonstram a adaptação da sala de trabalhos manuais para funcionar a cantina. A foto 26 apresenta a entrada da cantina. Conforme informação de Rejane, a prateleira detalhada na foto 27, servia para guardar tanto os objetos de costura, como os trabalhos manuais produzido pelas alunas, que atualmente encontra-se sem uso algum na cantina. A sala antes destinada ao ensino de alunos do primário hoje é um laboratório.



Foto 25: Cantina.



Foto 26: Prateleiras em que guardavam os trabalhos manuais.



Foto 27: Laboratório.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

Outra mudança percebida nesta visita à Faculdade de Ciências Médicas, agora segundo a visão da pesquisadora, foi o pátio interno, que conforme os documentos do Processo de Equiparação colégio ao Pedro II Nº906, nas fotografias encontradas a seguir (Nº 28 e Nº 29), o espaço que antes era destinado à ginástica das crianças e adolescentes meninas, foi adaptado para um espécie de praça da alimentação.



Foto 28: Aula de ginástica.



Foto 29: Aula de ginástica.



Foto 30: Atual praça da alimentação.

Fonte: Processo de equiparação do colégio ao Pedro II, Nº906 (1935-1958).

Fonte: Processo de equiparação do colégio ao Pedro II, Nº906 (1935-1958).

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

No contexto da atual Faculdade de Ciências Médicas, como se pode constatar nas fotografias a seguir, também foram percebidas as permanências como o piso, os antigos quadros de giz, o armário dos professores, que embora sem uso ainda permanece vivo na lembrança dessa ex-aluna. Ela faz referências

às janelas, que se encontra com o quadro de branco sobreposto, conforme a fotografia Nº33, que em sua lembrança eram “[...] enormes janelas, onde a ventilação era fantástica [...]”. Atualmente encontram-se fechadas, para o bom uso do ar condicionado, elemento que faz parte de recursos da modernidade. A permanência do quadro de giz e a sobreposição do quadro branco sobre as janelas fazem parte das permanências e adaptações realizadas pela faculdade.



Foto 31: Sala de aula.



Foto 32: Sala de aula.



Foto 33: Armário de professores.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

Outro aspecto de conservação dessa instituição pode ser percebido na fotografia a seguir, da atual fachada do antigo CNSN, que está muito bem conservada pelos atuais locatários. Esse prédio escolar encontra-se aos cuidados da Arquidiocese da Paraíba e das Religiosas da Sagrada Família.



Foto 34: Fachada principal do CNSN.

Fonte: Grupo de pesquisa Ciência Educação e Sociedade-GPCES/UFPB.

Portanto, com o intuito de dar funcionalidade a Faculdade de Ciências Médicas, ficou constatado que foram realizadas algumas mudanças e a inclusão de alguns aspectos da modernidade ao prédio do antigo CNSN, como também foram preservadas muitas características do prédio da antiga instituição. Merecem destaque as várias características religiosas que permaneceram lá, todavia, algumas ausências, a exemplo de móveis e imagens religiosas redistribuídas para outras instituições da Ordem Religiosa da Sagrada Família. Apesar das transformações para institucionalização da Faculdade de Ciências Médicas, as implicações dos processos históricos ali vivenciados ainda se encontram presentes no imaginário e na memória das personagens que a vivenciaram (alunas, professoras e diretora).

Memórias da Irmã Margarida Maria Marcelo Costa e o Colégio Nossa Senhora das Neves

MINHA AMIGA MARGARIDA

Margarida, teu nome é graça,
é simplicidade, é paz, é alegria, é força, é riqueza que do teu
semblante irradia.
A tua estatura esconde
o gigante que em ti-habita.
Tu transformas quando aos irmãos falas.
Não esmoreça, eu te peço.
Tuas palavras tão envolventes são como flechas que
penetram na alma da gente.
Não podes esconder a paixão existente em teu coração, pelo
teu Deus e por todos os irmãos teus.
Margarida, minha amiga, conserva esta juventude de alma,
graça divina em tua vida.
Que os anos não te abatam.
Não desanimes, não esmoreças diante de qualquer
tribulação, porque tua presença entre nós, alegra o nosso
coração.
Trocaste de missão, agora, outra é tua atuação.
Continua sendo primavera em nossas vidas, oh! Margarida,
simples e querida!

(Amiga anônima).

Este poema foi apresentado à pesquisadora, timidamente, por Ir. Margarida, como demonstração do reconhecimento de alguém pelo seu trabalho. Ela guarda esse poema há muitos anos, e diz não saber quem o escreveu, apenas desconfia, mas também diz que respeita a decisão dessa homenagem anônima. Descreve com muito carinho a maneira como esse poema chegou às suas mãos: foi deixado na sua caixa de correio, com a intenção de que ela o recebesse e não soubesse quem o escreveu. A ex-diretora menciona que fez várias cópias, e dá as pessoas que mais gosta como lembrança do momento em que trabalhou no CNSN.

3.1 Irmã Margarida Maria Marcelo Costa: traços biográficos

Ir. Margarida nasceu em Bezerros, município de Pernambuco, próximo a Caruaru, em 1924, ano em que foi diplomada a primeira turma de alunas do curso normal no CNSN. No primeiro contato presencial com Irmã Margarida em 2006, nessa oportunidade com 82 anos de idade, ela fez questão de dizer: “[...] não me sinto velha, sabe por quê? Eu procuro ver a vida na sua beleza, até hoje me mandaram um cartão do Paraná, que diz a pessoa que contempla a beleza nunca envelhece [...]” (Ir. Margarida, 19/08/2006). Irmã Margarida está com 84 anos e, apesar da idade que tem, ainda é uma pessoa dinâmica, não pára em casa, está sempre fazendo palestras em diversos lugares, e faz questão de mencionar que profere palestras de diversos assuntos e para diversos públicos, do mais velho ao mais jovem. Ainda menciona que já viveu muito e que tem experiência suficiente para dar conta das temáticas.

O primeiro contato de Ir. Margarida com o CNSN, aconteceu quando ainda era muito jovem. Iniciou os estudos em um internato com as Irmãs Beneditinas em Caruaru, mas logo veio para o Colégio das Neves, e não demorou em manifestar o desejo de ingressar como religiosa da Ordem da Sagrada Família. Muito emocionada ela dá o seu depoimento:

[...] depois terminei meus estudos no Colégio das Neves, tinha começado lá (internato perto de Caruaru), terminei aqui, depois entrei no (colégio), me puseram como experiência, vá pro ensino [...] Então eu ensinei depois eu fui pro noviciado. Minha mãe morreu aos 35 anos. Eu, a mais velha, foi muito duro, nova, mas quando souberam mamãe [...] (as pessoas diziam), mas, ela não é a mais nova, é a mais velha, não vai mais. Deus me ajudou tanto [...] (Ir. Margarida, 19/08/2006).

Toda a sua experiência religiosa, desde o princípio, sempre aconteceu por intermédio das religiosas da Congregação da Sagrada Família de Santa Emilia de Rodat. Reforçou que esse foi um momento de decisão muito difícil em sua vida, visto que, acabava de perder sua mãe. Quando tomou a decisão de ser religiosa, as pessoas duvidavam, pois apesar de ser muito jovem, o que se esperava era que ela fosse tomar conta dos irmãos mais novos.

Ir. Margarida ainda comenta que sua decisão de seguir a vida religiosa foi ainda mais difícil, pois o falecimento de sua mãe foi praticamente nas vésperas da sua saída de casa para ir morar em uma das dependências da Ordem Religiosa da Sagrada Família. Em seu depoimento, muito emocionada e quase chorando, justifica que antes do falecimento de sua mãe já manifestava o desejo de ser religiosa e que se não fosse naquele momento ia acabar não conseguindo. A morte de sua mãe foi o que mais marcou esse momento de decisão. Era a irmã mais velha e todos esperavam que ela fosse assumir as atividades do lar, mas isso não procedeu, Irmã Margarida perseverou:

[...] olhe minha saída de casa foi uma coisa [...] Eu era louca por meu avô, então minha irmãzinha, pequena tinha dois anos. Então quando foi o momento de sair de casa, quando eu beijei minha irmãzinha, meu avô, eu disse pra mim mesma, “eu sou cruel”. Mas toquei o barco pra frente, queria muito bem a todos, mas quando eu pensei em estudar aqui, que minha irmãzinha... não gosto nem de me lembrar. À noite ela acordava mamãe, mamãe, mamãe era duro, né? (Neste momento, ela já estava quase chorando) Olhe, eu sei quando o rapaz foi me levar, papai não teve coragem de me levar, então, (o rapaz) disse: ‘Olhe seu Marcelo, o senhor não se preocupe que ela vai voltar, vai voltar. [...] Ela chorou o caminho todo, [...]’ olhe isso me causou... eu passei um tempinho meio doente assim, cansada porque foi um choque muito grande. Mas depois da morte de mamãe, eu lembrei (pensei): se eu for demorar eu me apego muito mais, (e não vai ter) coragem de sair [...] (Ir. Margarida, 19/08/2006)

Devido ao momento difícil que Ir. Margarida atravessava com a morte de sua mãe e a exigência explícita por parte de amigos e parentes, como a filha mais velha, deveria assumir as atividades do lar e a responsabilidade com a criação de seus irmãos, as pessoas não acreditavam que ela tomaria essa decisão de ser religiosa. Neste momento de decisão, Ir. Margarida menciona a grande amizade de sua família com os Padres e Bispo, a aconselhavam que não fosse neste momento. Reforça que entrou na vida religiosa não se arrepende e que é muito feliz por ter tomado a decisão certa. Quanto a sua referência como mãe e para seus demais irmãos, Ir. Margarida tem na lembrança uma tia que morreu aos 95 anos, e que assumiu esse papel na sua família.

Sua trajetória no CNSN foi longa, pois estudou nessa instituição desde muito pequena e logo se tornou religiosa da ordem da Sagrada Família. Sua missão foi educar crianças, por isso foi professora e, como consequência do seu desempenho nesta instituição, também foi diretora. Em relação ao tempo em que permaneceu no CNSN, a entrevistada diz ter trabalhado muito tempo ali, e que saiu em 99:

[...] pra mim, foi... foi... estava na hora certa. Pra mim foi muito duro, mas me mandaram pra Inglaterra [...] Então você vai para Inglaterra, você se revitaliza uns 6 meses, refresca seu juízo, depois vai pra França pra ajudar como tradutora no capítulo. E depois se você quiser ficar na França fica, se não quiser volta para a Inglaterra. Como eu já tinha ido quatro vezes à França, eu disse: não, vou voltar para a Inglaterra [...]. Então eu fui ser tradutora de Francês, de Inglês. Só quando terminou, as irmãs da Inglaterra voltaram para a Inglaterra, só ficaram as provinciais. Provincial é aquela irmã que é designada para ser responsável por todas [...] as comunidades daquele país, por exemplo, nós temos uma brasileira que é responsável por todas as nossas casas no Brasil. Então ela disse: as irmãs vão voltar para a Inglaterra, eu fico esperando por vocês porque eu fui a Lourdes [...] Eu fiz um retiro em Lourdes, ela ficou esperando por mim, voltei para a Inglaterra e ela disse assim: Margarida, você deve estar com a cabeça muito cansada quinze dias, tradutora de duas línguas... Vá dar um passeio na Irlanda. Então eu fui pra Irlanda, uma casa linda, linda! [...] Depois fiquei lá, no finzinho de 99, finzinho [...] Eu voltei passei pelo Rio pra visitar minha família e vim morar nessa casa [...]. (Ir. MARGARIDA, 19/08/2006)

Também mencionou que sair do CNSN não foi fácil, e que pediu muito a Deus para não ter muitas saudades, mas encerrou suas atividades naquela instituição com a certeza de que cumpriu sua missão. Comenta que a programação de viagem organizada pelos que fazem parte de sua ordem religiosa foi muito boa, pois preencheu o seu tempo por um período de quase um ano e isso a ajudou muito.

A casa mencionada neste depoimento situa-se no bairro Tambiá. Em 2006, local onde foram realizados os primeiros contatos com Ir. Margarida. Mas, essa não foi a sua única morada após a saída do CNSN. No final de 2007, as ex-alunas Cristina Soares e Rejane Pereira informaram que Ir. Margarida não morava mais na casa localizada no bairro Tambiá e sim em uma parte das Instalações da

Faculdade de Ciências Médicas. No encontro seguinte, ao manter contato com Irmã Margarida mencionou que foi morar lá por decisão de sua Ordem Religiosa e que negou a primeira opção de morar em Camaragibe/Pernambuco, porque acreditou que teria que passar por todo um processo de novas adaptações e que ficar em João Pessoa seria bom, pois ela já estava acostumada.

A casa onde morava no bairro de Tambiá foi destinada a acolher as moças que estão iniciando a formação religiosa, e à Ir. Margarida restou à opção de ir morar em uma das dependências do antigo CNSN e também do São Vicente. Tomou essa decisão porque já existiam outras Irmãs morando nesta instituição, desde 2002, quando o colégio encerrou todas as suas atividades definitivamente.

Segue-se a fotografia de Irmã Margarida no período em que morou nas dependências da Faculdade de Ciências Médicas.



Foto 35: Morada da Ir. Margarida na FCM.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

A peregrinação da morada de Ir. Margarida não parou por aí. No início de março de 2008, Ir. Margarida foi ir morar em Camaragibe, sendo que ficou acordado uma vez por mês, vir a João Pessoa para dar continuidade a alguns estudos bíblicos que já realizava.

Entre as diversas visitas a Ir. Margarida, ela sempre mencionava que tinha alguns poemas guardados e que escreveu no decorrer de toda a sua vida e, ainda reforçava que o seu maior sonho seria poder publicá-los, mas não sabia como. Sempre tocava neste assunto. Informadas desse desejo, as ex-alunas sugeriram reunir-se com as outras ex-alunas que ainda mantém contato umas com as outras, para encampar essa idéia de publicar o livro, com o patrocínio delas. Foi nessa relação de confiança e amizade conquistada entre pesquisadora e pesquisada, que Ir. Margarida não contestou nenhum detalhe e, confiou entregar a pesquisadora todo o seu material poético, do qual não existe cópia, para ser digitalizado. A surpresa foi com a quantidade de poemas guardados: mais de cem.

O último encontro com Ir. Margarida na Faculdade de Ciências Médica aconteceu no início de março de 2008. O clima foi de despedida, pois a mesma estava de mudança para a casa das Religiosas da Sagrada Família em Camaragibe/PE. Na verdade estava de malas prontas, só aguardando o momento ir embora. Nessa oportunidade foi apresentado a boneca de seu livro intitulado: Reflexões Poéticas II. Esse nome foi escolhido, porque Ir. Margarida já havia publicado um livro Reflexões Poéticas I. A sua felicidade foi tão grande, que neste momento disse: “Acho que estou perto de morrer!” Ao perguntar o porquê desta afirmação, respondeu imediatamente: “Porque esse tipo de homenagem só acontece geralmente com aquelas pessoas que já morreram, e em vida vou alcançar este momento.” O projeto para publicar o livro de Ir. Margarida encontra-se em andamento.

Poemas de Ir. Margarida com a temática do Colégio Nossa Senhora das Neves

No percurso de sua trajetória religiosa, a Ir. Margarida, atualmente com 84 anos, registrou diversos momentos de sua vida, não só religiosa, mas também os dedicados à educação em forma de poesia. Em suas palavras destacam-se momentos felizes que vivenciou no CNSN, bem como o constante agradecimento a Deus, por conseguir dar continuidade à sua missão religiosa e, ao mesmo tempo, a aspiração advinda do seu saudosismo familiar.

A dedicação de Ir. Margarida pela poesia segundo Perrot (2005, p.13), é explicável, pois essa seria uma atividade que foi permitida as mulheres de maneira a expor o que pensavam de maneira plausível pela sociedade: “[...] Autorizada às formas de escrita pública (educação, caridade, cozinhar, etiqueta) [...], elas se apropriam progressivamente de todos os campos de comunicação – o jornalismo, por exemplo – e da criação: poesia, romance sobretudo, história [...].” Conforme a autora essa possibilidade de leitura e expressão limitada a algumas escritas, permitiria as mulheres uma forma de viajar no tempo, poder ir a vários lugares sem sair de casa.

Merece destaque o registro de poder ter em mãos os mais de cem poemas escritos por Ir. Margarida, com diversos temas, a exemplo de sua própria vocação e dedicação religiosa, poemas dedicados a Santa Emília de Rodat, poemas dedicados a sua mãe, entre outros. Para a pesquisa foram escolhidos quatro poemas que preservam várias características da instituição, que vão desde o cotidiano escolar até a arquitetura, que por diversas vezes ela não se cansa de enaltecê-lo.

Consequentemente, os poemas a seguir têm como temática principal o CNSN. Ao lê-los, viaja-se em um passado ainda presente na memória daqueles que fizeram parte daquela realidade escolar. Visualiza-se o cotidiano do interior daquele casarão que educava moças com o propósito de prepará-las para a vida, local em que a disciplina era considerada como fundamental para o futuro das alunas. Ir. Margarida, na constituição de seus poemas, também rememora espaços desta instituição, que foi desativada, são eles: CNSN, O interior do meu casarão, Oração da manhã e Despedida.



Imagem 5: Ir. Margarida Marcelo Costa.
Fonte: Ribeiro (1976).

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

(Irmã Margarida Maria)

Comemorando os 70 anos de nossas
atividades no Colégio N. Sra das Neves - 1976

Quando olho para ti
e te vejo altaneiro,
evoco um passado distante,
e renovo por ti,
um amor bem verdadeiro.
Quantos jovens acolheste
com carinho sem igual,
apontando a cada um
o caminho do futuro,
baseado NAQUELE que deixa segurança,
o amigo verdadeiro,
no qual repousa a Esperança.

COLÉGIO DAS NEVES!

Teu porte denota dignidade,
continua sendo através dos tempos,
o arauto da verdade.
As mestras que por aqui passaram,
te marcaram,
e todos aqueles que transpõem tuas soleiras,
recebem algo de grande,
no esforço ingente,
de quem quer fazer dos seus irmãos,

uma obra verdadeira.
Se te fosse possível falar,
muito terias o que contar.
Revelaria páginas tristes,
cantarias de alegria,
falarias de vitórias, de esforço,
de santidade escondida
no dia a dia de muitas vidas.

COLÉGIO DAS NEVES!

Viste aqui muitas gerações
e aliviaste muitos corações.
Quantos guardam intacto
o tesouro da fé,
e continuam vivendo, c
arregando tristes ou alegres,
a sua cruz, e mantendo-se de pé.
Guarda aqueles princípios que te legou
Santa Emília de Rodat,
e não te deixes pelo desânimo
nem pelas fáceis mudanças, levar.
Continua a exemplo
da grande fundadora,
a vencer as dificuldades,
superando as maldades,
do inimigo enganador,
e verás num futuro
talvez longínquo,
o antigo jardim das Neves,
já não digo, coberto de louros,
mas conservando
o grande tesouro da coragem,
do amor, de fé,
daqueles que ainda esperam de ti,
a libertação inteligente
e esclareci da mulher.

João Pessoa, 25 de setembro de 1970.

Ir. Margarida ao lançar o seu olhar para o Colégio, volta ao passado e confessa seu amor verdadeiro por esta instituição. Lembra dos alunos que por ali transitavam, à função da educação ministrada nesta instituição, sinalizando assim a cada um, o caminho para o futuro. Estudar no CNSN era sinônimo de decência e confiança. Homenageia a dedicação e o esforço da boa educação das mestras que por ali passaram. Fala de paredes que têm muito a contar como, alegrias,

tristezas, cantorias, comentários de vitórias, de esforços, de santidade, no interior de cada vida. Percebe-se neste poema a inspiração nos ensinamentos bíblicos, no entanto seu eixo sempre se desloca para Santa Emília de Rodat. Compara os princípios de Santa Emília ao jardim da escola, a tudo de bom que possui e almeja a libertação inteligente que esclarece a mulher.

Enfim, o poema de Ir. Margarida possui a característica de serem produzidos sempre em torno da temática do CNSN, destacando-se também a questão do sofrimento, de felicidade, de anseios com o futuro contato com a sociedade, e com temáticas religiosas. Pode-se dizer que as poesias de Ir. Margarida além de externar seus sentimentos, algo que a deslumbrava, reflete sentimentos, revelam os elementos constituintes de sua crença, o seu deslumbramento pela natureza, suas práticas educativas e até as práticas disciplinares no cotidiano da instituição.

3.3 Irmã Margarida Costa e sua dedicação ao magistério

A jovem Estefania Maria Marcelo Costa (nome de origem familiar) é hoje conhecida por todos como Irmã Margarida, porque esse seu segundo nome foi mais tarde designado pela ordem religiosa a qual pertencia. Margarida Maria Marcelo Costa foi à oitava diretora da tradicional instituição educacional CNSN, entre os anos de 1975 e 1999. Pernambucana, nascida no município de Bezerros, em 1924, consolidou sua vocação religiosa após o falecimento precoce de sua mãe:

Estudei em Caruaru num internato com as Irmãs Beneditinas [...] depois eu vim aqui para o Colégio das Neves. Eu já pensava em ser freira, depois terminei meus estudos no Colégio das Neves, tinha começado lá e terminei aqui [...] passei a ensinar e depois eu fui pro noviciado, Deus me ajudou muito, por isso sou muito feliz e nunca me arrependi [...] A minha congregação é a Sagrada Família de Santa Emília de Rodat, desde o começo foi essa Sagrada Congregação da Família de Santa Emília de Rodat [...]. Posso dizer que venci as dificuldades, que todo mundo tem dificuldades na vida, né? Como dizia Manoel Bandeira⁴: quem passou pela vida e não sofreu, passou pela vida e não viveu.

⁴Embora, Ir. Margarida tenha se referido a Manuel Bandeira, trata-se da letra da música: Como dizia o poeta, do artista Vinicius de Moraes.

Todo mundo sofre, né? É da natureza humana sofrer [...] (Ir.MARGARIDA, 19/08/2006)

A visão de Ir. Margarida sobre o sofrimento é mencionada por ela como algo natural, sendo assim seria normal abster-se do direito à alegria para optar por ser uma religiosa. Segundo Lowen (1984, p.14), sofrimento e prazer podem ocorrer simultaneamente na vida de uma pessoa, ou seja “[...] comprometimento total com o que se está fazendo é uma das condições básicas para o prazer. A pessoa fica dividida e em conflito quando se envolve totalmente.” Nesse sentido, Irmã Margarida não se queixa do sofrimento, apenas o menciona como componente para se alcançar o prazer em sua opção de ser religiosa.

Durante o período de vivência no CNSN a Ir. Margarida percorreu diversos espaços, não só institucionais, mas também, como aluna desse Colégio, numa evolução do ensino ginasial à ascensão administrativa:

Eu cheguei aqui em 60, então fui ensinar no antigo ginásio, o primeiro grau, depois fui passada como coordenadora e depois fui indicada como diretora, de 71 até 99. Estava na hora de parar. Durante o tempo que trabalhei nesta instituição, eu percebi que tudo na vida é muito simples, porque a vida é muito simples, não é? Somos nós que a complicamos! [...] Foram 24 anos de glória, mas também, de muita privação, privação de muitos passeios, de muitos encontros, de muita coisa mesmo, sabe por quê? Tinha que estar ali no meio divino! (Ir. Margarida, 19/08/2006)

Neste depoimento, em que narra um balanço de sua permanência na respectiva instituição, passa uma mensagem de um modelo de vida que se confunde com muita intensidade com a prática cotidiana da escola, algo relacionado à sua vocação educacional/religiosa.

A seguir temos as fotografias que rememoram os diversos momentos de sua trajetória no CNSN.



Foto 40: Ir. Margarida como Aluna.



Foto 41: Fotografia que registra a vocação religiosa.



Foto: 42 Fotografia que registra a transição entre ser professora e posteriormente diretora.

Fonte: Arquivo pessoal da Ir. Margarida.

Expressando o legado do CNSN, a Ir. Margarida revela seu reconhecimento pela herança institucional, uma herança, segundo ela, alcançada com os desafios e a determinação de suas antecedentes educadoras, as irmãs da Congregação da Sagrada Família de Santa Emília de Rodat:

Olhe nosso esforço [...] quando eu olhava aquele colégio [...] foram as minhas irmãs francesas começaram, né? Vieram pra cá em 1906 [...] Durante o dia elas davam aula, à noite sabe o que faziam? Carregavam o material de construção, para que quando os operários chegassem no dia seguinte já tivesse lá [...]. Às irmãs deixaram o primeiro mundo, né? Deixaram pra vir pra cá. Sem conhecer ninguém, não conheciam ainda a cidade, os costumes, a privação de tudo, foi muito sacrifício. Então eu valorizava muito isso aqui [...]. (Ir. MARGARIDA, 19/08/2006)

A Ir. Margarida compara os seus anos de dedicação à vida religiosa e a instituição ao amor e dedicação das Irmãs Francesas, que não mediram esforços e, são consideradas como exemplo na colaboração com a construção definitiva dessa instituição.

3.4 A cotidianidade escolar: práticas e disciplinas

A preocupação com a educação dirigida à família, sobretudo com os preceitos cristãos, fazia parte do cotidiano escolar. Na fala de Ir. Margarida toma-

se conhecimento de todo material religioso desenvolvido diariamente a partir da entrada dos alunos, que se posicionavam em filas para realizar orações matinais.

A gente procurava dar aos alunos uma vida de família, uma vida simples, uma vida cristã [...] por em prática aquilo que a gente aprendeu [...] de manhã fazíamos a oração, muitos pais só voltavam para casa depois que terminava a oração da manhã [...] no momento das intenções pelas famílias muitos colocavam bilhetinhos pedindo orações, tudo se desenrolava pela simplicidade [...]. (Ir. MARGARIDA, 19/08/2006).

No CNSN, a convivência com os rituais religiosos na cotidianidade estava, também, articulada aos padrões de disciplinas que eram exigidos pela instituição, seja para os alunos, seja para os professores.

A gente exigia também um pouco de disciplina [...] não se admitia brincadeiras nem conversas durante a oração [...] depois se cumprimentavam e iam pra sala de aula, lá tinham que receber o professor de pé né, sinal de respeito, né? [...] Fazia parte: pedir desculpa, pedir licença, muito obrigado. Exigia que se pegasse alguma coisa com a mão direita, que agradecesse, que pedisse desculpa. Coisas simples, mais que se fazia durante as aulas [...] Ou se educa para a vida ou então a gente tá perdendo o tempo [...] Os professores a gente procurava conscientizar cada vez mais do seu dever de professor, eles tinham que ser um exemplo, de dar o exemplo. As aulas eram bem preparadas, por que estavam ali para que? Não era para brincar, né? Estavam para preparar para a vida [...]. Olhe, eu recomendava, eu exigia muito de todos! (Ir. MARGARIDA, 19/08/2006).

Em relação às exigências disciplinares, Ir. Margarida lembra que na hora das orações, as brincadeiras não eram permitidas, uma vez que esse momento era considerado sagrado; brincar seria falta de respeito. Entende-se que a repressão às brincadeiras, também aconteciam porque logo surgiria o riso, que segundo Bergson (1980, p.13): “Por mais fraco que se suponha o riso, ele oculta uma segunda intenção de acordo, diria eu quase de cumplicidade, com os outros galhofeiros, reais ou imaginários.” Assim sendo, o momento sagrado da oração exigia silêncio, seriedade e muita concentração.

Sobre o silêncio, Perrot (2005, p.9) afirma que durante muito ele foi considerado elemento essencial no comportamento da mulher. Historicamente, a posição secundária e de subordinação seria conveniente para as mulheres, o

silêncio seria uma atitude que cairia “[...] bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar [...]”. Nas palavras de Ir. Margarida, a instituição como um todo se preocupava em oferecer uma educação às alunas que lhe servisse para a vida inteira.

Para que essa boa educação fosse implementada se fazia necessária à parceria entre a escola e a família. Sendo assim, a família deveria conhecer a instituição, e seu funcionamento e, suas demandas sociais deveriam ser trazidas para o interior da escola, responsável pela socialização educativa:

Quando os pais chegavam pra fazer queixa dos filhos, eu dizia: como é a sua menina em casa? Ele ficava pensativo, via que também dava trabalho. Se dá trabalho a você, também dá trabalho aqui. Agora, cabe a você nos ajudar na educação [...]. Aliás, a educação primeira parte na família. A gente conversava muito sobre isso [...]. Eu fazia tudo combinando com os pais, apresentava os problemas e eles me ajudavam, isso foi muito bom pra mim, muito bom mesmo [...] Eu fazia, fazia tudo, por que nós tínhamos reuniões com os professores freqüentemente e tudo passava né? Entrava tudo: religião, educação doméstica, educação social, humana, enfim, política [...] Havia também o curso de educação para o lar: era a pintura, os trabalhos de artes, depois se acabou. (Ir. MARGARIDA, 21/12/2006)

A divulgação das normas educativas da instituição não se limitava as alunas, também eram realizadas reuniões com os familiares. Nesse sentido, de acordo com Szymanski (2007, p.22) “É na família que a criança encontra os primeiros ‘outros’ e, por meio deles, aprende os modos humanos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito [...]”. Acreditava-se no trabalho conjunto entre escola e família. Ir. Margarida justificou que por várias vezes os pais davam mais trabalhos do que os filhos, a exemplo de pais que traziam seus filhos fora do horário limite para a entrada na instituição e queriam quebrar as regras de qualquer maneira, com as mais diversas justificativas. Nesse momento Irmã Margarida era clara, e explicava que as regras foram feitas para serem iguais para todos e que não era justo deixar alguém entrar após o horário determinado. Por isso, as normas educativas deveriam ser disseminadas de forma que ficasse clara para todos.

Para um bom funcionamento da instituição, era preciso que as regras, os valores e princípios institucionais ficassem claros, tanto para as alunas quanto para os pais. Por isso esse assunto estava sempre em pauta, conforme se percebe no trecho abaixo:

Sempre apresentava aos pais o que devia ser feito, mas no geral eles sabiam, sabiam que era um colégio de disciplina, um colégio religioso, que tinha horário, que tinha respeito pelo outro, que se aprendia a dar o bom dia, a pedir licença, a agradecer, todos esses costumes que hoje estão desaparecendo, né? [...] elas todas se comportavam segundo o que a gente exigia, eram meninas educadas, mas havia umas trelosinhas, muito vivas, mas isso fazia parte do contexto daquela idade, né? (Ir. MARGARIDA, 21/12/2006)

Ir. Margarida justifica que a disciplina era o que se esperava de um colégio religioso para mulheres e que os pais ao matriculá-las numa instituição desse porte, sabiam das qualidades educativas e o rigor disciplinar que eram proporcionadas às suas filhas. Segundo Perrot (2005, p.10) durante muito tempo, a religião e os manuais de comportamento definiam os mandamentos a serem seguidos pela melhor, da qual se esperava que “[...] sua postura normal é a escuta, a espera, o guardar as palavras no fundo de si mesmas. Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se.” Não lhes eram permitido questionar e nem abrir exceções.

Conforme as palavras de Ir. Margarida no CNSN, havia horário para tudo, respeito pelo outro e que se aprendia a dar o bom dia, a pedir licença, a agradecer. Tudo isso acontecia de forma muito natural, em uma instituição tradicional, religiosa e feminina. Tais procedimentos remetem a Foucault (1987), quando afirma que o sucesso da escola parece residir, em grande medida, na sua capacidade como instituição normativa e controladora do comportamento. A escola estabelece o modelo de comportamento a ser seguido, como também aponta qual é o modelo marginalizado, estabelecendo, para os comportamentos desviantes da norma, o castigo disciplinar como corretivo.

A tolerância com a idade das crianças e adolescentes, possibilitou a Irmã Margarida repensar processos e questões educativas fundamentais: “[...] fazia

parte do contexto daquela idade, né?”. Provavelmente essa consciência o passo que em seu depoimento possibilitava uma nova “flexibilidade” no campo disciplinar:

Nunca existiu palmatória no Colégio, a gente chamava, colocava lá sentado, se fosse durante a aula a gente esperava que desse o tempo de terminar. Só se fosse uma coisa assim muito grande! Estava lá sentado, esperando que terminasse a aula, pra voltar pra outra aula, voltava, pedia desculpas à professora. Não tinha desses castigos corporais! (Ir. MARGARIDA, 21/12/2006)

No que tange ao discurso da “flexibilidade” disciplinar, Foucault informa (1987, p.181) que na modernidade:

[...] a disciplina tem que fazer funcionar as relações de poder não acima, mas na própria trama da multiplicidade, da maneira mais discreta possível, articulada do melhor modo sobre as outras funções dessas multiplicidades, e também menos dispendiosamente possível.

Na busca do controle disciplinar dos corpos, segundo Foucault (1987), o espaço escolar organizava-se funcional e hierarquicamente, através do ordenamento dos alunos no pátio, da colocação das cadeiras em fila, do espaço do corredor, que entre elas permite a circulação do professor, da separação dos alunos por idade, por série, por turma, a publicação, nos murais, dos primeiros colocados nos exames, e assim por diante.

Nesse conjunto de alinhamentos, o aluno desloca-se o tempo todo, em uma série de casas que marcam uma hierarquia do saber e das capacidades. Foucault analisa os componentes dessa tecnologia disciplinar, como a distribuição dos indivíduos no espaço, o controle do tempo, a vigilância e a punição. Na fotografia a seguir, tem-se a disposição das carteiras em uma sala de aula no CNSN, exemplo do zelo em manter a ordem das carteiras o que, como consequência, favorecia o controle da ordem na sala de aula.



Foto 43: Organização do espaço escolar.

Fonte: Processo de Equiparação do colégio ao Pedro II de Nº906 (1935-1958).

No seu depoimento, Ir. Margarida remete à escola o papel do aprimoramento humano, todavia, em primeira instância, os principais resultados a serem alcançados na escola advém do meio, do contexto familiar:

Não é na sociedade, é nos lares que nascem os grandes homens; não é da rua que nascem os grandes homens, é nos lares; não nos bares, nem nas festas, é no lar, porque o lar deve ser o santuário da santidade, o ninho de amor. É ali que o filhote deve se encontrar amor, receber amor, que amor eu vou dar, né? [...] Na educação procura se resgatar a dignidade do homem no amor, na grandeza, na abertura para o outro, na sua dignidade primeira de filho de Deus, de criatura que vem continuar a obra de Deus [...]. Eu fico muito feliz quando eu encontro até hoje ex-alunos que dizem assim: Irmã o que eu sou hoje devo a formação daquele tempo que eu recebi no Colégio Nossa Senhora das Neves. Simples, muito simples, sabe por quê? Tinha dignidade diante das pessoas, diante de si mesmo, valorizando-se, né? Valorizando-se pelos bons atos, né? (Ir. MARGARIDA, 21/12/2006)

Essa valorização de princípio educativo nascido no seio familiar, apresentado na entrevista, é verificado por Szymanzki (2007, p.22), quando afirma que a criança, no berço familiar “[...] já encontra um mundo organizado segundo parâmetros construídos pela sociedade como um todo e assimilados, idiossincraticamente, pela própria família que, por sua vez, também carrega uma cultura própria [...]” É na particularidade de cada família, que estão impregnados

valores, hábitos, mitos, modos de sentir e de agir específicos que, conseqüentemente, atentam para a constituição do sujeito.

Família/escola, essa combinação como regra na tarefa de educar nas instituições confessionais põe em foco um testemunho de desesperança da Irmã Margarida com o futuro da escola:

Não me custava pedir desculpas ao aluno quando errava. Isso me deixava muito tranqüila, se a gente pedia nosso perdão [...] nós perdoamos muitas coisas [...] foi uma lição. Agora, hoje em dia, nem os pais têm educação [...] A gente procurava evitar até os erros, os erros e as faltas, a gente também ia ajudando [...]. Eu era rígida nos costumes, em tudo que fazia, sempre participava do que a gente pedia [...] Hoje quase desapareceu a disciplina, o respeito ao professor, o respeito com a disciplina nos colégios [...] eu quero que julguem meus atos, as minhas exigências daqui a dez anos [...] (Irmã MARGARIDA, 21/12/2006)

Ao lembrar do período da ditadura militar, instaurado em 1º de abril de 1964, Irmã Margarida destaca a exigência do silêncio e da obediência que caracterizou a época, bem como a posição de aceitação de tais regras pelo CNSN.

Naquele tempo se falava de política no colégio, se apresentava coisas da política, né? Mas não partidária, mas a política de maneira geral [...] no tempo da revolução, havia lá minha obrigação de hastear a bandeira, pois era ordem do Grupamento de Engenharia que era militar [...] a gente fazia de tudo pra não abrir o bico, né? Não queria confusão, deixava pra lá, a gente falava só entre nós, na comunidade [...] a gente antes tinha reuniões com o bispo, procurava fazer da melhor maneira possível, mas não havia discussão, nem a gente tava doida, né? (Irmã MARGARIDA, 21/12/2006)

A prudência manifestada no depoimento de Irmã Margarida originava-se na obediência imposta pela marca da censura, que marcou as relações sociais dos anos 70. De acordo com Cavalcante (2002, p. 30): “[...] as pessoas passam a ter mais cuidado ao expressar suas opiniões em público e muitas vezes se calam ante o medo de ter um interlocutor que está à espera de uma frase ou de um ato mais rebelde que sirva de pretexto para a denúncia.”

Nesse período, o plano político caracterizou-se como repressor, a violência era explícita contra seus opositores e, em termos de educação não apresentou grandes inovações. Segundo Almeida (2004, p.91):

[...] A repressão da ditadura militar, que se estendeu aos anos de 1970, atingiu escolas, professores e estudantes, proibindo quaisquer manifestações de caráter político. A consciência cívica e patriótica seria estimulada na população, e a escola seria uma das vias preferidas como espaço para se pregar o ufanismo nacional e o amor à pátria. O panorama de estagnação intelectual instaurado pelo medo e pela ausência de liberdade tornou-se propício à promulgação de uma lei autoritária, gestada por tecnocratas a serviço do poder e pelos militares desejosos de adesão política.

No depoimento de Ir. Margarida é perceptível o reconhecimento da condição autoritária da época. Nesse ínterim, fazia-se necessário silenciar, incorporando-se às exigências da nova ordem de poder do país, algo que era sintomático na história da referida instituição escolar.

3.5 As mudanças de rumo da escola: crises e transformações

As crises financeiras, acompanhadas das mudanças educacionais na sociedade, impuseram ao CNSN, no decorrer dos anos de 1970, uma adequação à nova realidade conjuntural. No depoimento da Irmã Margarida, acerca desse período, percebe-se a necessidade que se impôs à realidade da época:

Depois daquela turma (última turma concluinte do magistério, pedagógico, 1970), tava muito pequena a matrícula [...] Antes, primeiro iam era para o ginásio, o antigo ginásio, viu? Depois tinha o curso pedagógico. Nós mantivemos o curso pedagógico por vários anos, lá elas se formavam [...] naturalmente elas desejavam ser professoras. Muitas delas foram professoras, depois de estudar no colégio, né? Outras saíram porque encontraram outro emprego ou se casaram [...]. Já estava muito desvalorizado, muito mal remunerado, né? [...] Olhe, o que, dependeu da Secretaria da educação, em lugar de três anos, eram 4 anos. Então as alunas disseram a gente não vai mais fazer o magistério [...]; tinha o clássico e o científico. Criamos o científico e depois o clássico. Então decidimos: vamos deixar o técnico e o científico para o Lourdinas (Outra escola confessional de muita tradição na Paraíba) e ficar apenas com o clássico, mas

foi-se também o clássico, havia muita pouca gente procurando e não deu pra continuar. O número de alunas não era o suficiente. (Ir. MARGARIDA, 21/12/2006)

Diante as dificuldades expostas por Ir. Margarida, no encerramento das atividades do magistério em 1970, compreende-se que as possíveis adequações as demandas escolares não teriam acontecido se não fosse às dificuldades. Em verdade, as mudanças foram seguindo uma nova orientação administrativa, passaram a incorporar a co-educação, como revela a Irmã Margarida em seu depoimento:

No começo a gente só recebia meninas, mas depois foi se esclarecendo, vendo a realidade de hoje. Pensamos: uma família não existe só com os meninos, né? Eles não são separados das meninas, são todos juntos, se era, então aquela era a grande família e por que não receber meninos? No começo foi uma guerra [...], mas a gente viu que devia ajudar na socialização, né verdade? (Ir. MARGARIDA, 21/12/2006)

Pode-se perceber como as dificuldades financeiras que dificultavam a manutenção da escola provocaram mudanças no modo como às irmãs concebiam a organização escolar. Ou seja: a diminuição das matrículas exigia alternativas, educação mista poderia ser uma saída.

No decorrer dos anos de 1970, com a incorporação da co-educação, a referida instituição sofreu fortes resistências, sobretudo, por uma visão arraigada nas diferenças e preconceitos nas relações sociais de gênero:

Eu sei de ex-alunas nossas que não quiseram colocar os filhos no colégio, aliás, tiraram até as filhas, porque o colégio passou a ser misto [...] Era um preconceito que não tinha sentido né? Na casa dela era filho e filha. É preconceito não misturar menino e menina. [...]. Eu acho que tinham medo que a educação fosse um pouco feminista [...] que se desse educação ao menino como se dava à menina. Exigir a gente exigia muito dos dois: disciplina respeito, a formação que exigia de um, exigia do outro. (Ir. MARGARIDA, 21/12/2006)

Irmã Margarida não via problemas quanto à incorporação do ensino misto, mas houve resistência por parte de alguns pais, chegando ao ponto de tirar suas filhas da instituição. Considerando-se agente de mudança nessa instituição, cita

como exemplo essa sua responsabilidade pela abolição do uso da saia e conseguinte incorporação da calça comprida no uniforme das alunas. Também foi a primeira, na década de 70, no referido colégio, a retirar o hábito religioso. Ao recordar tais fatos, comenta que instituir algo novo não era tarefa fácil.

Além da quebra de uma tradição, nascia, também nesse processo, uma nova leitura dos desafios da co-educação:

Não eram os meninos que me davam mais trabalhos, eles respeitavam as colegas, as meninas vocês sabem, são mais buliçosas e mais atiradas. As vezes são um pouco tímidas, mas dependendo do freio que a gente dá, né mesmo? [...] Eu não tive problemas com os meninos [...]. (Irmã MARGARIDA, 21/12/2006).

Essas últimas palavras da ex-diretora demonstram o impacto das mudanças institucionais com os valores que cultivou durante toda sua trajetória de existência, qual seja: a aceitação de destinos profundamente diferentes para cada gênero na sociedade.

Seguem-se as fotografias mais recentes da Irmã Margarida, que coincidem com os momentos finais da instituição:



Fotos 44, 45 e 46: Fotos recentes da Irmã Margarida Costa.
Fonte: Arquivo pessoal da Irmã Margarida.

O CNSN tinha um anexo, o Colégio São Vicente, localizado na parte lateral, ou seja, em um mesmo lote, havia duas instituições funcionando. Era uma escola destinada educação de crianças que não tinham condições de pagar pelo estudo primário no CNSN. Ao mesmo tempo, foi destinado ao estágio das alunas

da turma do pedagógico, oportunizando assim as alunas exercitar o que aprendiam na teoria nas salas de aula, com aulas práticas.

Após o encerramento das atividades do colégio, algumas religiosas que trabalharam naquela instituição foram morar no Colégio São Vicente e em algumas dependências do CNSN, fazendo uso das cozinhas e as salas laterais da antiga instituição. Foi nesse espaço que Ir. Margarida morou antes de sua saída definitiva para Camaragibe (PE).

Assim, o olhar lançado para este estudo, com a última diretora do CNSN, tradicional instituição escolar paraibana, possibilita, sobre outro enfoque, analisar concepções e práticas educativas, na perspectiva de compreender um passado ainda tão presente na história da educação da Paraíba.

Portanto, neste capítulo, destacou-se no campo da memória, em especial, as concepções e práticas do magistério de Ir. Margarida Maria Marcelo Costa. Esse modelo escolar, vinculado à família, aos valores cristãos, aos seus instrumentos disciplinares, as práticas efetivas de controle, que sujeitava os corpos, dirigia os gestos e determinava os comportamentos das alunas no cotidiano escolar. Evidentemente, seus reflexos aparecem na formação educacional, na constituição das relações que lhes dão sentido, interlocução e coesão em suas formas de conceber o mundo vivenciado e relacionar-se com ele nos diferentes momentos da vida cotidiana.

Capítulo 4

Histórias, memórias e registros: entrelaçando fontes

Recorrendo a memória da educadora Irmã Margarida e das ex-concluintes da última turma do magistério do CNSN, em 1970, neste capítulo analisam-se as falas vibrantes e imagens esclarecedoras que compõem-se as narrativas de um conjunto temático, qual seja: família e escola; a disciplina no cotidiano escolar; o declínio do magistério. Na verdade, são categorias construídas a partir da realidade estudada e que dão sentido ao percurso vivenciado pelas mulheres desta pesquisa.

4.1 Família e escola

Compreender a relação entre família e escola sempre foi uma tarefa da pesquisa histórica educacional, posto que, coube a modernidade instituí-la como espaço de socialização estratégica, tendo como prerrogativa essencial formar os indivíduos à luz da sua organização e dos seus interesses.

Todavia, segundo Ariés (1978, apud SZYMANZKI, 2007, p.47), as orientações familiares destinadas à educação nem sempre ocorreram dessa maneira:

A família nuclear conjugal moderna – quer dizer, pai, mãe e filhos – da forma como é definida hoje em dia não foi sempre assim. Foi à consequência de mudanças na forma de atuação de outras instituições, como o Estado e a Igreja, que, há cerca de três séculos começaram a valorizar o ‘sentimento de família’. Isto significa que os laços familiares começaram a ser reconhecidos socialmente e a educação e criação de crianças nascidas da união de um casal passa a ser, cada vez mais, da responsabilidade da família.

Ainda segundo Szymanzki (p.48), coube à família, inicialmente, a partir da organização em torno da figura paterna, com um determinado padrão de educação no espaço privado e, posteriormente, nas sociedades capitalistas,

paulatinamente creditar às instituições, a exemplo da escola e da igreja, a formação dos filhos.

Nesta pesquisa, a partir dos depoimentos das ex-alunas entrevistadas, revelou-se a presença decisiva da família, em especial, na tomada de decisões pela formação educacional das filhas, seja para o futuro profissional, seja pela necessidade de formação de futura esposa:

Com certeza, eu estudo lá desde o primeiro ano infantil. Bom na época morava em Santa Rita, e fizemos o jardim da infância lá, na escola, estudava porque era muito pequena. Mas já depois meus pais acharam assim melhor trazer aqui pra João Pessoa, estudar num colégio de nome, um colégio bom, um colégio de freiras. [...] Até porque naquela época era um colégio fechado, além de ser [...] muito bem freqüentado, né? Na época, o Colégio das Neves era um colégio de referência pela educação, além da instrução, a educação, assim, englobava também a formação religiosa [...] (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

[...] o que me levou ao Colégio Nossa Senhora das Neves foi primeiro a facilidade do colégio (localização), era bem perto da gente e era praticamente o único colégio. O mais importante de tradição e era religioso também [...] então como era um colégio religioso e a minha família é religiosa, isso foi interessante para minha família também. (CRISTINA SOARES, 02/03/2006).

Influiu muito pra minha vida, evidentemente. Eu também era de uma família de escolha católica. Fui pro colégio por conta disso [...] também por ter estudado em colégio religioso, mas havia essa preferência. Minhas irmãs já haviam estudado lá, tias, estudado lá também e isso pesava exatamente na minha casa [...], da mesma igreja que era a Paróquia da catedral, que era paróquia tanto na minha área territorial, onde eu morava e como também era a do Colégio das Neves, né? [...] Para a minha mãe a minha escolha era pra vida, evidentemente. Foi importante para a vida toda, a Igreja Católica teve essa influência muito grande. Não vou lhe dizer se é pra bem ou se pra mau, se pra que, se podia ter sido melhor ou pior, ou com ou sem a influência da religião, mas [...] certamente influenciou bastante. (CRISTINA SOARES, 02/03/2006).

Nesse sentido, a busca por uma escola de tradição, particularmente feminina e religiosa, segundo as entrevistadas, foi uma determinação familiar naqueles anos de iniciação escolar:

O pré-primário, quer dizer tipo jardim, naquela época já existia escola particular perto da minha casa, daí eu fiz uma alfabetização no Colégio Sagrado Coração de Jesus e depois 1º e 2º ano no Colégio das Neves [...]. Voltei para o Sagrado Coração de Jesus [...], fiz 3º e 4º série, voltei para o colégio Nossa Senhora das Neves, naquele tempo a 5º série era preparação para o colégio de admissão e aí continuei no colégio a partir daí, até terminar o pedagógico. (CRISTINA SOARES, 02/03/2006).

Foi o Colégio Sagrado Coração de Jesus, que hoje é instituto, é [...] a gente chama de Dona Zilda né? No Sagrado Coração de Jesus [...] Estudei no Instituto Sagrado Coração de Jesus, freqüentei também o grupo Eptácio Pessoa e depois fui para o Colégio das Neves, aí fiz o exame de admissão né? Naquela época tinha [...] de 1º ao 4º ano, série que hoje é da 5º à 8º. Continuei lá no Colégio, o 2º [...] para fazer o pedagógico. (MARY ELISABETH, 15/05/2007).

Comecei na Escola São Vicente de Paula, que era um anexo do Colégio Nossa Senhora das Neves até a 4º série. A partir da 5º quinta série, fiz exame de admissão no Colégio Nossa Senhora das Neves, daí 63 e 64 até 1970. (REJANE PEREIRA, 01/03/2006).

Nas memórias das ex-alunas desvelam-se preocupações familiares para que desde a mais tenra idade recebessem “uma boa educação”. Assim, ter uma filha matriculada em uma escola com credenciais de tradição, a exemplo do CNSN, naquela época era motivo de conquista e de orgulho:

A minha mãe [...] Minha mãe, como eu já disse, né? Pra ela, era estudar num Colégio: ‘o Nossa Senhora das Neves.’ Era um colégio assim respeitado daqui de João Pessoa e aí era um sonho dela ter estudado lá, como não pôde, e ela ficou órfã muito cedo e só fez até o 5º, exame de admissão [...] era uma pessoa extremamente cuidadosa com nós, se manteve num padrão de vida de educação rígido e muito bom para a época dela. Muito bom mesmo, porque ela pensava muito nas coisas, ela sempre quis o melhor. Éramos quatro filhas e um menino [...] é tanto que ela assim [...] no meio que a gente se envolvia, ela era assim, tudinho nosso era impecável. (REJANE PEREIRA, 01/03/2006).

Bem eu acho que foi mais uma escolha de meus pais, né! A que os meus irmãos estudavam [...] é [...] sempre estudou, os meninos eram no Pio XII, e eu fui para o Colégio da Neves, acho que foi

uma escolha dos meus pais [...] Sim, lá no Colégio das Neves sempre só foi com turmas femininas. E assim, a escolha religiosa [...] influenciou a minha família na hora de escolher esse colégio, porque era uma escola católica, um colégio católico [...] os meus pais procuravam assim que fosse uma escola que realmente tivesse uma continuidade do que se aprendia em casa, um encaminhamento cristão [...] (MARY ELISABETH, 15/05/2007).

As escolhas da família por uma escola de tradição religiosa familiar, voltada para a formação do magistério, envolviam a profissionalização identificada com os destinos da mulher. Nesse sentido, segundo Almeida (2007, p.117):

Além das escolas de instrução básica para as meninas, deveria haver também uma saída para a profissionalização feminina, representada por um trabalho que não atentasse contra as representações acerca de sua domesticidade e maternidade. O magistério inseria-se perfeitamente bem nessa categoria [...]

O pedagógico preparava as alunas para o exercício do magistério. Historicamente, tinha-se o discurso de que não havia nada mais natural para a mulher do que a profissão de professora, essa condição profissional era a sua principal marca identitária. Essa realidade era evidenciada nas expectativas que se colocavam para as nossas entrevistadas:

Eu já tinha em mente, eu já tinha (desde a) infância, naquele momento seria uma opção pelo magistério, pela vida, como educadora. [...] ser professor é muito bom, excelente. Eu amo o meu trabalho, amo de paixão mesmo, faço com prazer, mas, infelizmente no Brasil, num país desse, a educação é lá embaixo e não valoriza o professor [...] Toda vida quis ser professora, achava lindo, me dava muito bem com minhas professoras. Tenho belas recordações de todas, me lembro de todas, assim, com muito carinho mesmo [...] muito, muito bom mesmo, eu amo meu trabalho continuo amando, continuo fazendo com muito prazer e satisfação. (REJANE PEREIRA, 01/03/2006).

Por esse argumento de “naturalização” profissional, Mary Elisabeth afirma ter “descoberto” desde cedo, ainda na infância, sua vocação para o magistério:

Bem eu acho que eu tinha né? (Risos) estou exercendo até hoje [...] Quando eu comecei (a estudar) eu [...] gostava muito de brincadeira. Minhas brincadeiras era sempre negócio (de professora) brincava muito de boneca, mais eu brincava muito de

escola. Quer dizer eu já tinha, acho que já em mente né? Não assim [...] uma coisa assim já em mente né? Não assim uma coisa [...] já bem definida, mas, quando surgiu essa oportunidade, né? Lá do colégio das Neves, de ter o pedagógico [...]. (MARY ELISABETH, 15/05/2007).

Numa perspectiva diferente, Selma Lúcia relata que inicialmente não estava em seus planos exercer as atividades do magistério, seguiu a profissão apenas por uma questão de segurança que o futuro lhe oferecia:

[...] Eu comecei com o pedagógico. Eu não estava assim com aquela vontade de [...] eu já estava noiva e tinha terminado. E se você terminasse o científico e não preferisse ir para a faculdade de qualquer maneira você já tinha uma profissão, que era professora do magistério. Aí eu fiquei porque eu queria terminar. Mas depois, aí você começa, cria um menino, o menino começa a andar. Você começa a sentir necessidade de fazer alguma coisa. As coisas apertadas. A gente tem que participar das despesas das coisas [...] aí houve uma oportunidade [...] de conseguir um desse emprego certo. Aí eu fui [...] Só depois de muitos anos. Doze anos depois, eu comecei a trabalhar como professora [...] Sou professora do Estado e minha primeira escola que eu ensinei foi no Castro Pinto em Cruz das Armas. Fui professora lá por três anos, eu trabalhei lá. Depois vim ensinar aqui no Eptácio Pessoa, na Monsenhor Walfredo Leal. E até hoje estou lá, no Eptácio Pessoa. (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

Ratificando esse contexto analisado, Almeida (2004, p.75) afirma que o pedagógico era, em muitos casos, a educação máxima almejada:

No campo profissional, as escolas normais deveriam formar professoras para um desempenho pedagógico calcado no humanismo, na competência e nos valores sociais. Essa educação, em nível médio e com um objetivo definido sem mais delongas, deveria bastar, e as jovens brasileiras cresceriam com o destino profetizado de serem esposas, mães e, em caso de necessidade, professoras. Neste contexto a Escola Normal voltava-se para a educação feminina como parte de um processo civilizador da nação e cumpre funções de educar e instruir as futuras esposas e mães, as donas de casa encarregadas da função familiar e do fortalecimento da família [...]

Nesse processo, rememorar a escola como uma consolidação profissional “desejada”, revela, também, narrar as vivências de construção de meninas e adolescentes pobres ou da elite em torno das boas lembranças escolares, dos

espaços e, sobretudo das educadoras com quem conviveram. É o exemplo da ex-aluna Selma Lúcia, que ao narrar sua entrada na instituição, ainda como semi-interna, apresenta em seu depoimento detalhadas características da escola:

Eu estudei no Colégio Nossa Senhora das Neves, meu primeiro ano foi aqui. A minha primeira professora [...] Maria Evangeli.[...] Fiz primeiro lá, fiz o segundo grau, fiz o terceiro com a Irmã Angeli. Minha professora, a quarta, seu nome se eu não me engano foi a Maria Luiza e Irmã Maria de Fátima foi minha professora também. [...] E eu ainda tive outra coisa, fui semi-interna no colégio, eu fui aluna durante sete anos de Irmã Marta, de aula de pintura. Eu passei a minha vida no colégio, por que era de manhã, dava aula de pintura, fui semi-interna, passava o dia todo lá. Fiz lá o primário, ginásio e o pedagógico. Ai quer dizer tive toda uma evolução lá. (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

Apesar de encontrar-se atualmente com 59 anos, essa ex-aluna busca em suas reminiscências as imagens da “boa” educação a partir dos nomes de suas primeiras professoras, desde as séries iniciais e, em seu depoimento sempre faz menção ao seu apego as demais professoras, em especial, a Ir. Marta.

Por essa perspectiva, ou seja, a realização da “boa” educação oferecida à família paraibana, para as ex-alunas entrevistadas, estudar no CNSN em 1970 representava, entre outras coisas, o alcance de uma grande conquista social na época. No caso das famílias envolvidas, significava garantia e segurança de futuro para toda a vida das suas filhas.

Assim, não poderia ser diferente, a principal influência para estudar naquela instituição resultava dos esforços e das decisões familiares, posto que, como mencionou Selma Lúcia: “era uma instituição de nome”. Afinal era uma educação administrada por religiosas, onde os pais tinham a certeza de que deixariam suas filhas em um local fechado, seguro e adequado para a sua formação.

Por essa preponderância decisória da família na escolha da referida instituição escolar, é recorrente a menção aos pais, particularmente, na decisão de matricular a filha em uma escola de forte tradição religiosa na sociedade, como relatado por Selma Lúcia, que foi semi-interna. No seu caso específico, os pais mudaram para João Pessoa, com o objetivo de prover a sua educação. Sobre essa questão, Castro (2005, p.162) afirma que: “Além das escolas normais

oficiais, os colégios de freiras eram os grandes formadores das professoras primárias. As famílias do interior se desdobravam para enviarem suas filhas para os internatos desta escola [...]"

Seguindo essa ordem de relatos, a ex-aluna Cristina Soares fala que, na verdade, o que pesou na decisão tomada por seus pais foi a facilidade de acesso da filha ao colégio, haja vista que residia nas proximidades da citada instituição, bem como, segundo o seu próprio relato, por ser praticamente a única escola de forte tradição confessional. Rejane Pereira, por sua vez, menciona a decisão da mãe, por esta apostar em um sonho não realizado por ela, pois, na condição traumática de ter ficado órfã ainda criança, a mesma não conseguiu concluir seus estudos. Acerca dessa questão, a ex-aluna Mary Elisabeth afirma ter sido a opção dos pais por uma educação de segurança na formação da filha, espaço "ideal" para sua formação e segurança de futuro na sociedade da época.

Num entendimento ou interpretação de uma época, a depoente Selma Lúcia afirma que, de uma maneira geral, o pensamento de todas as famílias por uma opção escolar religiosa, além da "boa" educação, sedimentava-se na tranquilidade e segurança que a mesma transmitia:

Até porque, naquela época [...] era um colégio fechado, [...] era muito bem freqüentado, né? Na época, o Colégio das Neves era um colégio de referência, [...] já tinha um nome respeitado [...]. Pela educação, além da instrução a educação assim, englobava também, é a formação religiosa, não é? (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

Os depoimentos reforçam o explícito interesse da família por um espaço da educação seguro, com regras rígidas e, por conseguinte, em consonância com um sistema escolar exemplar em sua ordem disciplinar. Por isso, segundo as depoentes, não era comum fazer questionamentos sobre a imposição da ordem institucional, cabia à família corroborar com essa ordem, traduzida em aprender e obedecer.

Os citados depoimentos convergem com a realidade de outros colégios confessionais do Brasil, a exemplo do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, religioso e feminino, fundado em 1858, na cidade de Itu-SP, sob o comando de

religiosas francesas da Congregação de São José de Chambéry, analisado por Cunha (1999, p.190):

[...] era abrigo seguro onde as meninas estariam isoladas, a salvo das maldades mundanas e exercitavam-se a submissão, a obediência irrestrita. Todos os ambientes propiciavam a execução dos objetivos institucionais, ocupando-se sempre as alunas com atividades que impedissem a ociosidade, campo fértil de maus pensamentos.

Nessa mesma direção de pensamento da família em uma dada época, Louro (1987, p.447) afirma que:

[...] a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo. Deve-se notar que, embora a expressão cristã tenha um caráter mais abrangente, a referência para a sociedade da época era, sem dúvida, o catolicismo. Ainda que a República formalizasse a separação da Igreja católica do Estado, permaneceria como dominante a moral religiosa [...].

A autora citada acrescenta, ainda, que o século XIX foi testemunha desse desenvolvimento crescente, ou seja, de uma rede de escolas adequadas para o ensino de meninas, que tiveram uma formação religiosa como elemento fundamental para a sua educação, haja vista que a família creditava ao ensino proporcionado por instituições católicas femininas o lugar de uma estabilidade no seu papel na sociedade.

Por essa compreensão, as nossas entrevistadas, ao fazerem referência ao rigor disciplinar exercido no CNSN, atestam a concordância da família com os procedimentos adotados na instituição. Em seu relato, afirma uma ex-aluna:

[...] Eu sou muito acomodada, eu fui acomodada demais, eu nunca [...], essa parte de remar contra a maré nunca foi comigo não [...]. E, eu acato. Manda quem pode obedece quem tem juízo. Agora hoje, eu já tenho assim uma formação, uma consciência mais formada, quando digo a minha opinião, obedeço, é para fazer, eu faço, é, mas eu faria desse jeito hoje, mas naquele tempo eu fazia amém, amém, amém, e pronto acabou. (REJANE PEREIRA, 01/03/2006).

As ex-alunas Selma Lúcia e Mary Elisabeth também relataram não discutir sobre o que lhes era imposto. A obediência também seria a característica cultivada em uma escola feminina e religiosa. Como as mesmas relatam:

Não, eu acatava sempre, eu fui bem comportada, (Risos). (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

Eu me dava bem com todos. Nunca tive problemas nenhum. Inclusive é como disse a você. Eu ia pela manhã para escola, à tarde tinha aula de pintura com a irmã Marta. Irmã Marta era assim “bem alta,” “estrela”. Mas ela gostava muito de mim e eu era muito dela. Então tive como professora a Olívia Barbosa que era mais aula de pintura, a responsável era a Irmã Marta e, pintei muito lá. Tem muitos quadros bonitos. Tenho uma foto da sala de trabalhos manuais. Era, eu era assim, aceitava as coisas, não era rebelde. (Risos) Eu sempre fui muito assim, acordada de tudo [...] (MARY ELIZABETH, 15/05/2007).

Nesse sentido, em relação ao comportamento comum de submissão à ordem estabelecida nas escolas confessionais, afirma Catani et. al. (1997, p.28):

A cultura escolar, principalmente destinada às mulheres, tornou-se assim, de certa forma, caricatural: a cultura reduzida a seus elementos mais derrisórios. O mundo social, principalmente para as mulheres, foi sempre mais sensível às incorreções do gosto e do comportamento do raciocínio – assim, a ênfase do ensino feminino nas boas maneiras, nas técnicas, na aceitação da vigilância, na aparência, na formação moralista.

Em condição singular às demais entrevistadas, Cristina Soares, por sua vez, demonstrou um entendimento diferente dos padrões determinantes da escola da época. Em seu depoimento, evidencia uma postura mais problematizadora e de questionamentos frente às imposições aceitas pela maioria como “normal”:

[...] Eu achava de muito bom tom que houvesse pelo menos o discurso, já era alguma coisa, quanto politicamente [...] Mas não era tão fácil falar [...] eu era mais assim [...] crítica, eu tinha certa liberdade para falar sim [...] (CRISTINA SOARES, 02/03/2006).

É importante ressaltar que, em pleno início da década de 1970, numa época da expansão do ufanismo e do autoritarismo militar na sociedade, apesar das conquistas femininas no mercado de trabalho, bem como a ascensão

libertária dos costumes, continuava a influência pela opção de formação religiosa e do magistério. Ou seja, ainda se buscava nas instituições escolares confessionais reforçar o ideal religioso e profissional como algo destinado à mulher. Nesse sentido, Mary Elisabeth revela essa condição histórica:

[...] como eu fui criada neste ambiente escolar, né? Num [...] então teve até um momento que eu até pensei em seguir a [...] vocação de religiosa, depois eu vi que não era a minha [...] quando surgiu essa oportunidade né? Lá do colégio, de ter o pedagógico, eu já pretendia realmente continuar lá pra fazer o pedagógico. (MARY ELISABETH, 15/05/2007).

Acerca dos citados valores escolares, Chamon (2005, p.71), acrescenta que, principalmente, nas escolas particulares católicas, por muito tempo ainda, foi disseminada essa elaboração:

A associação entre ação educativa e missão religiosa, entre atitudes maternas e profissionais teria levado o poder instituído e a sociedade a privilegiarem essas características na configuração do ideal da professora, no sistema de instrução pública elementar. Era aberta, às mulheres que tinham acesso à escolarização, uma atuação na esfera pública, como professoras.

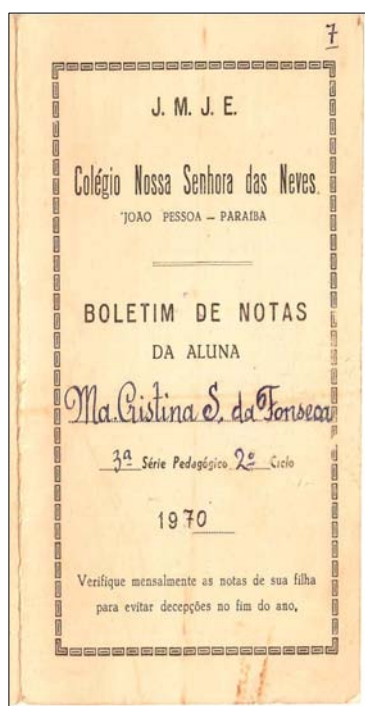
Essa demonstração é plausível também no depoimento de Cristina Soares:

Eu fazia parte do melhor grupo da sala, me dediquei demais aos estudos. Todas as cadeiras eu gostei, me identifiquei bastante [...] quando eu saí, a minha intenção era fazer pedagogia mesmo ou história ou geografia, pra ensinar mesmo, a intenção, seria essa a intenção. (CRISTINA SOARES, 02/03/2006).

Essa ex-aluna nos proporcionou, inclusive, o contato com documentos valiosos de sua época escolar no CNSN, em especial, a carteira de estudante, e o seu boletim escolar, reproduzidos com a sua autorização:



Imagem 6: Frente da Carteira de estudante da ex-aluna Cristina Soares em 1970. **Imagem 7:** Verso da Carteira de estudante da ex-aluna Cristina Soares em 1970.
Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Cristina Soares (1970).



	Religião	Português	At. Social	At. M. C. C.	Recreação	Ciências	Psicologia	Didática	Desenho	Sociologia	Didática Especial	Prática de Ensino	At. de Ensino	Teoria da Educação	Higiene e Nutrição	Média mensal	Faltas de Frequência	Média Global
Março	8,0	9,5	10,0	10,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0
Abril	8,0	8,0	10,0	10,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0
Maio	7,0	9,0	9,0	9,5	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0
Junho	8,0	9,5	8,5	10,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0
Agosto	8,5	9,0	9,0	10,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0
Setembro	7,0	9,5	8,0	10,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0
Outubro	8,0	8,0	7,5	10,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0
Novembro	8,5	10,0	8,0	10,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0	9,0
Med. 1.º Per.	7,7	9,0	9,3	9,8	8,5	8,5	8,5	8,5	8,5	8,5	8,5	8,5	8,5	8,5	8,5	8,5	8,5	8,5
Med. 2.º Per.	8,0	9,1	8,1	10,0	9,1	9,1	9,1	9,1	9,1	9,1	9,1	9,1	9,1	9,1	9,1	9,1	9,1	9,1
Prova Final																		
Nota Final	7,8	9,0	8,7	9,9	8,8	8,8	8,8	8,8	8,8	8,8	8,8	8,8	8,8	8,8	8,8	8,8	8,8	8,8
Março	Marlene Soares Barros																	
Abril	Marlene Soares Barros																	
Maio	Marlene Soares Barros																	
Junho	Marlene Soares Barros																	
Agosto	Marlene Soares Barros																	
Setembro	Carlos Bezerra Car. Cat.																	
Outubro																		
										ASSINATURA DA DIRETORA:								
										Observações								

Imagem 8: Boletim da ex-aluna Cristina Soares em 1970.
Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Cristina Soares (1970).

Embora crítica ao modelo institucional de uma época, a ex-aluna Cristina Soares guarda em suas lembranças inúmeros registros da última turma do magistério em 1970, rememorada com evidenciada emoção sobre aquele tempo e sempre compartilhada em família, ainda hoje.

A ex-aluna Selma Lúcia, que seguiu o “destino” da formação do magistério, com explícito apoio da família, entre documentos, fotos e lembranças, procura sempre enfatizar que:

Foi minha decisão, porque como eu estava noiva na época e eu ia parar de estudar. Já tinha uma, como é que se diz (profissão) que iria compensar. [...] É tanto que quando terminei o pedagógico, eu fiz porque não estava assim pensando, na época: já estava noiva e o meu noivo não queria que eu estudasse mais, e aí dizia meu noivo: já terminou o pedagógico, então tá bom [...] Muitas colegas saíram para o colégio Estadual (porque) lá não tinha científico. Então eu fiquei, eu continuei por lá [...] era aquela fidelidade! (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

Cristina Soares, contrariando essa ordem familiar, mesmo tendo se casado e reconhecendo que casar, em última instância, era, ainda, naquela época, um grande emprego para as moças, foi a única a optar por outra profissão: iniciou o curso superior de Ciências Econômicas e concluiu o bacharelado em Direito. Atualmente é auditora do Tribunal de Contas do Estado (TCE):

Eu já tava namorando há muito tempo, estava perto de casar [...] comecei a namorar muito cedo [...] Até então eu não sabia se ia fazer faculdade, o objetivo de vida era casar, como quase todo mundo na época. Casar era o grande emprego, na realidade. E aí eu não tinha certeza, até porque o meu namorado trabalhava no interior e a minha tendência era ir pro interior, e depois de casada com ele, então eu achava que eu não ia poder fazer o vestibular, até pelo menos aqui em João Pessoa [...] (CRISTINA SOARES, 02/03/2006).

A esse respeito, Bassanezi (1987, p. 610) afirma que era característico das ex-alunas ter cuidado com o que a sociedade iria pensar, haja vista que o casamento era a porta de entrada para a realização feminina, ou seja, ainda, era tido como ‘o objetivo’ primordial de vida de todas as jovens solteiras. Todavia, segundo Almeida (2004. p.96), para o universo do trabalho feminino antes tão almejado que seria profissionalizar-se para exercer o magistério, novos horizontes já estavam se configurando na sociedade a respeito da formação da mulher:

[...] Muitas ainda conseguem estudar para ter um diploma e são professoras, enfermeiras, médicas, advogadas, bibliotecárias ou

se arriscam no competitivo mundo da indústria, da mídia e do comércio. Enfim, o fato de serem mulheres fez com que desenvolvesse uma arte, a arte da sobrevivência num mundo eminentemente masculino.

Nessa ordem, acerca do debate da formação alcançada, a depoente Mary Elisabeth afirma:

[...] Eu tinha um contrato com a prefeitura, fui ser professora [...] Eu trabalhava. Quando o meu contrato saiu fui lá para o Cristo, é uma escola, Leonilda Santiago e aí era aquela correria, né? Chegava da universidade, terminava a aula quinze para o meio dia, aí pegava às vezes uma carona [...] depois, eu consegui a minha transferência para Frei Afonso, né? Uma escola que tem aqui no Baixo Rangel, [...]. Em 75 me casei, em 77 tive a minha primeira filha, aí quando eu tive a Andréia, eu pedi licença sem vencimento da prefeitura, porque também foi na época que saiu meu contrato do Estado. Fiquei só no Estado [...]. Fui morar no Cristo, aí pude conseguir minha transferência lá para o Zé Lins. [...] Eu não pretendia, quando fiz pedagogia, ir mais pra sala de aula não, queria fazer outro tipo de trabalho. Hoje estou terminando a minha carreira como funcionária professora, estou completando 30 anos no meio do ano (Mary Elisabeth, 15/05/2007).

A ex-aluna Rejane Pereira, após a conclusão do curso pedagógico, teve a oportunidade de exercer sua profissão no próprio CNSN. Atualmente, trabalha em outra instituição na qual também estudou: o Colégio Sagrado Coração de Jesus.

Trabalhei no próprio Colégio das Neves e no banco ao mesmo tempo, depois fui para São Paulo e quando voltei fui convidada novamente para trabalhar no Colégio das Neves. Atualmente, trabalho em uma escola particular no bairro de Tambiá (O Colégio Sagrado Coração de Jesus) [...] Eu fiz aquele curso de pedagogia, aquele curso especial, para professor, o da UVA [...] Até porque é uma formação superior, né? A gente lê muita coisa, Paulo Freire, né? Abriu muito, foi muito bom para mim. (REJANE PEREIRA, 01/03/2006).

Com exceção de Cristina Soares, as demais depoentes afirmam ter feito a opção pelo magistério, embora, pouco ressaltando como sendo um ideal pessoal ou familiar, aliando, na maioria das vezes, a uma condição negociada no casamento, por ser esta uma espécie de profissão ideologicamente aceita para a

mulher na sociedade. Sobre essa questão, ressalta Louro (1987, p.453): “Dizia-se, ainda, que o magistério era próprio para as mulheres porque era de um trabalho de ‘um só turno’, o que permitia que elas atendessem suas ‘obrigações domésticas’ no outro período. [...]”

A esse respeito, também afirma Almeida (2007, p.119-120) que:

Para as mulheres de classe médias e dominantes, casarem-se era uma forma de ascender socialmente ou manter uma posição social em caso de infortúnio, mesmo que não amasse o seu futuro marido. Se o casamento fosse difícil de conseguir, precisavam essas moças para não ser um peso para a sociedade ou ter que viver da caridade alheia, obter um meio de sobrevivência proporcionado por uma profissão digna, de acordo com o ideal feminino [...]. O exercício do magistério representava um prolongamento das funções maternas, e instruir, educar crianças era considerado não somente aceitável para as mulheres, como ser também a profissão ideal [...].

Em relação à prioridade ao casamento, conforme depoimentos de algumas ex-alunas encontra-se respaldo em Louro (1987, p. 453):

[...] As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade, outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas por restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade. Foi também dentro desse quadro que se constituiu para a mulher, uma concepção do trabalho fora de casa como ocupação transitória, a qual deveria ser abandonada sempre que se impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe [...]

Sobre essa questão, Almeida (2007, p.115-116) afirma que: “Apesar de os órgãos oficiais incentivarem a permanência das mulheres no magistério de crianças, muitos agentes sociais ainda consideravam a casa e o cuidado com a família seu verdadeiro lugar. [...]” Afinal o lugar ideal de mulher, do ponto de vista da cultura patriarcal, segundo a análise de Almeida, seria, historicamente, no âmbito da casa e dos cuidados dos pais ou dos maridos.

Portanto, pode-se afirmar que, de uma forma mais geral, as ex-alunas entrevistadas na pesquisa, apesar de considerarem e defenderem e, em alguns momentos, criticarem, os ideais da educação do magistério difundidos pelo CNSN

no decorrer das suas vidas e reforçada pelas suas famílias, demonstraram a crescente divergência dessa formação disciplinar com as históricas aberturas e ampliações de outros espaços da profissionalização feminina na sociedade. Enfim, o discurso de crescente desvalorização do magistério, apesar de ser a profissão construída em toda uma vida, aponta para o reconhecimento de seu evidente declínio na sociedade, nos primórdios dos anos de 1970, das próximas análises deste capítulo.

4.2 A disciplina no cotidiano escolar

A partir dos depoimentos e memórias das ex-alunas da última turma do magistério do CNSN, em 1970, foi possível trazer à baila as estratégias disciplinares da referida instituição no cotidiano da formação escolar. Sobre essa questão, informa Heller (1970, p.17):

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se 'em funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias [...].

Assim, revisitar as memórias de ex-alunas da última turma do magistério do CNSN, em 1970, mergulhando em detalhes cotidianos da vida escolar, permitiu, entre outras coisas, desvelar um modelo educacional marcado pelo rigor da ordem e da disciplina.

As ex-alunas que fizeram parte da pesquisa, de modo geral, em seus depoimentos expressaram que a educação recebida foi o principal alicerce sobre o qual construíram suas vidas como profissionais, mães e esposas, sem deixar de evidenciar que o rigor disciplinar do colégio funcionava como instrumento eficiente de dominação e controle, destinado a domesticar os comportamentos divergentes da norma.

Na visão educativa do CNSN, as jovens seriam educadas dentro da instituição para que essa educação também fosse utilizada fora dos muros da

escola (educação para a vida), para se tornarem obedientes (dóceis), algo considerado como natural para ser desenvolvido em uma escola feminina.

Segundo Almeida, em uma escola feminina católica, a religião se insere na cultura de uma determinada sociedade e constrói regras e valores, ditando hábitos e costumes, normatizando os corpos e esculpindo as mentes, submetendo o indivíduo a regras e comportamentos, modelando-os através das relações de poder entre homens e mulheres. Nesse sentido, para a referida autora: “A educação representa um veículo pelo qual a cultura e a religião alicerçam seus valores e transmitem a ideologia de uma época. [...]”. (ALMEIDA, 2007, p.15)

Acerca dessa questão em debate neste estudo, Foucault (1987) descreveu que, na modernidade, o corpo se tornou alvo do poder disciplinador, sobre o qual se impõem obrigações e proibições, no intuito de submetê-lo, utilizá-lo e transformá-lo num corpo dócil.

O rigor da disciplina no cotidiano escolar é perceptível através da fala de Mary Elisabeth:

[...] ela (a disciplina) refletia em tudo [...] eu era muito bitolada, eu assimilei tudo que foi ensinado e nunca fui de rebeldia, de mudar nada, eu sou muito acomodada, eu fui acomodada demais [...] essa parte de remar contra a maré nunca foi comigo não. (MARY ELISABETH, 15/05/2007).

Já o depoimento de Rejane Pereira ilustra o ritual disciplinador seguido por todas as alunas, a partir da entrada no CNSN até a chegada à sala aula:

[...] Nós, ao entrarmos neste pátio (interno), nos organizávamos em fila, depois tinha a oração, cantávamos, rezávamos e íamos para as salas de aula. Lá, no primeiro andar, havia um sistema de som de onde a Irmã Margarida passava os comandos do que fazer no momento da entrada até chegarmos à sala de aula [...]. (REJANE PEREIRA, 01/03/2006).

Essa realidade do CNSN condizia com a realidade de outras instituições escolares, a exemplo da prática realizada em grupos escolares paulistas. Assim, Souza (2004, p.136) aponta que as pesquisas realizadas por Mitrulis são bastante

elucidativas em relação ao ensino praticado nos grupos escolares no período compreendido entre 1930 a 1970.

Os alunos perfilados no pátio, entoando o Canto de Entrada na presença do diretor e dos professores, era um dos quadros possíveis que marcavam o início do dia letivo nos Grupos Escolares. A entrada podia ser o momento em que o Diretor dava orientações gerais e procedia ao controle da higiene e da adequação dos trajes dos alunos (MITRULIS, 1993, p.54 apud SOUZA, 2004, p.136).

No caso específico do CNSN, ao visualiza-se em detalhes cotidianos o espaço escolar, observa-se a organização funcional e hierárquica do ambiente: os longos corredores de acesso às salas de aula, nas quais as alunas eram separadas por série, por idade, por turma. Esse conjunto de alinhamentos, assegura Foucault (1987), desloca o sujeito numa série de casas que marcam uma hierarquia do saber e das capacidades.

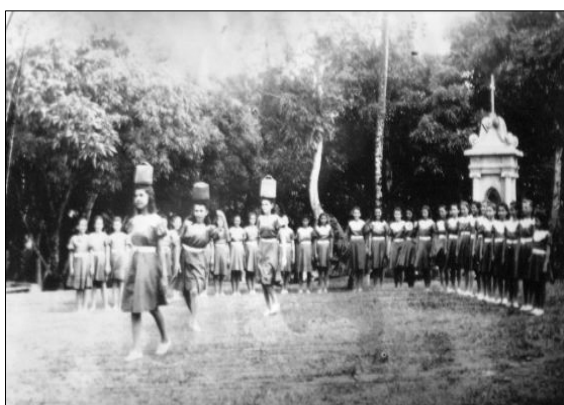


Foto 49: Alunas em aula de equilíbrio.



Foto 50: Alunas em aula de equilíbrio.



Foto 51: Crianças no pátio fazendo ginástica.



Foto 52: Adolescentes no pátio fazendo ginástica.

Fonte: Processo de equiparação do colégio ao Pedro II Nº906 (1935-1958).

Nessa condição disciplinar, passaram a se organizar nas escolas a criação de lugares determinados, filas organizadas de forma a aproveitar espaços cada vez mais complexos. A sala de aula foi se transformando em um espaço onde os alunos estariam sob o olhar classificador do professor. A disposição tradicional das carteiras na sala de aula seria um dispositivo que contribuía para a vigilância hierárquica mencionada por Foucault. Nesse ambiente, vários fatores influenciam esse caráter de vigilância constante, como um suposto jogo de olhar, que induz efeitos de poder. Os meios de coerção se tornam claramente visíveis sobre aqueles a quem se aplicam.

Abaixo, segue-se a disposição tradicional das carteiras na sala de aula do CNSN e que reforçam essa mesma organização de padrão disciplinar de que está se tratando.



Foto 53: Disposição das carteiras do CNSN.

Fonte: Processo de equiparação do colégio ao Pedro II Nº906 (1935-1958).

Abaixo, também, a arquitetura do CNSN, em si mesma grandiosa, algo que transmite o discurso que institui os valores da ordem, da disciplina e da vigilância, ou seja, institui uma política de controle dos movimentos e dos costumes. Conforme Foucault (1987), o princípio do Panóptico de Bentham rege essa composição arquitetural: na periferia uma construção em anel; no centro uma torre vazada por largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel. O efeito mais importante do panoptismo é induzir um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder; fazer com que a

vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação.

Observa-se, nas imagens abaixo, que a arquitetura do CNSN, tanto na disposição dos corredores, quanto na localização do pátio interno, propiciava a vigilância constante das religiosas sobre as alunas. Nota-se também que, sob qualquer ângulo, nada escapava ao olho do vigia.



Foto 54: Fachada lateral interna esquerda.



Foto 55: Continuação da fachada esquerda.



Foto 56: Continuação da fachada esquerda.



Foto 57: Fachada lateral interna lado direito.



Foto 58: Corredor no primeiro andar.



Foto 59: Corredor térreo.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

No cenário disciplinar analisado se organizava o tempo no cotidiano do CNSN, de forma a torná-lo coletivizado e totalmente útil. A divisão do tempo era detalhada, e as atividades cercadas de ordens que deveriam ser obedecidas. As falas de Mary Elisabeth e Selma Lúcia revelam esse controle, bem como as estratégias por elas utilizadas para burlá-lo:

[...] pela manhã cedinho, antes de começar as aulas sempre a gente ia à capela e tinha comunhão na capela e depois vinha todo mundo pra sala de aula só depois que tocava, só saía na hora do intervalo. (MARY ELIZABETH, 15/05/2007).

[...] quando a gente chegava atrasada, corria pelo portão do Colégio São Vicente, porque quando fechava, minha filha, ninguém entrava não. Lembro-me de Dona Maria de Jesus, que ficava lá na cozinha, por lá a gente entrava escondido, e Maria de Jesus deixava [...] se encontrasse com a Irmã Margarida [...] ela não deixava a gente entrar, a gente fazia tudo, mas não entrava. (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

A seguir, a fotografia à esquerda retrata a entrada principal do CNSN, onde as alunas tinham que passar no horário determinado, cumprindo, rigorosamente, os tempos de entrada e saída da instituição. Na fotografia à direita, observa-se o portão do Colégio São Vicente que, situado no anexo da escola, era utilizado pelas ex-alunas como alternativa para burlar a vigilância e adentrar no CNSN quando chegavam atrasadas.



Foto 60: Entrada principal do CNSN.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).



Foto 61: Entrada do Colégio São Vicente.

Fonte: Grupo de Pesquisa Ciência Educação e Sociedade-GPCES/UFPB.

Percebe-se na fala de Rejane Pereira, a seguir, que a vigilância a elas imposta era vista como uma constante, presente em toda a extensão do espaço escolar. Na escola, todas vigiavam e eram vigiadas ao mesmo tempo. Apontando a terceira janela da direita para a esquerda, no segundo andar da fotografia abaixo, a ex-aluna comenta:

[...] essa era a janela da Irmã Margarida, quando estávamos aqui, conversando, no intervalo, os nossos olhares sempre estavam voltados para aquela janela, pois já se esperava que a qualquer momento ela pudesse aparecer e ver se estávamos fazendo algo de errado. (REJANE PEREIRA, 01/03/2008).



Foto 62: Janela da sala da ex-diretora Ir. Margarida.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

O poder de vigilância sobre os corpos estava tão introjetado que elas próprias vigiavam-se a si mesmas, ou seja, internalizavam o olhar do poder de maneira que não distinguiam mais o olhar do indivíduo.

Esse dispositivo mostrou-se eficaz no que diz respeito ao controle dos corpos, na medida em que infligia o sofrimento da culpa naquelas que imaginavam desviar-se do caminho da virtude, conforme se vê na fala de Cristina Soares:

[...] O que eu ainda hoje lembro bastante era de que quando chegávamos ao colégio tinha a bandeira do colégio, o colégio era de Nossa Senhora, que era o único ser que teve um filho virgem, a questão da virgindade era de uma violência, era tão forte que, chegava a ser violento e, na bandeira do colégio tinha escrito [...] Nossa Senhora forte e pura. [...] Era o lema da bandeira do colégio. [...] E quantas vezes eu cheguei assim e disse, puxa, (meu comportamento) não é de uma pessoa que estava condizente com o lema da bandeira, porque eu namorava, e então tudo era absoluto pecado, tudo [...]. (CRISTINA SOARES, 02/03/2006).

De acordo com Almeida (2007, p.70), esse seria um dispositivo comum em escolas femininas, na medida em que a ideologia de caráter religioso vai ditar regras à sexualidade:

[...] as moças seriam instruídas quanto à importância da castidade e da pureza; na igreja, deveriam confessar ao padre quaisquer pensamentos ditos impuros que porventura tivessem quanto ao sexo; na família, se impediria toda e qualquer manifestação voltada para explorar ou exercer a sexualidade, embora houvesse transgressões que costumavam ser severamente punidas.

Almeida (2004, p.67) reforça esta discussão quando menciona que “[...] As mentes eram passíveis de serem adestradas por uma pedagogia do temor e da culpa que fazia as mulheres reféns de sua própria aura de sedução e a capacidade de despertar para o desejo masculino [...]”. Essa demonstração de influência da sacralidade católica nos regramentos de conduta e moralidade voltava-se para a consciência de que tudo era pecado e que só o casamento e a maternidade seriam a salvação para a honesta moça de família.

No CNSN, a punição disciplinar atingia aquelas que se desviavam da norma em sua maneira de ser, nos seus discursos, na exposição do corpo, enfim, nas frações mais tênues das condutas, como assinalam os depoimentos de Cristina Soares e Selma Lúcia:

[...] na época eu era a única da sala a me revelar, a protestar. Lembro-me que houve uma palestra informando sobre a ditadura e fomos todas obrigadas a ir ao auditório, e eu me sentei na primeira fila, e quando o coroa começou a falar fazendo apologia à ditadura. [...] A minha expressão de raiva foi percebida, de inquietação na cadeira, [...] de ódio mortal do que o cara que estava dizendo ali, e que eu fui obrigada a escutar. A freira ligou para a minha casa e pediu para que minha mãe e minha irmã fossem para falar do meu comportamento. [...] Recebi uma suspensão porque eu tinha ficado indócil nessa reunião [...] todos tinham pavor, medo horrível, era a crença de que comunista arrancava a cabeça das criancinhas [...] (CRISTINA SOARES, 02/03/2006).

[...] A disciplina da escola não permitia que as alunas realizassem a exposição do corpo. Houve, inclusive, o caso de uma aluna que foi candidata à miss e houve uma reunião na escola para não a aceitarem mais [...]. (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

Assim, a escola estabelecia o comportamento “modelo” e apontava de maneira clara o “marginal”, estabelecendo, para os comportamentos desviantes da norma, o castigo disciplinar como corretivo. O mecanismo da punição expressava os valores opostos do bem e do mal. A penalidade também tinha outro efeito, que era o de pressionar constantemente as outras alunas a se submeterem ao mesmo modelo, à mesma norma, à subordinação e à docilidade.

O rigor disciplinar no CNSN, particularmente no período analisado, em 1970, refletia o que se esperava da educação da mulher na sociedade da época. Para ilustrar o contexto analisado, o depoimento de Selma Lúcia faz referência ao escândalo provocado por uma das primeiras moças que usou minissaia na cidade de João Pessoa:

Não nos exibíamos não [...]. Para você ter uma idéia, naquela época, uma senhora, esposa de um fotógrafo, que não era daqui, era carioca, veio com uma minissaia ali pelo Paraíba Palace, quando passou foi uma coisa absurda, chegaram a correr atrás dela e foi um tumulto lá porque aquela moça passou de minissaia [...]. (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

A educação recebida no CNSN deixou marcas que repercutiram na visão de mundo dessas ex-alunas de diferentes formas. Para Cristina Soares, a imposição da disciplina, o controle das condutas e dos costumes não a impediu de protestar, de se rebelar e, num certo sentido, romper com os padrões da época. Cristina Soares buscou oferecer aos seus filhos uma educação menos opressora, continuando sua formação em nível superior numa área predominantemente masculina. Para as demais, o processo educativo vivido na escola, na maioria das vezes, foi prazeroso, constituindo-se no alicerce sobre o qual construíram suas relações na família, no trabalho e no casamento.

O depoimento de Cristina Soares faz referência à moral da Igreja Católica, que permeava todo o processo educativo, classificando-a de “violenta”:

Certamente que deixou marcas [...]. Ser forte e pura (esse era o lema da bandeira da escola) soou muito forte na minha cabeça durante muito tempo, sim é evidente, [...]. É tanto que depois quando eu comecei a ter meus filhos, eu, de forma intencional, tentava não reprimir nesse sentido, eu tentava não falar, não

colocar as idéias, não era só do colégio não, na minha casa, na casa da minha mãe, não tentava colocar nos meus filhos todas essas marcas, muito pesadas da Igreja Católica, era violenta de fato [...]. Absolutamente tudo era pecado, e eu acho que isso marcou muito mesmo [...], foi de certa forma difícil para me libertar disso. A maturidade foi que (me libertou) e a minha mãe era extremamente questionadora, eu tinha aquilo dentro do colégio, mas fora dali eu conseguia me revelar e discutir e falar, fora do colégio, contra tudo aquilo que a gente escutava ali. (CRISTINA SOARES, 02/03/2007).

O testemunho de Selma Lúcia, por outro lado, reconhece a importância do caráter disciplinar neste modelo institucional educativo, que repercutiu positivamente em toda a sua vida, inclusive profissional. No seu entendimento, a educação do CNSN preparou-a para a vida:

Primeiro é um orgulho muito grande ter estudado lá [...] tenho muito orgulho de ter sido aluna do Colégio das Neves [...] fiz boas amizades [...] Ele contribuiu muito para minha formação religiosa, minha formação cultural, minha formação intelectual [...] tenho muita saudade daquele tempo. (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

Dentro do conjunto “ritualístico” de pertencer à referida instituição, destacam-se nas vozes das ex-alunas a satisfação, o zelo e a ansiedade que envolvia o uso do enxoval da farda escolar. A ex-aluna Rejane Pereira ainda hoje guarda na memória o tratamento destinado à farda por sua mãe:

[...] era uma pessoa extremamente cuidadosa conosco, se manteve num padrão de vida e educação rígido e muito bom para a época dela. Muito bom mesmo, porque ela pensava muito nas coisas, ela sempre quis o melhor, éramos quatro filhas e um menino [...]. Tudo nosso era impecável, ela lavava, ela engomava as fardas da gente, eram muito bem engomadas, porque ela fazia tudo isso com muito capricho mesmo [...]. (REJANE PEREIRA, 01/03/2006).

Ao mencionar o zelo para o uso de sua farda, traz à tona aspectos de sua cultura familiar, que segundo Szymanzki (2007, p.22) impregna “[...] valores, hábitos, mitos, pressupostos, modos de sentir e de interpretar o mundo que definem modos específicos de trocas intersubjetivas e, conseqüentemente, tendências para a constituição do sujeito.”

No período de festas, surgia a oportunidade de usar a farda de gala. Selma Lúcia lembra com carinho das ocasiões especiais nas quais pôde utilizá-la:

[...] tinha a farda de gala, eu adorava porque [...] era quando a gente ia usar meia fina. Porque a gente só ia usar depois de quinze anos e aos treze anos, eu já tinha farda de gala. Então a gente usava meias finas, não era aquela de tecido, não [...] (o sapato era) tipo boneca. [...] E a blusa era de manga comprida, de cambraia de linho, com umas nervuras, parece que estou vendo! E a saia toda pregueada. E tinha um chapeuzinho e era assim [...] com uma fita. O chapéu a gente comprava lá. Uns diziam que vinham da França. [...]. Eu me sentia metida. [...]. Geralmente usava a farda de gala para isso: procissão, Corpus Christi ou alguma coisa na Catedral assim [...]. (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

Mediante o depoimento da ex-aluna Selma Lúcia, realizou-se uma busca entre as alunas para encontrar alguma fotografia das mesmas com a farda de gala, que só era utilizada em momentos especiais da escola, porém sem êxito. A única imagem encontrada para exemplificar a narrativa acima foi a publicada por Ribeiro (1976), que produziu o livro em comemoração aos 70 anos de portas abertas do CNSN. Portanto, trata-se de ex-alunas do colégio, mas não são as alunas da última turma do magistério em 1970.

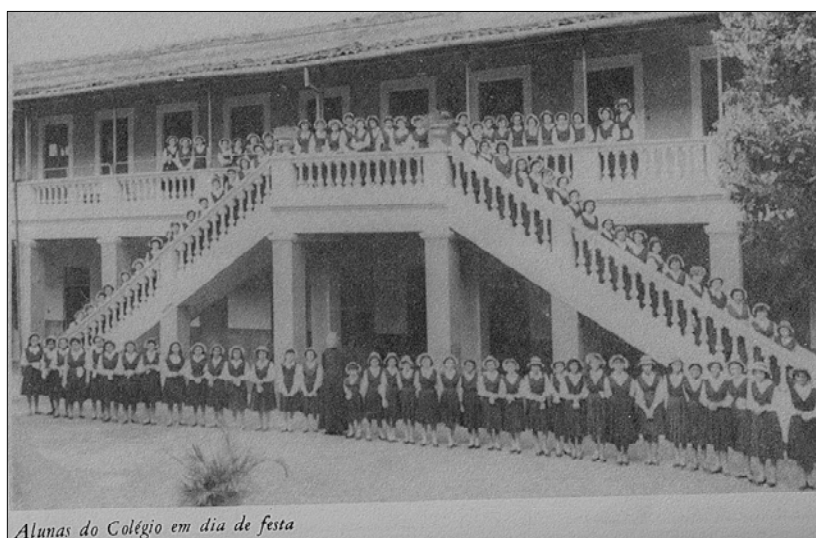


Foto 63: Alunas do colégio em dia de festa.

Fonte: Ribeiro (1976, p.100).

De acordo com Perrot (2006, p.39), a preparação cuidadosa do enxoval contribuía para a manutenção de uma relação prazerosa entre mãe e filha, uma vez que caracterizava uma prática significativa para as mulheres - o vestir - onde “[...] Uma luva, um lenço, são para elas relíquias de que só ela conhece o valor. [...] A memória das mulheres é vestida. A roupa é a sua segunda pele, a única coisa falar ou ao menos sonhar [...]”. Ao lembrar cada detalhe do enxoval, as ex-alunas revivem de forma prazerosa um espaço e um tempo em que a vigilância e os limites impostos conviviam com as estratégias de resistências e vivências que, embora compusessem uma organização disciplinar, configuravam-se como prazerosas.

As vozes das ex-alunas, de modo geral, revelam que o processo educativo por elas vivenciado foi fundamental para a condução de suas vidas e assinalam a satisfação de fazer parte da história educacional do CNSN. Se, por um lado, constata-se o caráter disciplinador do espaço assinalado, bem como de suas práticas, por outro, fazem questão de destacar a importância que até hoje atribuem a tal modelo educacional. Só uma delas enfatiza a necessidade que sentiu de libertar-se de tais práticas, evitando reproduzi-las em sua casa.

Portanto, constata-se a defesa de um modelo escolar marcado pela rigidez da disciplina, fortemente vinculado à família e aos valores cristãos, a partir de uma ideologia educacional que tinha o propósito de submeter os corpos nas relações de poder dentro do espaço social.

4.3 O declínio do magistério nas vozes das ex-alunas

O CNSN foi reconhecido por décadas pela sociedade paraibana como um colégio seguro, por desenvolver um trabalho educativo de rigor disciplinar de forma exemplar e de formação cristã para as boas moças da sociedade não só paraibana, mas de suas adjacências com estados vizinhos.

Apesar desse reconhecimento da sociedade, o CNSN, em 1970, já apresentava alguns sinais de um possível definhamento institucional, a exemplo da vinda da mãe francesa, que se hospedou no colégio para fiscalizar a sua

administração. Nesse mesmo ano, também foram encerradas todas as atividades do curso que preparava as jovens para o magistério. Com a seqüência de crises enfrentadas pela escola nos anos seguintes, apesar das diversas tentativas de reverter esta situação, o CNSN, em 2003, encerrou, definitivamente, todas as suas atividades educacionais.

Mediante essa realidade, ao perguntar as ex-alunas sobre o processo de definhamento da referida instituição, as mesmas externaram ainda ter muita afeição pela instituição e, ao lembrarem o encerramento definitivo das atividades educacionais em 2003, se emocionaram ao relatarem esse acontecimento.

Apesar dos 39 anos passados de conclusão do curso que preparava jovens garotas para exercer o magistério, determinadas alunas que fizeram parte da última turma do magistério não perderam o contato com algumas ex-professoras, ex-diretoras ou ex-funcionárias do colégio. Um ponto de encontro comum entre as ex-alunas e as religiosas que compunham o quadro de profissionais dessa escola sempre aconteceu nas missas celebradas na Catedral Nossa Senhora das Neves, situada em frente ao CNSN. Essas alunas também realizam visitas ao próprio ex-colégio para rever as religiosas que ainda se encontram morando naquele local. Em meio a esses encontros, sejam eles por acaso ou intencional, essas ex-alunas sempre estão informadas sobre como estão não só as suas amigas, como as demais pessoas que compunham o convívio escolar naquele período.

Cristina Soares, ao relatar sobre o definhamento da instituição, a mesma mencionou que o colégio resistiu muito antes de ceder para fechar suas portas, definitivamente. A ex-aluna descreve, também, que havia a concorrência com outro colégio religioso: o Lourdinhas, que preparava as alunas para o exercício do magistério naquele período e que estava mais sintonizado com os desafios do mercado em ascensão:

Encerrou meu Deus do céu, não sei se foi o ano passado, uns três anos atrás, em 2003, por aí. Tentou bravamente, perdeu, fechou por questões financeiras mesmo. Colégio interessante, o colégio sempre teve [...], existia o colégio das Neves, porque era dois colégios que faziam oposição, não sei se seria oposição, uma certa rixa, entre o colégio das Neves e o colégio das Lourdinhas, só que o colégio das Neves sempre pensou mais socialmente, o

colégio tinha uma escola atrás, umas classes atrás, era a escola São José (São Vicente) se não me engano e, que ensinava aos meninos, alunos que não [...] do bairro, que não podiam pagar. Então a noite essas classes eram ocupadas por uma população do bairro que não podia pagar e, elas (as freiras) sempre foram assim, nunca tiveram muito interesse de dinheiro, eram menos comerciais. Pelo menos a ordem, o colégio das Lourdinas sempre cobrou mais caro e, sempre me cobraram mais barato. Então sempre pensaram pequeno em termos econômicos e eu acho que isso levou à falência do colégio mesmo. (CRISTINA SOARES, 02/03/2007).

As fotografias a seguir registram o caminho para o ex-colégio São Vicente e as janelas das salas de aula. Nesse local, no térreo, atualmente funciona o laboratório de anatomia da Faculdade de Ciências Médicas e no primeiro andar os dormitórios das freiras que ainda moram no ex-colégio São Vicente e, ao mesmo tempo, em parte das estruturas do CNSN.



Foto 64: Corredor de acesso ao antigo Colégio São Vicente.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).



Foto 65: Janelas do ex-colégio São Vicente.

A ex-aluna Mary Elisabeth em seu depoimento atribui o definhamento da instituição à própria localização do colégio, que passou a não mais favorecer o percurso dos pais para levar e trazer seus filhos à escola, haja vista que com o crescimento urbano, houve a partir dos anos de 1970 um considerável deslocamento da classe média em direção aproximada às praias da cidade, edificando novos bairros, com considerável infra-estrutura, particularmente, com a construção de novas escolas. Outra questão mencionada pela depoente foi que

muitos pais procuravam por uma escola que matriculasse os filhos do casal, tanto meninas como meninos. Nesse sentido, relata que a abertura do ensino misto foi uma das últimas tentativas institucionais de adequação a nova realidade exigida pelo mercado do ensino privado.

Eu acho [...] é foi quando [...] é quando começou o próprio desenvolvimento da cidade. Começou a crescer lá pro lado da praia [...] Então, abriram novas escolas, novos, né? Coisas novas assim, eu acho que por conta de comodidade do pai trazer (os filhos), assim e também era uma escola religiosa, muita gente [...] os filhos não gostariam de estudar em escolas de freiras. Alguma coisa assim, até porque lá era só feminino né? Não agora teve até umas turmas depois do [...] não sei, é uns 2 ou 3 anos antes do colégio acabar, teve uma turma que parece que eles já colocaram menino, mas, parece que só foi 1 ano, se eu não me engano, vou ver isso aí. Mas eu acho que o próprio desenvolvimento da cidade que também levou a isso aí, o fechamento da escola, né? A abertura de novas escolas, né? As pessoas gostam de coisas novas [...]. (MARY ELIZABETH, 15/05/2007).

A ex-aluna Cristina Soares complementa essa informação afirmando que os aspectos que colaboraram para o definhamento da instituição, além das questões de localização da escola, foram os preços baixos das mensalidades, estratégia utilizada para atrair novos alunos, todavia, já não atendiam aos custos despendidos pela instituição.

O colégio cobrava muito pouco, ficou em uma parte da cidade [...] baixa onde ficou freqüentando as crianças da cidade baixa, que eram as crianças mais pobres [...] a escola cobrava pouco, passaram a pagar pouco também aos professores e não se agüentou mais e tiveram que fechar. Quando eles fecharam o pedagógico em 70, já havia uma crise financeira. (CRISTINA SOARES, 02/03/2007).

Dando continuidade, a ex-aluna Cristina Soares relata que em 1970 o CNSN já se deparava com as dificuldades econômicas, na época já existiam sinalizações negativas entre ofertas e demandas da sociedade.

Em 1970, Cristina Soares foi uma das alunas escolhidas para recitar um poema de despedida e em agradecimento à madre francesa que veio ao Brasil

para fiscalizar as atividades financeiras da instituição. Após a sua vistoria e inspeção, a referida madre emitiu um parecer favorável à manutenção da escola.

Apesar dos esforços despendidos, o curso do magistério teve todas as suas atividades encerradas, ainda, no ano de 1970, haja vista que a classe média não almejava mais formar as filhas, exclusivamente, para o magistério, passando assim a investir em novas perspectivas profissionais para a mulher, tais como as áreas de saúde e tecnologia.

As fotografias a seguir, ilustram alunas do CNSN no Curso Comercial, outra modalidade de formação ofertada pelo colégio.



Foto 66: Alunas do ensino Comercial.



Foto 67: Sala para prática do ensino Comercial.

Fonte: Processo de legalização do Ensino Comercial do CNSN.

A ex-aluna Mary Elisabeth também reforça a idéia de que o colégio em 1970 estava tentando se atualizar aos novos tempos, buscando ampliar seus horizontes e de atuação educacional. Nesse período, muitas jovens já estavam buscando o científico com a finalidade de prestar vestibular e realizar outra formação, devido as desvalorizações do magistério:

Eu acho que sim! Exatamente o colégio quando ele não optou pelo científico, talvez se ele tivesse colocado [...] ele já teve várias especializações em segundo grau, naquele tempo existia, não lembro mais, existia o curso do comércio, existia o curso do comércio, que hoje só ficou a academia do comércio, mas o colégio tinha [...] Então fechou o Clássico que era o curso que [...] quem queria fazer um concurso pra vestibular, pra área de humanas. Mas, depois também acabaram [...] acabou que o

pedagógico, ficou somente as alunas do Lourdinas, eles tinham também só na escola pública ali no Liceu, o Normal, uma escola de professoras. O normal de lá, do Estado, bem isso aí só começou a ser freqüentado pela classe média baixa, mesmo. Então o pedagógico acabou a partir de 70 [...] a mulher não queria ser mais professora de primeiro grau [...] se pagava pouco demais. (MARY ELIZABETH, 15/05/2007).

Ao ser questionada sobre o processo de declínio da instituição, a ex-aluna Selma Lúcia faz questão de justificar o quanto foi bom estudar no CNSN, e que sempre foi motivo de orgulho dizer que foi estudante daquela instituição. Essa foi a sua forma de expressar seu sentimento de contrariedade com o encerramento da instituição escolar mais tradicional da Paraíba.

Primeiro é um orgulho muito grande, pense num orgulho de ter estudado lá. Principalmente na época que eu estudei lá. Ele era assim um colégio bem elitista. E assim [...] de boas amizades, as companheiras ficou. Hoje a gente [...] Eu tive muita saudade, desde o primeiro ano, mas é o que fica, geralmente a amizade, é aquela que a gente não encerra, não é isso? Então eu tenho muito orgulho de ter sido aluna do Colégio das Neves. Ele contribuiu muito pra minha formação religiosa, minha formação cultural, minha formação intelectual, também, e tenho muita saudade daquele tempo. (SELMA LÚCIA, 10/11/2007).

No depoimento de Mary Elisabeth, ela faz questão de lamentar o encerramento do curso na instituição:

A gente ficou assim [...] né? Nós achávamos que era um curso bom, né? A gente realmente saía preparada para o campo de trabalho [...]. Deveria continuar a ter o pedagógico. Foi um assim [...] eu tive pena, né? De um tão bom! Nós fomos a última. Outras pessoas não tiveram a oportunidade que nós tivemos ali, daquela convivência [...] Era uma turma pequena [...] a gente realmente se dava muito bem, todo mundo se dava muito bem, era como realmente fosse uma família. . (MARY ELIZABETH, 15/05/2007).

No discurso acima, é perceptível a quantidade de pausas em seu depoimento. Isso foi interpretado como um momento de emoção, ao rememorar um passado recente, e, também, como se quisesse dizer muito mais. Em sua fala externa um sentimento que envolvia, ao mesmo tempo, uma frustração por ter pertencido a última turma do magistério e por testemunhar o encerramento da

instituição. A seguir, algumas imagens de alegrias relatadas pelas ex-alunas no cotidiano escolar.



Foto 68: Cotidiano das alunas.



Foto 69: Ir. Carneiro e as alunas.



Foto 70: Alunas na escadaria.



Foto 71: Alunas no dia a dia



Foto72: Alunas descontraídas.

Fonte: Álbum de fotografias da ex-aluna: Cristina Soares.

Nas imagens, destacamos os risos e os momentos de descontração, fora do absoluto sistema de ordem disciplinar que se impunha no cotidiano.

Voltando ao depoimento de Selma Lúcia, a mesma ainda reforça que se tivesse como voltar no tempo faria: “Tudo de novo. Não me arrependo, não teria dúvida nenhuma. Se tivesse que começar de novo, começaria tudo de novo.” (Risos).

Nas palavras da ex-aluna Cristina Soares, entende-se que sua relação com todos que compunham essa instituição sempre foi uma relação de muito carinho, amor e respeito. Afinal de contas, ela tinha uma história construída durante anos, da infância à adolescência. Nesse sentido, afirma:

Foi doloroso [...] Hoje, por exemplo, eu fui a catedral, encontrei algumas freiras e elas mesmas: vocês não aparecem mais, etc. e tal. Todas têm mais de 80 anos, as mais novas 75 e 78 anos e, fico angustiada pela situação delas, porque é muito difícil ver um colégio de uma estrutura física muito grande, muito boa [...] (CRISTINA SOARES, 02/03/2007).



Foto 73: Entrada do CNSN.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

E complementa:

[...] o colégio tinha um (terreno) que se chamava sitio que ia até quase ali onde é [...] descendo ali tudo entre as duas ladeiras, com exceção das casas que tem ali na frente, o resto era o sitio do colégio. Então as freiras foram aos poucos vendendo, vendendo um pedaço, loteando e vendendo. (CRISTINA SOARES, 02/03/2007)

Na fotografia seguinte, pode-se visualizar essa imagem rural da instituição no passado, haja vista que atualmente encontram-se edificadas casas e lojas comerciais. Entre as duas ladeiras, nas proximidades da instituição, encontra-se todo o espaço urbanizado.



Foto 74: Visão da parte de trás do CNSN.

Fonte: Processo de equiparação do colégio ao Pedro II Nº906 (1935-1958).

Para Cristina Soares, era uma estrutura imensa e de arquitetura admirável, ao rememorar os detalhes que a impressionavam na capela do colégio, afirma:

[...] mas é uma estrutura muito grande [...] muito bonito, é uma arquitetura [...] antiga é, mais eu lembro ainda hoje, a capela é extremamente acolhedora ainda, ainda existe um lustre, que feito de canudinhos e que o vento quando batia emitia um som que eu nunca esqueci. Tristes velas, Elas alugaram um prédio e hoje vivem confinadas ao térreo, do colégio, né? Onde já existiam umas classes lá embaixo que elas já utilizavam. Aquilo hoje em dia é um dormitório delas, sala de jantar e tudo e tem ainda algumas por lá, onde já existia uma casa. (CRISTINA SOARES, 02/03/2007).

Na fotografia abaixo, visualiza-se a capela e o lustre tão admirado pela ex-aluna Cristina Soares em suas visitas à capela da instituição:



Foto 75: Visão do lustre na Capela do CNSN.

Fonte: Processo de Equiparação do colégio ao Pedro II, Nº906 (1935-1958)

A ex-aluna Rejane Pereira se destaca entre as demais alunas, porque ao terminar seu curso, teve a oportunidade de lecionar no ensino primário no CNSN. Local em que a mesma estudou e recebeu sua formação para o magistério. A seguir, a aluna na fotografia junto a Ir. Margarida, educadora com quem manteve contato afetivo nos últimos 39 anos.



Foto 76: Rejane e Irmã Margarida. **Foto 77:** Rejane na escadaria. **Foto 78:** Rejane na porta de acesso ao primário.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2008).

A referida aluna, emocionada em seu depoimento, destaca sua frustração quanto ao encerramento das atividades da instituição:

Hoje eu passo ali e sinto um vazio, ensinei lá, né? [...] em 71 até 75, aí fui morar em São Paulo. Em 80, quando fui morar em São Paulo, em 80, 79 e 80, quando voltei de São Paulo, a Irmã Marcelina me chamou novamente. Trabalhei no banco, no Paraiban e ensinava de noite no colégio. De manhã eu saía para o banco, tomava banho e almoçava no colégio [...] Voltei em 93, aí que fiquei até o ano 2000, passei mais sete anos. (REJANE PEREIRA, 01/03/2007).

A ex-aluna refere-se também à pesquisa como algo importante, de resgate de uma memória:

Para mim foi um prazer, muito bom mesmo voltar no tempo [...] Recordações que fazem a gente voltar no tempo [...] no ensino do primário [...] Um tempo que não apaga, no convívio do pedagógico que foi feito no capricho e tudo [...] Colégio querido que nas tuas galerias permanecem para sempre as alegrias que em ti vivemos. [...] tem a mensagem dos colegas: ei de levar contigo uma saudade, uma saudade tua, há de ficar comigo uma

saudade tua. Foi isso que foi colocado assim no convite, né? Do colégio para mim, agora ouvindo aquelas manhãs belas, lindas [...] Muito bom, muito bom, muito bom mesmo. Saudades, muitas saudades mesmo [...](REJANE PEREIRA, 01/03/2007).

A seguir tem-se a imagem da capa do convite para a festa de formatura das ex-alunas da última turma do magistério em 1970.



Imagem 9: Capa do convite de formatura da última turma do magistério em 1970.

Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Cristina Soares (1970).

Nas imagens a seguir, detalhe do convite, e da última festa da turma que encerrou as atividades do magistério em 1970, realizada no dia 05 de dezembro de 1970. Como programação comemorativa de conclusão de curso foi realizada uma missa de ação de graça, com a bênção dos anéis e a entrega do diplomas na capela do Colégio. (Convite na íntegra, ver anexo N).

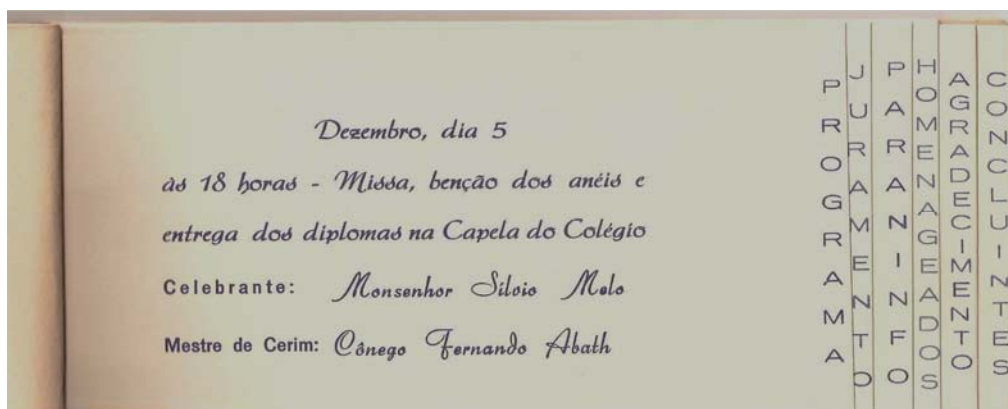


Imagem 10: Programação da festa da última turma do magistério em 1970.

Fonte: Arquivo pessoal da ex-aluna Cristina Soares.

Na sequência, as imagens desse momento de confraternização que demarca uma época significativa na memória da festa de conclusão da última turma do magistério na referida instituição escolar.



Foto 79: Missa.



Foto 80: Alunas em torno do bolo.



Foto 81: Entrega do Diploma.



Foto 82: Benção dos anéis.

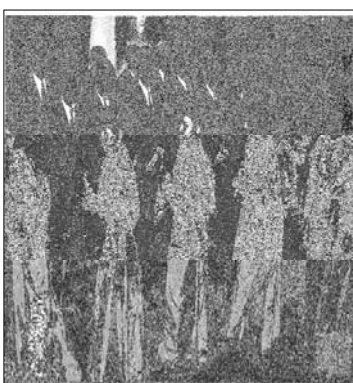


Foto 83: Ofertório.



Foto 84: Comunhão.

Fonte: Arquivo pessoal de Cristina Soares e Selma Lúcia (1970).

Portanto, nos depoimentos das ex-alunas da última turma do magistério do CNSN, buscou-se de desvelar um tempo “perdido” ou silenciado em suas memórias. Os relatos vão anunciando, cada qual a seu modo, as variadas práticas de convivência cotidiana com a tradicional instituição escolar que, já nos primórdios da década de 1970, evidenciava o seu declínio, em especial, na formação do magistério, pois já não era mais considerada a única profissão feminina, o lugar legítimo para a mulher na sociedade da época, como destino traçado para sua inserção no mundo do trabalho.

Conclusão

Ao concluir este estudo das histórias e memórias de ex-alunas da última turma concluinte do magistério do CNSN, percebe-se que suas narrativas possibilitaram trazer à baila as experiências educacionais em seu cotidiano, reconstruindo caminhos que teceram a história num dado momento da vida das personagens entrevistadas no cenário de 1970, no sentido de revisitar a história do tempo presente, compreendê-la de uma forma crítica, reflexiva, educativa, através dos cruzamentos das seguintes categorias analisadas: família e escola, disciplina no cotidiano escolar e declínio do magistério.

As cinco colaboradoras, identificadas sem o uso de pseudônimos, optaram por revelar em seus depoimentos aspectos importantes das suas vidas no universo do cotidiano escolar. Todo o material adquirido através das gravações ficará disponível no acervo do grupo de pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil” HISTEDBR – GT/PB, no Programa de Pós-Graduação em Educação, no Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

No conjunto das falas, fluíram narrativas acerca dos padrões educacionais e sociais de uma época, permitindo nesta pesquisa compreender como se estabeleciam as relações entre a mulher, a família e a escola e, particularmente, o trabalho docente, numa conjuntura em crescente questionamento à ordem de lugares do feminino em seu meio social, transformando suas memórias individuais em memórias coletivas, narrativas que significam e valorizam as experiências, cenas engraçadas ou tristes, o passado reconstruído pelas suas vozes.

As narrativas das alunas/professoras se encadearam, permitindo uma releitura dos acontecimentos, um reviver de sensações. Concordando, assim, com Chartier (1990, p.17), para quem o objeto primordial da história é “identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Sendo assim, com base nas memórias das ex-alunas e da ex-diretora irmã Margarida Marcelo Costa, nos arquivos da própria instituição encontrados nos arquivos da Secretaria de Estado da Educação, foi possível recuperar esse

passado, demarcado nas lembranças da infância, da adolescência, dos processos educacionais, na família, na escola, em outros espaços educacionais, a formação profissional etc.

Nas falas, foi possível reconhecer a presença e a influência decisiva da educação oferecida pelo educandário na vida das ex-alunas, seja pelas práticas cotidianas, disciplinares, curriculares, de etiqueta, religiosas, aspectos referentes à moral, regras, uso do uniforme e posturas exigidas das alunas; seja pela preparação profissional etc. Enfim, na trajetória da escola quando ocupavam diferentes papéis - alunas, professoras e diretoras.

Os esclarecimentos sobre os menores detalhes apenas foram possíveis através das narrativas, porque os documentos oficiais e mesmo os iconográficos sozinhos não representariam as percepções que somente os sentidos humanos puderam absorver. Foram representações de sons, cores, cheiros, de como se portavam professores e alunos dentro e fora da escola, quais eram os discursos, os costumes, as regras. Portanto, “uma história” a partir de “dois olhares”, aquele que os registros oficiais contam e outro que somente os personagens que o vivenciaram poderiam contar.

Especificamente, percebeu-se nas histórias de vida das ex-alunas narradoras uma profunda influência da educação recebida na escola, sua aproximação com os ideais preconizados pela igreja e pela família patriarcal, repercutindo na conquista ou na manutenção de espaços na sociedade. O entendimento é de que a sociedade deveria oferecer condições de conciliar o trabalho feminino com as exigências da família.

Por essa compreensão, pode-se afirmar que num movimento conflituoso, dialético, como produtos do seu tempo e lugar, as narrativas desvelaram perfis contraditórios que as personagens da pesquisa assumiram quando, por exemplo, apontaram comportamentos considerados “ousados”, mas reproduzindo, integralmente, os valores paternos ao desejar, por exemplo, constituir uma família e defender a manutenção de valores tradicionais:

[...] naquele momento você encarava essa idéia de ser professora, ou de ter mesmo outra profissão, mas, ao mesmo tempo, ter que assumir a responsabilidade que era o sonho que determinava a vida da mulher de ser casada, ter filhos, construir uma vida profissional e familiar. (Entrevista com Cristina Soares Cavalcante, 02/03/06).

Evidentemente, essa mesma força de permanência de valores trazia, em si, um movimento em sentido inverso na sociedade da época, num processo complexo de lutas e conquistas para ver realizada uma ruptura com as representações demarcadas de espaços para o masculino e o feminino, principalmente, pelos acontecimentos que envolveram as lutas feministas nos anos de 1960-1970.

Outra revelação fundamental das narrativas diz respeito ao magistério. Ou seja, em face de uma dada ascensão social e econômica, que possibilitou o acesso das mulheres ao mercado de trabalho, a referida profissão pouco a pouco foi se destituindo da condição de único espaço capaz de abrigar os interesses de formação educacional da mulher, mediante os inúmeros recursos e espaços surgidos no final do século XX, tais como os meios de comunicação, saúde e tecnologias.

Ressalte-se que, seja por continuidade ou mesmo por oposição, as lembranças de passado e presente do magistério vão contribuindo para certa “consciência” de lugar, porque a vida e as atitudes são muitas vezes contraditórias, como se pode entrever no depoimento seguinte:

Toda vida eu quis ser professora, achava lindo, me dava muito bem com minhas professoras, tenho belas recordações de todas do Colégio de Nossa Senhora das Neves [...] me lembro de todas, mas infelizmente num país deste, não se valoriza a educação [...] professor não é valorizado, não tem a remuneração que merece [...] (Entrevista com Rejane Pereira, 01/03/06).

Cabe aqui uma observação, qual seja: a escolha do Curso Normal como espaço de formação, mesmo para as ex-concluintes que optaram pelo magistério, em suas narrativas demonstraram pontos de desencantos e de pessimismo com a profissão, sobrepondo-se as alegrias e as satisfações no percurso de uma vida,

uma vez que a profissão de professor, em décadas anteriores, ainda tinha o fator reconhecimento como diferencial. Todavia, nos depoimentos se revelam que as famílias apresentavam orgulho em ver suas filhas estudando no Colégio de Nossa Senhora das Neves, uma vez que a escola, apesar da crise que afetava a profissão de professor, tinha na tradição religiosa sua principal marca, ou seja, ainda era um lugar “apropriado” na formação das suas filhas.

Assim, o ato de rememorar vivências da formação no Colégio de Nossa Senhora das Neves, independente de suas opções profissionais, em determinado tempo e espaço, articulando o passado, o presente e o futuro, possibilitou as ex-conclucentes uma maneira diferente de ler a história do magistério a partir da educação oferecida na referida instituição educacional, dos primórdios até os anos de 1970.

Portanto, a partir das narrativas, foi possível absorver aspectos peculiares da formação, posturas e hábitos de aprender e ensinar que perpassaram gerações de formação, assim como, as fortes relações entre a instituição e a vida pessoal e profissional das entrevistadas.

Finalmente, por meio das narrativas e dos documentos consultados, observou-se que cada história individual se fez e se refez fortemente influenciada e condicionada ao contexto da escola. Ao narrar sobre a escola, suas alegrias, crenças, mitos, tradições, angústias, declínio, as entrevistadas entrelaçaram leituras acerca das suas próprias vidas, possibilitando assim uma aproximação com o universo social, familiar e cultural de uma época.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: Missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval... [et.al.] *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção Educação Contemporânea).

_____. *Ler as letras: por que educar meninas e mulheres?* São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: autores Associados, 2007

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1987.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaios sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1980.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Editora da EDUSP, 1987.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social*. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. *A Ascola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Tradução Nilo Odália - São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1997.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de janeiro: Zahar Editor, 2005.

CAMARGO, Aspázia. *Os usos da história oral e da história de vida*. Rio de Janeiro. (mimeografado), 1982.

CASTRO. Magali. A escola normal revisitada: memórias de professoras do início do século XX. In: Peixoto, CASASANTA, Ana Maria e MAURO, Passos. (Orgs.) *A escola e seus atores: educação e profissão docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CATANI, Denice Bárbara... [et al.]. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. CATANI, Denice Bárbara... [et al.]. *Docência Memória e Gênero: estudos sobre formação*. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CHAMON, Magda. *Trajetórias de feminização do magistério: ambigüidades e conflitos*. Belo Horizonte: Autêntica. FCH-FUMEC, 2005.

CHATIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

CORDEIRO JR., Raimundo Barroso. História da História ou da historiografia como história social. In: SÁ, Ariane Norma de Menezes & Mariano, Serioja. R. C. (Orgs.) *Histórias da Paraíba: autores e análises historiográficas sobre o século XIX*. João Pessoa; Ed. Universitária, UFPB, 2003.

CUNHA, Maria Iza Gerth da. Formar damas cristã, cultas, virtuosas, polidas, sociáveis: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio. NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro do. [et. Al.]. *Memórias da educação: Campinas (1850-1960)*. Campinas, S.P.: Editora UNICAMP. Centro de memória. UNICAMP, 1999. (Coleção Campiniana, n. 20)

DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: DURHAM, Eunice R... et al; org. Ruth C. L. Cardoso. *A aventura antropológica*. Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral e tempo presente. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.) *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã. (Série Eventos), 1996.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças In: FERREIRA, Marieta de Moraes e Alzira Alves de Abreu... [et. Al.] *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 32.ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira & LOPES, Marta Teixeira. *História da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALBAWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Konder. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2004. (Série Interpretações da História do Homen).

KULESZA, Wojciech Andrzej. "Igreja e educação na Primeira República". In: MACHADO, Charliton José dos Santos & SCOCUGLIA, Afonso Celso (Orgs.) *Pesquisa e historiografia da educação brasileira*. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.) *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã. (Série Eventos), 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Benardo Leitão: 5º ed. Campinas. SP: Editora UNICAMP. (Coleção Repertórios), 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1997.

_____. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto/ Fundação UNESP, 1987.

LOWEN, Alexander. *Prazer: uma abordagem criativa da vida*. Tradução de Ibanez de Carvalho Filho. São Paulo: Sumus, 1984.

LUCENA, Célia. Mobilidade Social: histórias de família e variedades de gênero. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.) *(Re)introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã. (Série eventos), 1996.

MACHADO, Charliton José dos Santos. *A dimensão da palavra: práticas de escritas de mulheres*. João Pessoa /Paraíba: Editora Universitária UFPB, 2005.

_____. *Mulher e educação: história, práticas e representações*. João Pessoa/PB: Editora Universitária UFPB, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral: o que é história oral?* Loiyola. Ipiranga: São Paulo, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELLO, José Baptista de. *Evolução do ensino na Paraíba*. 3ª. ed. João Pessoa: SEC/PB, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Introdução. IN: MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 5ªed. São Paulo: Contexto, 2003.

NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. In: Revista de Educação. *História da educação: educação em foco*. V.7, n.2, Set/fev, Semestral. Juiz de Fora. Editora: UFJF, 2003.

_____. História da educação: espaço e desejo. Revista *Em Aberto*. Brasília, v.9, nº47, jul/set, 1990, p.p. 36-45.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1987.

PERROT, Michelle. *Mulheres ou os silêncios da história*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, S. P.: EDUSC, 2005.

_____. *Os Excluídos da História – Operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bootmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte/ MG: Editora Autêntica, 2003.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*. Campinas, São Paulo: Autores Associados: Universidade São Francisco, 2002. (Coleção Educação Contemporânea).

RIBEIRO, Domingos de Azevedo. *Colégio de Nossa Senhora das Neves*. João Pessoa-PB: Gráfica Pessoaense, 1976.

SOUZA, Rosa Fátima de. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval... [et.al.] *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção Educação Contemporânea)

SZYMANZKI, Heloisa. *A relação família/escola: desafios e perspectivas*. Brasília: Líber Livro, 2007.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2.ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1998.

VIÑAO, Antonio. "Relatos e relações autobiográficas de professores e mestres". In: MENEZES, Maria Cristina (org.) *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2004.

Tese:

Cavalcante, Ilane Ferreira. *Faces de mulher no Brasil das décadas de 1960 e 1970*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2002.

Fontes orais

Margarida Maria Marcelo Costa. Ex-diretora do Colégio de Nossa Senhora das Neves, 19/08/2006.

Ir. Margarida Maria Marcelo Costa. Ex-diretora do Colégio de Nossa Senhora das Neves, 21/12/2006.

Cristina Soares Cavalcante. Ex-aluna do Colégio de Nossa Senhora das Neves da turma concluinte do Pedagógico Primário em 1970, 02/03/06.

Selma Lúcia Cavalcanti Portela. Ex-aluna do Colégio de Nossa Senhora das Neves da turma concluinte do Pedagógico Primário em 1970, 10/11/2007.

Mary Elisabeth de Almeida Bezerra da Silva. Ex-aluna do Colégio de Nossa Senhora das Neves da turma concluinte do Pedagógico Primário em 1970, 15/05/2007.

Rejane Pereira dos Santos. Ex-aluna do Colégio de Nossa Senhora das Neves, da turma concluinte do Pedagógico Primário em 1970, 01/03/06.

Rejane Pereira dos Santos e Ir. Margarida Maria Marcelo. Entrevista realizada na Faculdade de Ciências Médicas: antigo Colégio Nossa Senhora das Neves. 03/03/08.

Fontes Digitais

KULESZA, Wojciech Andrzej. *Escola e Modernidade na Paraíba (1910-1930)* – RELATÓRIO FINAL- GPCES (CNPq) 2005. CD-ROM

Fotografias pesquisadas

Arquivo pessoal da ex-aluna Selma Lúcia Cavalcanti Portela.

Arquivo pessoal da ex-aluna Cristina Soares Cavalcante.

Arquivo pessoal da pesquisadora Tatiana de Medeiros Santos.

Arquivo pessoal da ex-diretora Ir. Margarida Maria Marcelo

Arquivos e documentos pesquisados

- Inspetoria Técnica de Ensino do Estado da Paraíba (Setor de Escolas Extintas-STE).

- Processo de Equiparação do Colégio Nossa Senhora das Neves ao Colégio Pedro II, Nº906 iniciado em 1935 e arquivado em 1958. Documento encontrado na Inspetoria Técnica de Ensino do Estado da Paraíba. (Setor de Escolas Extintas). Documento pesquisado em 20/06/2007.
- Processo de legalização do Curso Comercial. Documento encontrado na Inspetoria Técnica de Ensino do Estado da Paraíba. (Setor de Escolas Extintas). Documento pesquisado em 20/06/2007.
- Estatuto do Colégio Nossa Senhora das Neves. (1938) Documento encontrado na Inspetoria Técnica de Ensino do Estado da Paraíba. (Setor de Escolas Extintas). Documento pesquisado em 20/06/2007.

Poemas

Margarida Maria Marcelo Costa. *Oração da manhã*. João Pessoa. s/d. (mimeografado).

Margarida Maria Marcelo Costa. *Despedida*. João Pessoa. s/d. (mimeografado).

Margarida Maria Marcelo Costa. *O interior do meu casarão*. João Pessoa. s/d. (mimeografado).

COSTA, Margarida Maria Marcelo. Poema: Colégio Nossa Senhora das Neves. In: RIBEIRO, Domingos de Azevedo. *Colégio de Nossa Senhora das Neves*. João Pessoa-PB: Gráfica Pessoaense, 1976.

Poema: *Minha amiga Margarida*. Autor desconhecido. s/d. (mimeografado).

Poema: *Caríssima Madre Visitante*. Autor desconhecido. 1970 (mimeografado).

ANEXOS

das Neves	Irmã Maria Theodosia registrada sob nº	7850
ESSOA	Irmã Julia Lecomte	" " " 10434
CO NORTE	Irmã Laura d'Albuquerque	" " " 8328
	Irmã Gladys Bundock	" " " 10405
	Irmã Ignez Maria	" " " 8373
	Irmã Christina Bergougnoux	" " " 7671

52²
Aus

O horário é dividido em dois turnos: começa o primeiro pela manhã
2 horas e termina às 11. O segundo turno prolonga-se de 12 e meia
15 horas.

..... ELUCIDÁRIO PARA FICHA DE CLASSIFICAÇÃO

SITUAÇÃO - O edifício do Colégio de Nossa Senhora das Neves
situado na zona urbana sem vizinhança imediata; é limitado ao
sul por ruas calçadas e de pouco trânsito; a leste pela praça
Ulrico; ao oeste pela chácara do Colégio. Acha-se em perfeita condi-
ção de salubridade. É bem ventilado e sua fachada principal voltada
para o leste.

O Colégio estando afastado das linhas de bondes não há RUIDO
que venha perturbar a ATENÇÃO DAS ALUNAS. A linha de bonde, passa
100 metros distante da praça D. Ulrico, logo não há perigo para a
entrada e saída das alunas.

Não sendo lugar, ponto de diversão, nenhuma influência pode desviar
a atenção das mesmas.

TERRENO - O terreno é argiloso, com ligeiro declive, facilitando o
acesso às águas.

ÁREAS LIVRES PARA RECREIOS: 2890m² 21
" Cobertas para ginástica e recreios 712m² 50

EDIFÍCIO - A construção foi iniciada em 1895 sofrendo modifica-
ções e ampliações em datas sucessivas segundo as necessidades. Hoje
é um vasto estabelecimento em boas condições de insolação, iluminação
e ventilação e permite também fácil fiscalização das salas de aula.
O edifício tem forma de U e suas condições gerais são as seguintes:
dois pavimentos, um superior e outro térreo. Neste estão localizadas 6
salas de aula, secretária, gabinete da diretora, gabinete dentário,
e gabinete de física, de História Natural, sala de geografia e
biblioteca. No pavimento superior ficam 8 salas de aula, o arquivo, a

cont...

Ginásio N. S. das Neves
JOÃO PESSOA
Paraíba do Norte

14 de Outubro de 1952

Ofício nº 3

EXMO. SNR. DR. DIRETOR DO ENSINO SECUNDÁRIO.

Dando cumprimento as determinações do telegrama sob nº 4.034 em data de 7 do andante, emitido por essa Diretoria, tenho a honra de enviar a V. Excia., com este ofício, o relatório exigido pela Portaria nº 501, de 19 de Maio de 1952, em seu art. 148.

Respeitosas saudações

Manuel M. de Almeida
Mons. Manuel Maria de Almeida - Inspetor.

RELATÓRIO APRESENTADO, PELA INSPETORIA DO GINÁSIO N.S. DAS NEVES, A DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO, EM OBSERVÂNCIA AS DETERMINAÇÕES DA PORT. Nº 501, EM SEU ART. 148.

APARELHAMENTO ESCOLAR. O edificio onde funciona o Ginásio N.S. das Neves, em João Pessoa, satisfaz plenamente as normas pedagogicas, estabelecidas pelo Ministério da Educação, quer no seu porte architectonico, quer no seu aparelhamento escolar.

Vem a proposito lembrar que este Ginásio, já em 1945, foi classificado por parte da Diretoria do Ensino na categoria de BOM, com 9180 pontos, conforme comunicado, da então Diretora D. Lucia Magalhães, em oficio nº 1861 de 4 de Abril de 1945.

MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS Em 1950 e 1951 foram construidos mais três pavilhões, sob planta aprovada pela Prefeitura Municipal, um destes pavilhões destinado a sessões cinematograficas e de radio, um outro para o museu do Ginásio e o terceiro, para sala de aulas.

O VESTIÁRIO E SERVIÇO SANITÁRIO sofreram radical mudança para melhor.

Ginásio N. S. das Neves
JOÃO PESSOA
Paraíba do Norte

14 de Outubro de 1952

Ofício nº 3

EXMO. SNR. DR. DIRETOR DO ENSINO SECUNDÁRIO.

Dando cumprimento as determinações do telegrama sob nº 4.034 em data de 7 do andante, emitido por essa Diretoria, tenho a honra de enviar a V. Excia., com este ofício, o relatório exigido pela Portaria nº 501, de 19 de Maio de 1952, em seu art. 148.

Respeitosas saudações

Manuel Maria de Almeida
Mons. Manuel Maria de Almeida - Inspetor.

RELATÓRIO APRESENTADO, PELA INSPETORIA DO GINÁSIO N.S. DAS NEVES, A DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO, EM OBSERVÂNCIA AS DETERMINAÇÕES DA PORT. Nº 501, EM SEU ART. 148.

APARELHAMENTO ESCOLAR. O edifício onde funciona o Ginásio N.S. das Neves, em João Pessoa, satisfaz plenamente as normas pedagógicas, estabelecidas pelo Ministério da Educação, quer no seu porte arquitectónico, quer no seu aparelhamento escolar.

Vem a propósito lembrar que este Ginásio, já em 1945, foi classificado por parte da Diretoria do Ensino na categoria de BOM, com 9180 pontos, conforme comunicado, da então Diretora D. Lucia Magalhães, em ofício nº 1861 de 4 de Abril de 1945.

MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS Em 1950 e 1951 foram construídos mais três pavilhões, sob planta aprovada pela Prefeitura Municipal, um destes pavilhões destinado a sessões cinematográficas e de rádio, um outro para o museu do Ginásio e o terceiro, para sala de aulas.

O VESTIÁRIO E SERVIÇO SANITÁRIO sofreram radical mudança para melhor.

RELATÓRIO PARA REVISÃO DA FICHA DE CLASSIFICAÇÃO DO
GINÁSIO NOSSA SENHORA DAS NEVES.

1a. PARTE

Dados gerais

I NOME OFICIAL DO ESTABELECIMENTO

GINÁSIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

II HISTÓRICO

O Ginásio foi fundado em 1895, sob os auspícios do Exmo. Snr. Arcebispo, D. Adauto de Miranda Henriques, de saudosa memória. Em 1906, ficou o dito Estabelecimento sob a direção das Religiosas do Instituto da Sagrada Família cuja fundadora foi a Bem-aventurada Madre Emília de Rodat.

Em 1924, equiparou-se à Escola Normal do Estado, tendo concedido o diploma de professora a 295 de suas alunas.

Requeru inspeção preliminar em 31 de Dezembro de 1935, sendo-lhe concedida a 8 de Janeiro de 1937.

Em 26 de Abril de 1937, Monseñhor Manuel Maria de Almeida tomou posse de seu cargo de Inspetor para servir junto ao Colégio. Todos os serviços se realizam sob a imediata fiscalização dessa autoridade e de acordo com as disposições regulamentares e instruções das autoridades superiores do ensino.

Em 17 de Setembro de 1938, o Ginásio foi classificado BCM, com 8335 pontos. (Diário Oficial, de 30 de Setembro de 1938). Por decreto N. 7.165 de 12 de Maio de 1941 foi-lhe concedido o favor de inspeção permanente.

Além do Curso Secundário o Ginásio mantém um Curso Comercial oficializado e fiscalizado pelo Governo Federal (inspeção Preliminar, portaria ministerial N. 188 de 21 de Julho de 1942) e um curso primário destinado especialmente a preparar candidatas aos exames de admissão para os diversos cursos.

Cont

Anexo C: Em 1924, foi concedido diploma a 295 alunas.

N. S. das Neves
A PESSOA
DO NORTE

Exma. Sra. D. Lúcia Magalhães,

Tenho a honra de remeter-vos, conforme me solicitais em
vosso Telegrama de 20 do corrente, os relatórios de que trata o
art. 53 do Decreto 21.241 de 4 de Abril de 1932, respeitante à
inspeção permanente do Colégio Nossa Senhora das Neves

Respeitosas saudações

Mons. Manuel M. de Almeida
Mons. Manuel Maria de Almeida
Inspetor

RELATÓRIOS PARA EFEITO DE INSPEÇÃO PERMANENTE DO COLÉGIO N. S. DAS
NEVES

I - EFICIÊNCIA DO ENSINO

Antes do período de inspeção preliminar, já o Colégio
Nossa Senhora das Neves figurava como um dos mais importantes do
País, graças, sobretudo, à eficiência do ensino.

Alunas dele transferidas para outros Colégios, reafir-
mavam, pelo seu preparo, este conceito e as que eram diplomadas,
como professoras normalistas, não deixavam de contribuir bastante
para a consolidação do bom nome deste estabelecimento educativo.

Durante o período de inspeção preliminar, o Colégio,
conforme reiteradas informações e essas estritamente conhecidas,
por mim dadas nos relatórios mensais, à Diretoria da Divisão do
Ensino Secundário, não fez senão redobrar de esforços para tornar
o ensino ali ministrado eficiente, sob todos os seus aspectos.

Assim é que das alunas matriculadas, dentro do

Anexo D: Registro do sucesso de ex-alunas quando eram transferidas para outra instituição.

das Neves
ESSOA
PORTE

2

123
JCH

Este fato dispensa todo o comentário, à face da rigorosa
realidade dos exames.

Um quadro demonstrativo segue anexo. A essas razões po-
tamos alagar outras, entre as quais, as mais lisongei-
ras dos órgãos de publicidade do Estado.

13 - CONFIDABILIDADE DOS PROFESSORES

O corpo docente do Colégio Nossa Senhora das Neves é
constituído pelas Religiosas do Instituto da Sagrada Família;
por professores que também exercem as suas funções no Liceu
Paraibano e no Colégio Pio X:

por professoras que têm curso de aperfeiçoamento.

Quanto às professoras que fazem parte do Instituto da Sagrada
Família, todas provaram a sua idoneidade junto ao Departamento
Nacional do Ensino, por ocasião do registro necessário para exer-
ciar o magistério.

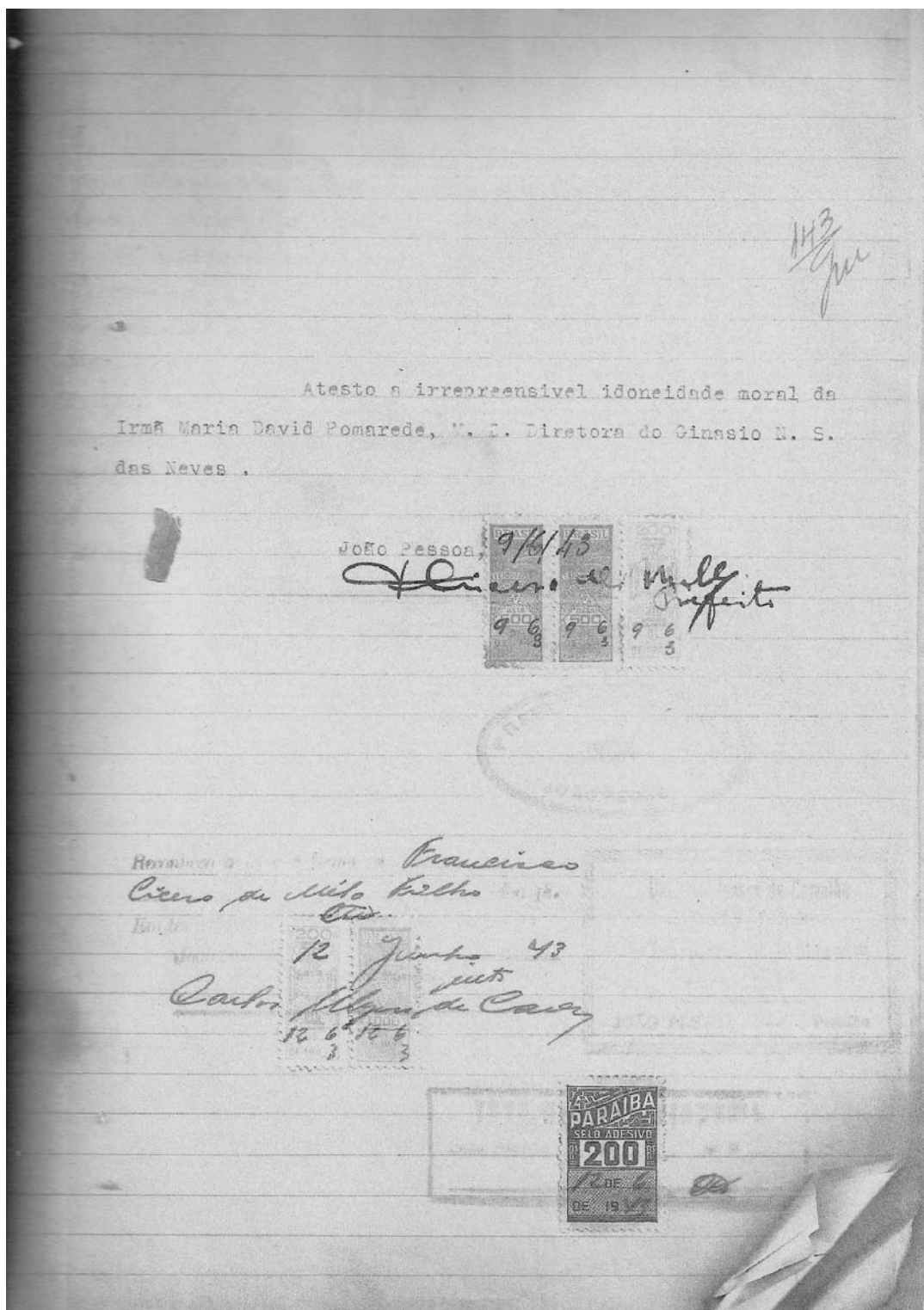
Os professores, Dr. Luiz Gonzaga d'Albuquerque Burity, Dr.
Amar de Oliveira Castro, D. Argentina Pereira Gomes, são tidos
como dos mais competentes nas respectivas matérias de que são
docentes.

D. Olívia Alves Barboza, professora de Educação Física, fez o
curso de aperfeiçoamento no Rio, durante o período das férias de
dezembro de 1938, sob a direção da competente professora, D.
Helena Keller.

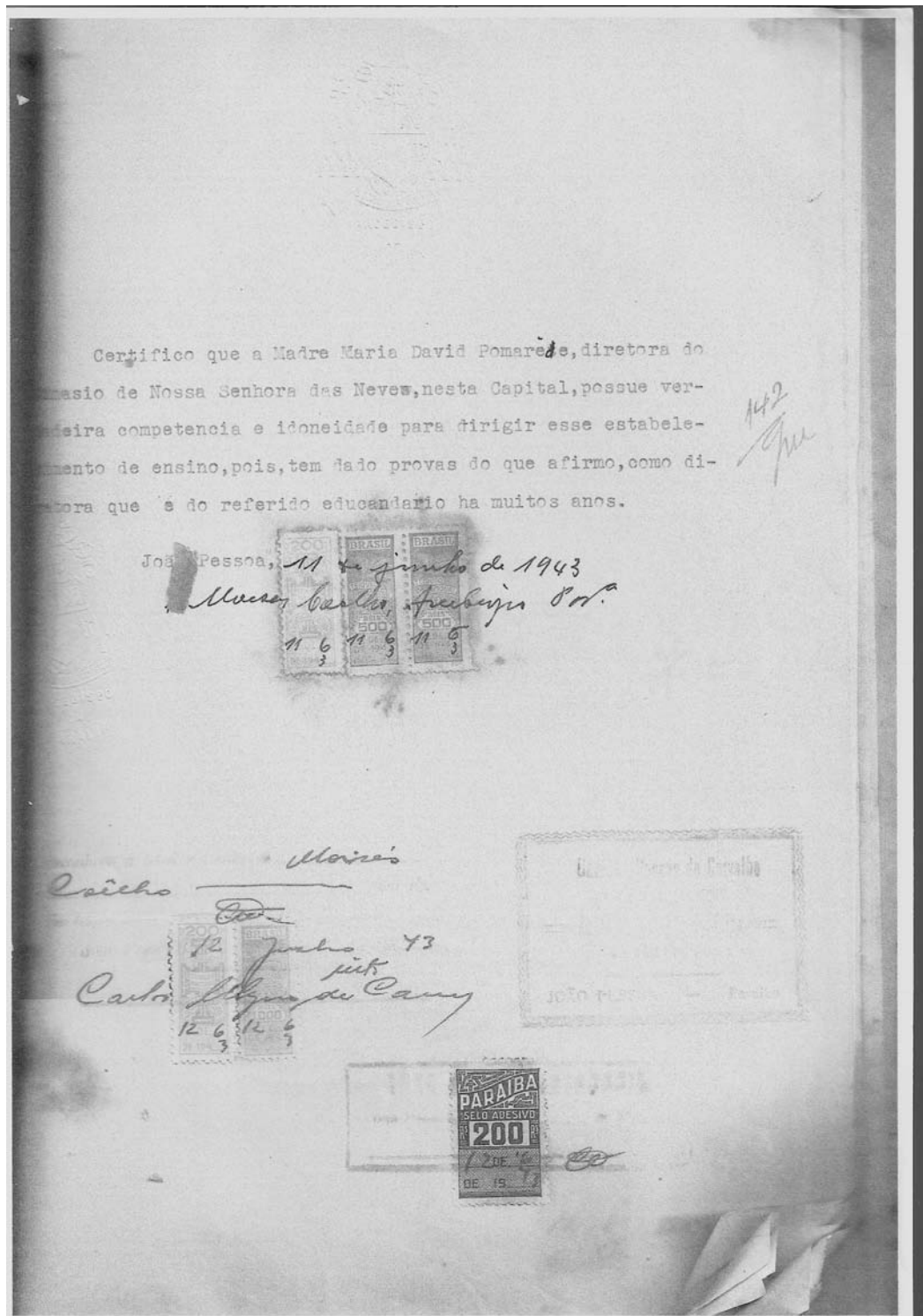
Recebeu lições apropriadas para a sua formação técnica
escolar, sem exceção a ginástica de quarto, a artística, educação
do ritmo, passos de dança ginástica e rítmica, sendo-lhe conferido
diploma.

Diploma de curso especializado também o possui

Anexo E: Corpo docente constituído por Religiosas da Sagrada Família e também de professores do Lyceu Paraibano e do Colégio Pio X.



Anexo F: Atestado de idoneidade moral em 09/06/1943.



Continuação anexo F: Atestado de idoneidade moral em 11/06/1943

MINISTERIO DA EDUCACAO E SAUDE PUBLICA

INSPECTORIA GERAL DO ENSINO SECUNDARIO

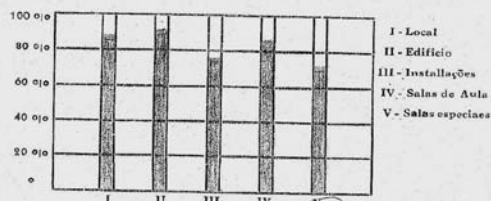
FICHA DE CLASSIFICACAO

Collegio de N. S. das Neves Estado Parahyba
Localidade João Pessoa Rua Praca Dom Alricio N.º 55
Data da Inspeccao de 193...
Regimen Internato, semi-int. e extern. (masc. fem. ou mixto)
Outros Cursos Mantidos no Estabelecimento Primario, admissao e commercial (prim. compl. comm. etc.)
Mantido por Associaçao religiosa (Instituto da Legada Familia) (Gov. Estadual, Municipalidade, Associação ou particular)

DADOS RELATIVOS AO LOCAL:

Systema de Esgoto Rede da cidade
Systema de Abastecimento d'Agua Rede da cidade
Dispõe de Rede Electrica? Sim
Dispõe de Canalizaçao de Gaz? Não
Meios de Transporte Disponiveis Os da cidade
Populaçao da Cidade ou Localidade Hab. (19...)
Numero total de estab. de ens. secundario fiscalizados na localidade

GRAPHICO RESUMINDO OS RESULTADOS OBTIDOS NAS CINCO DIVISÕES PRINCIPAES



CLASSIFICACAO Categoria Bm - 8174 Pontos

A Comissao

Inspector Geral

Anexo G: Critérios de avaliação da instituição em 1938.

Collegio de Nossa Senhora das Neves 24

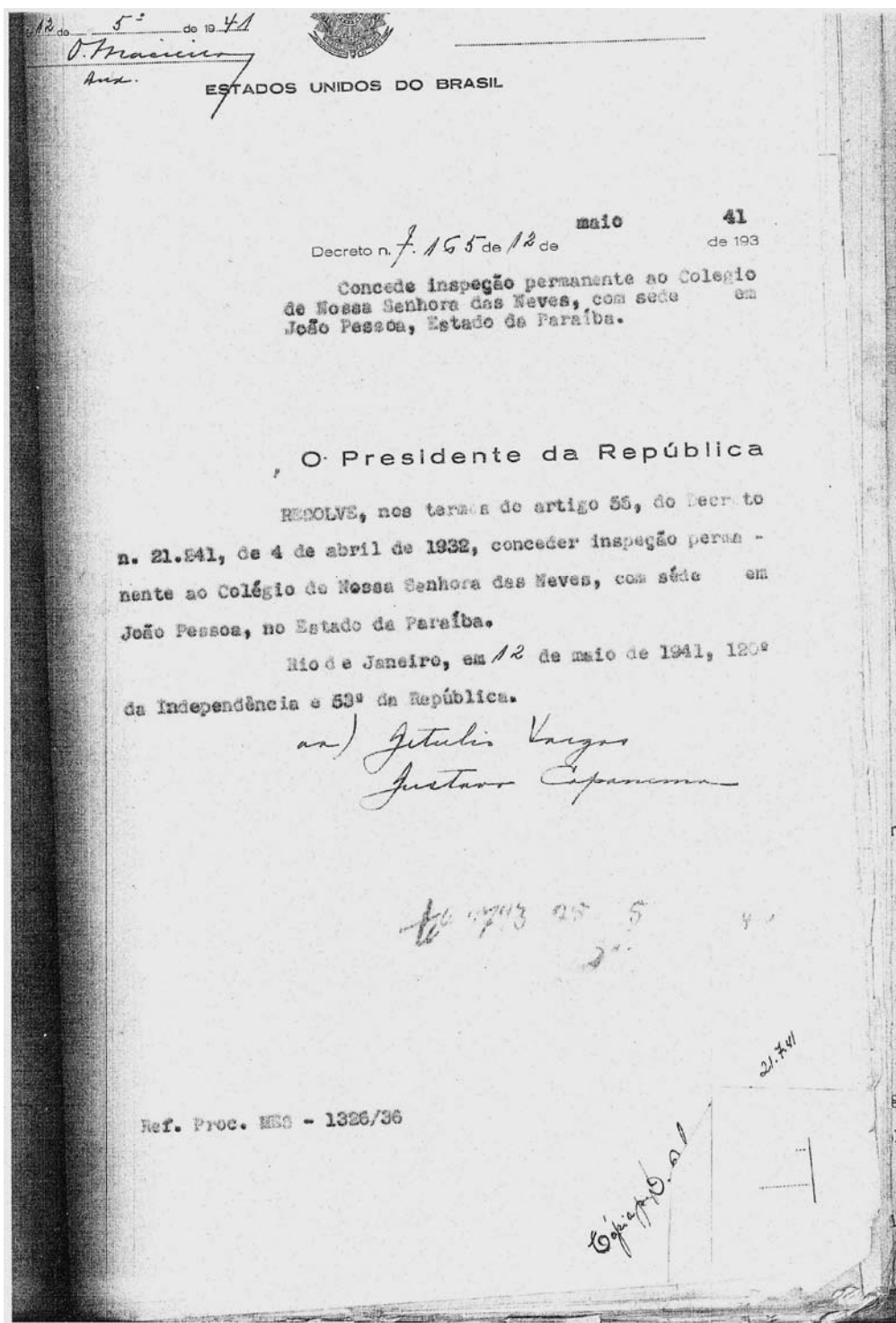
(PARA USO DA INSPECTORIA GERAL DO ENSINO SECUNDARIO)

Assinatura
96
Jun

N.º	Elementos para classificação	1	2	3	4	5	6	7	8	9
I	Situação							890	1000	89.0%
	A - Local				300	300				
1	a - Salubridade	10	3	50						
2	b - Ausencia de ruídos	10	12	120						
3	c - Ausencia de perigos	10	4	40						
4	d - Perturbação da atenção	10	9	90						
	B - Terreno				190	200				
5	a - Natureza	10	8	80						
6	b - Permeabilidade	10	7	70						
7	c - Regularidade	8	5	40						
	C - Areas para recreio e abrigo				400	500				
8	a - Area livre	8	35	280						
9	b - Area coberta	8	15	120						
II	Edificio							1351	1500	90.0%
	A - Disposições				235	250				
10	a - Interna	9	15	135						
11	b - Locação	10	10	100						
	B - Condições gerais				1116	1.250				
12	a - Numero de pavimentos	9	14	126						
13	b - Material	7	18	126						
14	c - Entradas	10	25	250						
15	d - Escadas	8	33	264						
16	e - Conservação	10	35	350						
III	Instalações							1565	2000	78.2%
17	A - Extintores de incendio	8	10	80		100				
18	B - Iluminação	8	35	280		350				
19	C - Caixa d'Agua	10	15	150		150				
	D - Asseio e instalações hygienicas				1055	1.400				
20	a - Asseio geral do predio	8	30	240						
21	b - Bebedouros	7	25	175						
22	c - Lavatorios	10	25	250						
23	d - Mictorios	10	15	150						
24	e - Bidets	0	15							
25	f - Water Closets	8	30	240						
IV	Salas de Aulas							2592	3000	86.4%
	A - Construção e Acabamento				2048	2.320				
26	a - Area	8	50	400						
27	b - Forma	7	25	175						
28	c - Isolamento	10	25	250						
29	d - Quadros Negros	9	27	243						
30	e - Pintura	9	20	180						
31	f - Area livre de iluminação	10	35	350						
32	g - Disposição das janellas	9	16	144						
33	h - Acustica	9	34	306						
	B - Mobiliario				544	680				
34	a - Carteiras	8	47	376						
35	b - Diversos	8	21	168						
V	Salas Especiais e Material Didactico							1776	2500	71.0%
36	A - Auditorio	5	20	100		200				
37	B - Bibliotheca	8	20	180		200				
38	C - Gymnasio	8	22	154		220				
39	D - Sala de Geographia	8	26	208		260				
40	E - Sala de Sciencias	8	26	182		200				
	F - Laboratorios				567	810				
41	a - Physica	7	27	189						
42	b - Chymica	5	27	135						
43	c - Historia Natural	9	27	243						
44	G - Sala de desenho	7	26	182		260				
45	H - Sala de professores	7	17	119		170				
46	I - Sala de administração	7	12	84		120				
					84	10.000		8174	10.000	82%

Assinatura
H. Technica

Continuação do anexo G: Critérios de avaliação da instituição em 1938.



Anexo H: Getúlio Vargas concedeu a Inspeção permanente ao CNSN em 12 de maio de 1941.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
DIVISÃO DE ENSINO SECUNDÁRIO

FICHA DE CLASSIFICAÇÃO

Nome do estabelecimento Instituto N. J. da N. N. Estado Paraíba
Localidade João Pessoa Rua Praca Dom Ulrico Nº 55
Data da Inspeção Dezembro de 19 44

Sexo int. ext. e semi-int. feminino
(Int., Ext. ou Semi-Int.) (Masc., Fem. ou Mixto)
Cursos Mantidos no Estabelecimento primário e comercial
(Prim., compl., com., etc.)

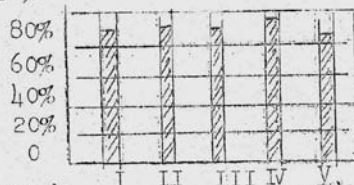
Administrado por (Gov. Estadual, Municipalidade, Associação ou particular)

RELATIVOS AO LOCAL:

Sistema de Esgoto rede da cidade
Sistema de Abastecimento d'Água rede da cidade
Dispõe de Rede Elétrica? sim
Dispõe de Canalização de Gaz? nao
Meios de Transporte Disponíveis na cidade
População da Cidade ou Localidade Hab. (19)
Número total de estab. de ens. sec. fiscalizados na localidade

GRAFICO RESUMINDO OS RESULTADOS OBTIDOS NAS CINCO DIVISÕES PRINCIPAES

100%



I - Local 93%
II - Edifício 94,6%
III - Instalações 91,7%
IV - Salas de Aula 96%
V - Salas especiais 84,5%

CLASSIFICAÇÃO Categoria Bom 9180 Pontos

Helder Camara
A Comissão

Declarado
Diretor

Anexo I: Em 10 de abril de 1945, foi aprovada a classificação que a colocou como categoria: "BOM" e com a menção de 9,180 pontos.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - SECUNDÁRIO

26 JUL 1958	006049
SERVIÇO AUXILIAR EXPEDIENTE	

Do: Chefe da Seção de Prédios e Aparelhamento Escolar da D.E.Se.
Ao: Sr. Inspetor Seccional Ramulpho de Oliveira Lima - Colégio Estadual da Paraíba - Av. Getúlio Vargas, s/nº - JOÃO PESSOA-PB.
Assunto:

Ex. Inspetor:

De ordem do senhor Diretor, remeto a essa Inspetoria Seccional o processo (1º volume) do Colégio Nossa Senhora das Neves, situado nessa Capital e registrado nesta Diretoria sob nº 906, a fim de que o mesmo, a partir desta data, seja arquivado.

Cordialmente,

Maria do Petrócinio de Araújo Castro
Maria do Petrócinio R. Araújo Castro
Chefe Substituto SPAE

Proc. 347/36
SPAE 13-3
LIC/MM

Anexo J: Em 1958, consta no processo de Nº 906, um ofício que emite a ordem de arquivamento do processo em questão (1º volume) na Inspetoria Seccional.

Caríssima Madre Visitante

No calor do sol, uniam-se as verduras em nossas paisagens apesar da estação quente, tudo era alegria, pois uma madre da França vinha, acabava de chegar, dois meses apenas passaram-se. Depois das reaberturas das aulas, nós estávamos contentes de tê-la entre nós e de senti-la em terra brasileira interessando por nossos problemas, escutando com a alma o programa que nós lançávamos-mos, que nos traçava o diretor padre Paulo Pinto. (ele ainda não era, não tinha voltado, não era casado ainda.) O tempo passou bem depressa, sua passagem pelo Brasil chega ao fim, foi um tempo demais por demais, ei-me reunidas de novo mais desta vez para lhe dizer um até logo. Agora nossas palmeiras acolhidas pelo vento cantam diferentemente, a música delas não é a mesma, tem algo de triste, escute bem querida madre e cada movimento vos dirá, quase que no sentido de choro a palavra saudade, sim nó começamos já a sentir esta saudade, você vai partir vai voltar ao seu país, mas nós estamos certas de que os olhos dela não é mais a mesma em qualquer coisa, contém algo de cristo, escute bem estão mais ricos da variedade da paisagem brasileira seu coração mais amante diante das numerosas pessoas que você conheceu, sua alma mais aberta diante das grandes necessidades que você constatou nessa região imensa, nós todas as alunas do colégio nossa senhora das neves e agradecemos a sua generosa visita, bem fazer a para nós todos, obrigada por ter deixado abertas as portas da congregação, aqui no Brasil, pelas quais conhecem todas as graças sociais e onde as alunas são é acolhida, pela caridade em nome das alunas que são filhas de Santa Emília de Rodat e desejamos a sua volta ao seu caro país que a nossa lembrança não se apague em seu coração pelo e sobre tudo sempre em suas orações.

Tradução livre: Ir. Margarida

Anexo L: Tradução do poema Caríssima madre visitante.



Imagem 11: Brasão do hino do CNSN.
Fonte: Ribeiro (1976, p.61)

HINO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

Música de Joaquim Pereira
Letra da Irmã Maria Evelina
Composto em agosto de 1956.

Sob o céu tão azul e tão lindo
Onde Deus uma cruz desenhou
O Colégio das Neves florindo
Muitos Louros feliz conquistou

Coro

Santa Virgem das Neves esparze
Sobre o campo do teu lirial
Uma chuva de bênçãos, e faz
Do Colégio teu reino ideal.

II

Templo santo do amor, da virtude
Santuário do culto ao dever,
Tua glória jamais se confunde

És escrínio também do saber.

III

Ó colegas, avante! Cantemos
Em nosso feliz labutar
O Colégio das Neves honremos
É dever, é prazer estudar.

IV

É aqui que o povir preparamos
Estudando com gosto a sorrir,
E à Pátria formosa nós damos
Esperança de um dia servir.

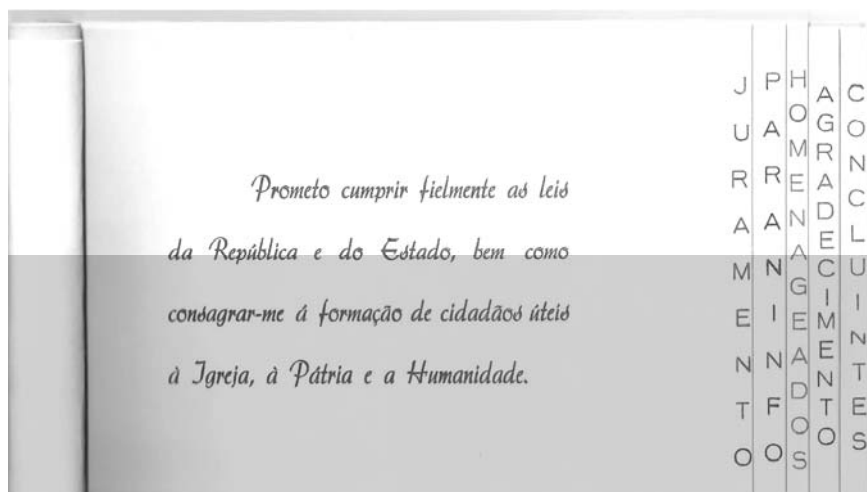
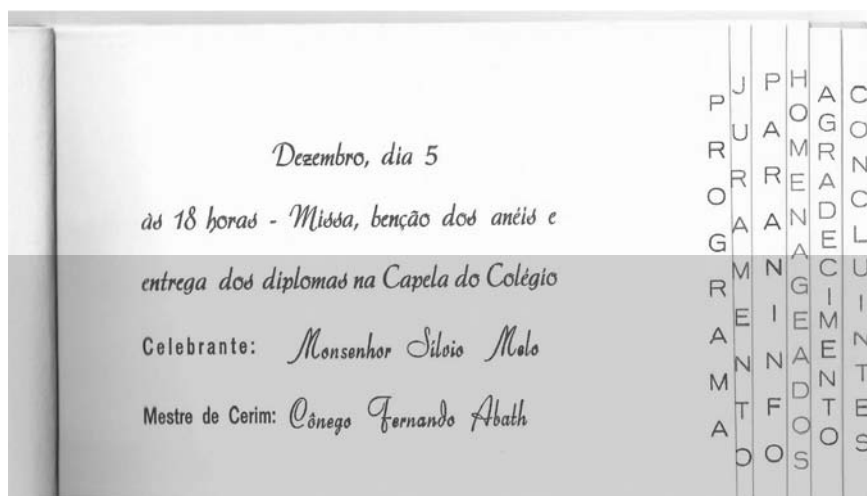
V

É daqui que o céu divisamos
Estudando com fé, com ardor
A doutrina sublime que amamos
De Jesus nosso deus e Senhor.

VI

Vamos todas, colegas, juremos
Esta casa jamais esquecer
Este ninho tão puro queremos
Vê-lo sempre entre os mais florescer.

Anexo M: Hino do CNSN.



Continuação anexo N: Convite da missa da última turma do magistério em 1970.

Patronos	Homenagem Póstuma	H O M E N A G E M E N T E S
Múcio Sátyro	Ir. Maria Evangelie	
Ten. Coronel Mário da R. Dieguez	Dr. Oscar de Castro	
Lourenço de Miranda Freire		
Luis Tavares da Costa		
Max Seager		
Homenagem de Honra	Professôres	A G R A D E C I M E N T E S
Madre Marie du Christ (Provincial)	Isabel Maria Viana	
Madre M. do Cristo Rei (Diretora)	Rosa de Lourdes Garcia	
Homenagem Especial	M. do Carmo Miranda	
Ir. Margarida Maria	M. Carmem Coelho	
Homenagem de Respeito	Antonieta de Moraes Silva	
Mons. Silvio Melo	Josélia Oliveira Chagas	
Ir. Emilia de Jesus	Fernando Carvalho	

<i>A Deus que nos dotou de bens morais e intelectuais, o desejo de amá-Lo sempre.</i>	A G R A D E C I M E N T E S
<i>Aos nossos Pais, incentivadores de nossa formação, a intensidade do nosso amor à causa da educação.</i>	
<i>Aos Mestres, que com dedicação e amor nos prepa- raram, a nossa gratidão viva e profunda.</i>	
<i>Às Colegas:</i>	
<i>"Hei de levar comigo uma saudade tua Há de ficar contigo uma saudade minha."</i>	

<u>Turma "Ir. Margarida Maria"</u>	
Alice M. de Miranda Freire	Maria das Neves L. Melo
Dulce F. Bezerra (Oradora)	Maria da Penha Carmêlio
Josia Bezerra Dias	Mary Elizabeth R. Almeida
Lêda Maria da Costa	Marleide Pessoa de Almeida
Lillian Paiva Rocha	Mariluce Coutinho Maranhão
Maria Aparecida B. Freitas	Nilza M. Pereira de Melo
Maria Cristina S. Fonseca	Rejane Maranhão P. Diniz
Maria Elisabeth L. Vieira	Rejane Pereira dos Santos
Maria Goretti M. Santos	Rosa Augusta de M. Gomes
Maria Lins Carneiro	Selma Lúcia G. Cavalcanti

Continuação anexo N: Convite da missa da última turma do magistério em 1970.

APÊNDICE

APÊNDICE: A

Roteiro da entrevista realizado com as quatro ex-alunas da última turma do magistério do CNSN (1970)

- 1) Quando e onde você nasceu? Em que momento e qual o roteiro de sua vida te levou ao CNSN?
- 2) Antes de freqüentar a última turma do magistério em 1970, onde você freqüentou a educação anterior?
- 3) As turmas eram exclusivamente de mulheres naquele momento?
- 4) A escolha religiosa te aproximou de um modelo de educação que na época era um modelo padrão de educação na sociedade. Isso influenciou de que maneira na sua aprendizagem no decorrer de sua formação no CNSN?
- 5) O ano de 1960 a 1970, vai marcar a formação da última turma do pedagógico do CNSN. Qual era ou quais eram os métodos que você ainda memoriza e que teve influência na sua vida naquele momento?
- 6) O que levou a escolha da profissão do magistério? Por que não optou por outra formação profissional? Que caminhos foram sendo construídos após a conclusão do curso do magistério no CNSN?
- 7) Qual a importância da formação do magistério na vida profissional da mulher naquele contexto?
- 8) Quais as relações dessa profissão com os interesses da família e da sociedade?
- 9) O que projetava para o seu futuro profissional de educadora? O magistério ainda era uma profissão de destaque para o público feminino da década de 1970?
- 10) Dois temas que quero trazer à tona nessa entrevista, em sua trajetória vida, no momento político e histórico, que se estava vivendo entre 1968 e 1970, havia espaço naquele momento, no auge da repressão da ditadura, questões para se discutir no interior de uma escola religiosa, valores morais e o impacto que se tinha nas questões com a sexualidade liberdade de opinião?
- 11) Essa extensão mais conservadora da educação religiosa, sob ter o corpo aos tabus, isso inevitavelmente influenciou naquele momento na tua vida como

mulher, mulher casada, na educação como mãe de seus filhos e como começo, como é que esse processo na verdade vai influenciar ao longo de sua vida?

12) Como é que naquele momento, do AI/5 no Brasil, que acontecia uma série de transformações que estavam com os valores de mudanças, que o mundo de certa forma preconizava naquele momento, por exemplo: liberdade sexual, o surgimento da pílula anticoncepcional, já no finalzinho dos anos 70, liberdade de opinião?

13) A juventude de certo modo modificava o sentimento de transformação social, quais eram os canais de contatos e de percepções que vocês tinham desses movimentos e de que forma a ditadura que se imaginava em primeiro 64, influía na formação de vocês, neste momento nessa conjuntura também?

14) A televisão, o telefone, os meios de comunicação tornou-se mais viável e acessível, agora você poderia ter a sua própria televisão. Naquele momento os canais de comunicação existente restringiram a verdade ao rádio, ao jornal que era uma leitura de uma grau menor de acessibilidade, eles te influenciaram de alguma maneira na forma de ver o mundo lá fora, apesar de um processo repressivo que o Brasil vivia?

15) Neste sentido, fechando algumas questões, eu te perguntaria: o que você avalia do fim CNSN? Em que ano ele terminou? Aquela turma era a última turma do pedagógico? Quais são as contribuições importantes ressaltadas de um colégio que não existe mais, que está apenas dentro da memória de cada um de vocês?

16) Em que ano encerrou as atividades do CNSN?

17) Isto esteve relacionado à opção de formação profissional que estava sendo feita pelo colégio na época em relação ao novo mercado de trabalho?

18) Quanta de suas amigas você pode identificar do pedagógico de 1970, que percorreram o caminho profissional da docência no ensino médio do magistério? Ou melhor, quantas seguiram esta carreira?

19) Quantas alunas eram na Turma?

20) Para finalizar, qual a sua expectativa, em relação a essa pesquisa que resgata a memória, de um modelo de educação que teve o seu curso do magistério encerrado em 1970?

Gostaria de agradecer pela colaboração.

APÊNDICE: B

Roteiro da entrevista a realizado com Ir. Margarida Marcelo Costa: ex-diretora do CNSN.

Entrevista realizada em 19/08/06.

- 1) Ir. Margarida quando e onde a senhora nasceu?
- 2) Qual a sua trajetória para chegar até o CNSN? A senhora começou seu estudo na sua cidade ou aqui em João Pessoa?
- 3) Como foi a sua saída do CNSN?
- 4) Ir. Margarida, qual é a ordem religiosa a qual a senhora pertence?
- 5) A Senhora como diretora dessa instituição, tinha alguma recomendação em especial as demais professoras no que diz respeito a educação conduta moral, religiosa, cultural e política daquela época?
- 6) Irmã Margarida, havia alguma punição pra aqueles que não acompanhavam as diretrizes pedagógicas da escola?
- 7) Havia nas alunas alguma reivindicação contra a educação religiosa?
- 8) Outra coisa interessante que eu tenho pra lhe perguntar isso que diz respeito no que foi vivido no Brasil principalmente em 68 o ano do ato inconstitucional, o AI/5 e anteriormente a 1964 com a revolução militar por estarem nesse contexto mais agitado do mundo de que maneira isso repercutiu na formação das suas alunas e na vida cotidiana da instituição daquele tempo, vocês tinham acabado de passar pelo golpe militar. Isso teve alguma influência na escola? Repercutiu de alguma forma?
- 9) A senhora se recorda quantos alunos concluíram na década de 70 a última turma do magistério?
- 10) A senhora tem informação se todas elas seguiram a carreira de magistério?
- 11) A que a senhora atribuiu naquela época fechar o magistério, a turma de futuras professoras?.
- 12) Ir. Margarida, o CNSN nos anos posteriores ao encerramento da última turma do magistério, passou a ser uma escola mista. Por que isso aconteceu?
- 13) E o encerramento das atividades da instituição em 2002, a que a senhora atribuiu esse fato?

14) O colégio fechou suas portas definitivamente em 2002, exatamente a quatro anos. A senhora acredita que essa escola deixou para nós um legado muito grande, que contribuiu para a boa educação em nossa sociedade?

15) Ir. Margarida qual é a sua expectativa sobre a importância dessa pesquisa, que tem como objetivo analisar as histórias e memórias de ex-alunas da última turma concluinte do magistério do CNSN (1970).

CONTINUAÇÃO DO APÊNDICE B

Roteiro da segunda entrevista a realizado com Ir. Margarida Marcelo Costa: ex-diretora do CNSN (1970).

Entrevista realizada em 26/12/2006.

1) Irmã Margarida, quem estudava em um colégio religioso, naquela época, seria como se fosse uma carta de apresentação para o futuro dessa aluna?

2) Irmã Margarida como era a preparação dessas meninas, elas deveriam estudar para ser uma boa esposa ou para trabalhar?

4) Como eram as formas de castigar as crianças naquela época? Irmã, no Colégio tinha a palmatória, carço de milho, essas coisas?

5) Na hora dos pais matricularem as filhas faziam alguma exigência?

6) Quando a senhora lançou a proposta do colégio para ser misto, qual era o preconceito que mais se tinha na hora de matricular esses meninos e meninas? Teve algum tipo de resistência? Falava-se que poderia não dar certo?

7) Naquele tempo tinha-se algum tipo de restrição com os meninos estudar com as meninas, isso assim, tinha algum medo da sociedade dos meninos prejudicarem a boa conduta das meninas, a boa moral das alunas?

8) No colégio havia professores homens?

9) O colégio chegou a ter internato?

10) O que a senhora acredita que motivava aquelas garotas a serem professora? Ou seja, o que motivava essas alunas à estudar para ser professora?

11) Em sua opinião o que representou para as ex-alunas o encerramento das atividades do magistério?

12) Fechar o magistério, naquela época foi um progresso ou retrocesso?

13) Como deveria ser a conduta daquela moça, a moça de família, aquela que estudava em um colégio religioso, um colégio tradicional como o CNSN? Como essa garota deveria se comportar?

14) O colégio tinha uma escola que funcionava nos fundos da escola, para as crianças pobres?

Gostaria de encerrar agradecendo a senhora pela entrevista.